

PAULO JOLKESKY | RICARDO MARTINELLI



# RETRATOS DO RIBEIRA

A fotografia, em sua essência, sempre foi um instrumento para despertar as memórias. Para o contar de histórias de vida, de tradições adormecidas nos lugares mais inusitados não só deste “mundão sem fim”, mas também do mundo daquele que desafia o instante do clique. Sem se importar se tais imagens são feitas por um olhar profissional ou amador, a fotografia consegue transitar entre os diferentes ambientes sociais, sem qualquer vínculo com dogmas, interesses ou conceitos pessoais.

O ofício fotográfico é singelo em sua totalidade. Por mais que o executor tente imprimir sua própria verdade, a fotografia torna-se alheia a esses conceitos desde que existam leitores que recriem, por sua própria ótica, tudo que a imagem tentou transmitir. Assim, o leitor da foto é tão cúmplice daquela história contada quanto o próprio fotógrafo. Ou fotógrafos, como é o caso do livro que vocês, leitores, têm em mãos.

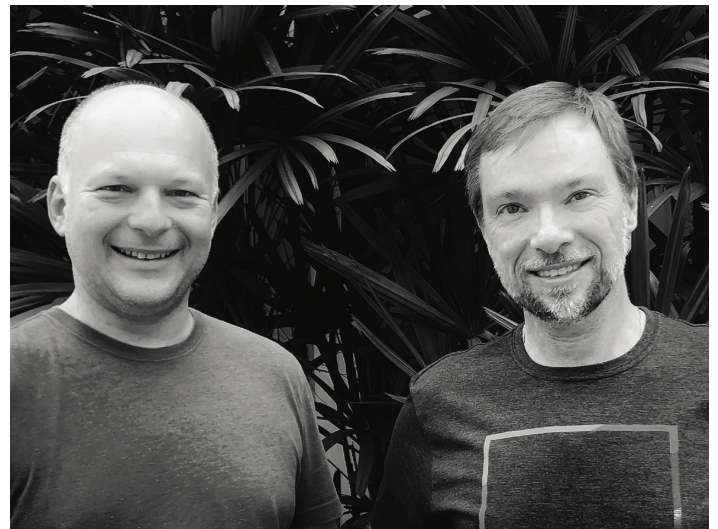
**Retratos do Ribeira**, de Paulo Jolkesky e Ricardo Martinelli, é uma encantadora homenagem a um dos lugares mais sensíveis do Brasil. Seja por sua beleza natural, com sua insistente Mata Atlântica escondendo uma paisagem esplendorosa e um misterioso mundo subterrâneo, seja pelos olhares, gestos e tradições de um povo acolhedor. Sorrisos largos revelam uma simplicidade ímpar, convidam a um passeio por manifestações culturais e religiosas. Povos originários são aqui revelados, pescadores, crianças em seu caminhar pela ingenuidade ou anciões forjados pela sabedoria da vida. Casarios que contam a história pregressa de um país moldado pelos europeus se misturam a casas de paredes de taipa modeladas por mãos resistentes e fortes. Um povo de pele escura e alma colorida é dignamente homenageado em mais de duas centenas de fotos monocromáticas, cuidadosamente produzidas ao longo de sete anos. Sem pressa.

Os autores não mediram esforços para mostrar todos os tesouros, naturais e culturais, escondidos nos cantos do Ribeira e compartilhar com aqueles que agora folheiam este livro. Para homenagear uma região única, teimosa em manter uma cultura secular e a aura de um povo grandioso, que, por mais castigado que tenha sido nas páginas não contadas da história deste país, se renova cada vez mais sólido a cada geração. E, agora, se eterniza nas luzes e sombras das fotos impressas nas páginas a seguir. Com dignidade, beleza e respeito.

### **Adriano Gambarini**

*(fotógrafo e escritor)*

**Paulo Jolkesky**, paulistano apaixonado pela força das artes visuais, encontrou na fotografia um campo de expressão pessoal e aprendizado. Uniu tal paixão à que tem pela natureza, por tradições e pela cultura; e passou a utilizar essa linguagem para se aprofundar na essência do tema-objeto. Fotografar tornou-se, então, aprender sobre o que é fotografado. Com esse espírito, desenvolveu inúmeros projetos e participou de mostras coletivas, como “São Paulo, um Caso de Amor”, no Conjunto Cultural da Caixa; “A Flor na Paisagem”, com foto premiada no Museu da Casa Brasileira; e “Por Onde Andei...”, do Grupo Luminous, em Belgrado. Além disso, integrou Bienais de Arte Fotográfica, no Brasil, e a Biennial Fiap Natura, na Croácia, em 2006. Publicou em livros e periódicos e produz conteúdo para o mercado publicitário por meio de bancos de imagens. Envolvido no mundo da fotografia desde 1993, considera-se um estudante das contínuas mudanças nas formas de comunicação visual.



**Ricardo Martinelli** (à esquerda) começou nas artes visuais por influência do pai, de quem herdou a primeira câmera. Espeleólogo há 28 anos, é integrante da União Paulista de Espeleologia, atividade que o levou a conhecer as cavernas do Vale do Ribeira, suas paisagens e seu patrimônio imaterial. Participou como fotógrafo do “Projeto 32 Cavernas” na elaboração de um dossiê de imagens para os planos de manejo espeleológicos do Alto Ribeira. Fez parte da equipe do livro *Luzes na escuridão – v. I e II*, ao lado de alguns dos mais importantes fotógrafos de caverna do mundo. Participou de concursos, publicações, exposições e Bienais de Arte Fotográfica. Para o autor, a fotografia não deve ser algo apartado da realidade, mas, sim, estimular a preservação da natureza, da cultura e dos costumes locais, gerando uma preocupação sobre como são tratados nossos problemas, para que possamos fazer parte da solução.



**RETRATOS**  
DO RIBEIRA

**Presidente da República**

Jair Bolsonaro

**Ministro do Turismo**

Carlos Alberto Gomes de Brito

**Secretário Especial da Cultura**

Hélio Ferraz de Oliveira

**FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES — FUNARTE**

**Presidente**

Tamoio Athayde Marcondes

**Diretor Executivo**

Marcelo Nery Costa

**Diretor do Centro de Programas Integrados**

Zé Alex

**Gerente de Edições substituto**

Carlos Eduardo Drummond

Para adquirir nossas publicações, envie e-mail para a Livraria Mário de Andrade:  
[livraria@funarte.gov.br](mailto:livraria@funarte.gov.br)

Alguns de nossos títulos estão disponíveis para download gratuito:  
<https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/edicoes-1>

PAULO JOLKESKY | RICARDO MARTINELLI



**RETRATOS**  
DO RIBEIRA

**Equipe de Edições**

Cristiane Marinho  
Gilmar Miranda  
Júlio Machado  
Maria José de Sant'Anna  
Rosilene Alves da Rocha

**Preparação de originais**

BR75 | Clarisse Cintra

**Projeto gráfico de capa (adaptação)**

BR75 | Raquel Soares

**Projeto gráfico de miolo**

BR75 | Thais Chaves

**Diagramação**

BR75 | Thais Chaves

**Revisão**

BR75 | Aline Canejo

**Entrevistas**

Paulo Jolkesky | Ricardo Martinelli

**Apoio logístico**

Marcelo Gonçalves | UPE - União Paulista de Espeleologia

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Funarte/Coordenação de Documentação e Pesquisa**

---

Jolkesky, Paulo

Retratos do Ribeira/Paulo Jolkesky, Ricardo Martinelli. — Rio  
de Janeiro: Funarte, 2022.  
368 p.: il.; 28 cm.

ISBN 978-65-5845-008-5

1. Fotografia. I. Martinelli, Ricardo. Título.

CDD 770.9

---

Joelma Neris Ismael - Bibliotecária - CRB 7-5221

Copyright © Funarte

Todos os direitos reservados.

Fundação Nacional de Artes — Funarte

Av. Presidente Vargas, 3.131 — Cidade Nova — CEP: 20210-911

Rio de Janeiro — RJ | [livraria@funarte.gov.br](mailto:livraria@funarte.gov.br)

[www.funarte.gov.br](http://www.funarte.gov.br)

O Programa Edições Funarte é uma atividade contínua do nosso Centro de Programas Integrados (Cepin), que visa a publicar estudos sobre artes, biografias de artistas, manuais técnicos, catálogos, textos teatrais e pesquisas que revelam o inestimável acervo do Centro de Documentação (Cedoc) da Funarte.

São livros de qualidade cujo teor atende a um nicho específico do setor artístico, o que muitas vezes não os torna atraentes para o mercado editorial. Por isso, a Funarte tem papel fundamental na publicação dessas obras, pois preenche uma lacuna deixada pelas editoras tradicionais. Identificada a importância do livro para uma das linguagens artísticas apoiadas, ele se credencia a fazer parte da lista de publicações do Programa Edições Funarte.

E o livro *Retratos do Ribeira*, por meio de imagens captadas por Paulo Jolkesky e Ricardo Martinelli ao longo do Rio Ribeira de Iguape e de seus afluentes, revela ao público a relação de uma população ribeirinha com seus rios, matas e cavernas. Principalmente, as expressões e as histórias de personagens que ajudaram e ajudam a construir a identidade cultural dessa região do país.

Uma publicação com essa temática atua de forma harmoniosa entre a valorização da arte da fotografia e a divulgação de uma região do Brasil com grande potencial turístico. *Retratos do Ribeira* é, portanto, uma obra de grande relevância para as artes visuais ao mesmo tempo que reforça a importância da preservação da memória e, por consequência, dos bens materiais e imateriais dessa região que é uma verdadeira joia de nossa geografia.

Bem-vindo ao Vale do Ribeira!

**TAMOIO ATHAYDE MARCONDES**

Presidente da Funarte





A gente levanta as mãos pra cima, olha pro rio todo dia  
e agradece a Deus por ele existir na nossa vida.

Silvana Cristina de Aguiar Souza  
Empreendedora, Estrada do Umbu, Iguape (SP)







Dedicamos este livro a cada pessoa que, com alegria, nos entregou um sorriso e uma história sobre sua vida, e nos falou de sua intimidade com o Vale do Ribeira. E a cada pessoa que se empenha e faz acontecer a conservação da natureza profunda e a manutenção das tradições culturais.



“...celebrar a Festa de Nossa Senhora do Livramento é inspirar cultura e expirar tradição...”

Padre Francisco Rodrigues da Rocha Neto  
Paróquia Sant'Ana de Iporanga (SP)







“Quando Ñanderu criou Terra, criou cinco palmeira azul. O violão Guarani tem essas cinco cordas como se fosse cada palmeira azul. Essa viola tem a afinação milenar.”

Cacique Timóteo Verá Tupã Popygua  
Aldeia Takuari, Pariquera-açu (SP)









“Aqui tinha muita ostra nas raízes do mangue. Não tem mais.”

João Teodolino da Silva  
Pescador, Icapara, Iguape (SP)







“...no tempo dos baile, nós dançava era mão esquerda, era uma tar de Nhá Maruca\* que nós dançava esse tempo. E o baile começava sete hora da tarde e acabava lá pras dez hora... era todo final de semana!”

Jardelina Camilo da Silva  
Aposentada, Quilombo Ivaporunduva, Eldorado (SP)

---

\* Nhá Maruca é uma dança tradicional da região, derivada do fandango. Os homens fazem um sapateado usando tamancos.









“Os bois sempre tão aprendendo alguma coisa. Eles não sabe tudo ainda, eles tẽm que trabalhã comigo atẽ um dia assim que eu não teje nem com esse graveto na mão, sã conversando... eles tẽm que obedecẽ sã na voz...”

Ivan Rufino  
Areeiro, Itaoca (SP)







## Na Ribeira do Vale

**O** que você está prestes a conhecer é o resultado do trabalho que nasce de uma espécie de chamamento interno, da vontade de dois fotógrafos que, após anos frequentando o extremo sul do estado de São Paulo, conhecendo previamente sua gente acolhedora e incrivelmente valente, decidem pegar a estrada e enfrentar o grande desafio de contar, por meio de retratos e paisagens magníficas, as histórias de gente que vive ali na “Pátria Vale do Ribeira”.

Que tal fazermos um breve exercício mental? Feche os olhos e imagine um grande rio que percorre dois estados, um rio que atravessa o maior remanescente de Mata Atlântica do Brasil, com importância imensurável relativa a sua biodiversidade e sua beleza paisagística; que, apesar de, ao longo de seu trajeto de 470 quilômetros passar por nove municípios diretamente e tantos outros através de seus incontáveis afluentes, ainda consegue manter suas águas com relativa qualidade; que tem uma bacia hidrográfica gigante e abriga em suas margens um fantástico mosaico de culturas tradicionais. Imagine aldeias indígenas, quilombos, pescadores, manifestações culturais das mais diversas, desde o fandango no litoral até o Tooro Nagashi na cidade de Registro, uma grande procriação fluvial em que os fiéis se atiram no rio para acompanhar Nossa Senhora do Livramento já ali no alto da serra; comidas tradicionais; um patrimônio arquitetônico único na cidade de Iguape; ou o mais simples de tudo, quando em um fim de tarde, em um domingo de sol, amigos se juntam para brincar e mergulhar no rio, um ponto de encontro. Imaginou? Agora pode abrir os olhos, virar as páginas seguintes no vagar das águas “da Ribeira” e você conhecerá um mundo rico de natureza, histórias e História, água, mata, pessoas fortes, enfim, de vida.

Para nós, o Rio Ribeira de Iguape é isso: uma estrada viva, uma imersão cultural sem paralelo, local ímpar, para onde tivemos o privilégio de apontar nossas lentes e compor fotografias com a humanidade em primeiro plano, tendo como pano de fundo a natureza e a riqueza imaterial que paira sobre aqueles vales. Após conhecer as entranhas de cada curva e corredeira, fica evidente que o

Ribeira une as mais diversas culturas, funcionando como uma grande artéria, nutrindo tudo e a todos com suas águas calmas, porém exigentes, deixando claro que sem ele nada existiria.

Fizemos inúmeras viagens para a região, muitas delas antes mesmo de conceber este trabalho. Como espeleólogos, mapeando e fotografando cavernas no Alto Ribeira; ou desde criança acompanhando as embarcações, que naquela época chegavam abarrotadas de manjubas até quase soçobrar; ou em correrias divertidas entre a floresta de árvores e galhos derrubados pela força das águas na Praia do Leste, onde o Ribeira termina sua saga. Desse ponto, dali de tal praia, começou um fluxo inverso à correnteza do rio: aquele dos desbravadores, que desde os primeiros anos da colonização portuguesa usaram essas águas calmas para navegar terra adentro. Nas serras, abriram picadas e rotas de tropeiros, trazendo década por década e século após século novas marcas humanas em meio às florestas e matas. Esse caminho do homem, fluindo ao revés das águas, é o que escolhemos para mostrar estes retratos, por entender que a força do homem está em desafiar seus limites. Nosso relato então começa ali nas areias, com a água doce misturada ao mar, e termina nas serras, lá bem antes dos inúmeros afluentes tornarem este um dos grandes rios brasileiros.

Nas diversas conversas que tivemos com moradores ribeirinhos entre 2014 e 2019, ouvimos histórias e causos que nos levaram a uma intimidade profunda. Alguns desses causos estão ao longo deste livro, acompanhando as fotografias, narrando, nas palavras autênticas e fiéis ao modo de falar, ao linguajar, ao regionalismo, essas impressões pessoais e firmes do ponto de vista de cada um. Mais ao final, o antropólogo Antonio Diegues nos conta a saga do homem naquelas terras desde os tempos do descobrimento, e pode-se dizer, de certo modo, que o Brasil praticamente começou ali.

Esperamos que você também mergulhe neste universo, que este trabalho ajude a conhecer um pouco mais sobre o Vale do Ribeira e perceber que lá não é só o vale do futuro. É também o vale do presente e de um passado riquíssimo, que nunca deve ser esquecido para que equívocos cometidos no passado não se repitam, e onde respeitar o meio ambiente é condição inegociável.

Bem-vind@ ao Projeto Retratos do Ribeira!

PAULO JOLKESKY / RICARDO MARTINELLI

## O Rio Ribeira – encantos entre a serra e o mar

No livro *The Last Jet Engine Laugh* (A última risada do motor a jato), do escritor indiano Ruchir Joshi, publicado em 2002, há uma cena futurista na qual o protagonista Paresh Bhatt, que cresceu nas décadas em que havia água limpa nos rios e nas torneiras, fala de sua imensa saudade de entrar na água e tomar um banho de verdade. Porém, na época dessa cena, situada em 2030, não se pode mais usar a água porque ela é extremamente poluída. As pessoas se limpam usando um tipo de lenço umedecido. Sua filha Para fica com nojo da ideia de tomar um banho com água porque, em toda sua vida, só conheceu água suja.

Ao escrever em 2002, o ano 2030 parecia ser num futuro bem distante, mas agora faltam pouquíssimos anos. Ainda não chegamos ao ponto de ter nojo da água (pelo menos, não de todas as águas), mas chegamos ao ponto de precisar, com cada vez mais urgência, cuidar das nossas águas. Não podemos tomar como certo o privilégio de ter acesso a esse elemento tão delicado e tão vital.

Em novembro de 2006, na equipe do Projeto Sete Rios, realizei uma navegação no Rio Ribeira, de Registro até a foz. A intenção era percorrer pelo rio o maior número de quilômetros, mas, na época, não conseguimos colocar o pequeno barco de alumínio no rio devido ao baixo nível da água. Mesmo no porto, em Eldorado, o acesso ao rio no fim da rampa despencava mais de um metro.

Antes disso, havíamos percorrido o Alto Ribeira de carro, começando na sua nascente na confluência dos Rios Açungui e Ribeirinha, em Cerro Azul (PR), para ir conhecendo o caminho do rio pelo vale que ele cava há milhões de anos. Ao longo da expedição, tiramos amostras da água para a análise de qualidade, seja na borda do rio, seja de barco, onde foi possível. Os resultados das análises mostraram, principalmente, uma piora em vários parâmetros ao chegar nas planícies onde há criação de búfalos.

O Ribeira é um rio belo, único e especial que desce correndo entre as encostas íngremes cobertas por Mata Atlântica até se espreguiçar em ritmo lento pela planície costeira. Passa por comunidades históricas com ar de tranquilidade, simples e aconchegantes, com um povo hospitaleiro. Também

corta grandes áreas preservadas que ajudam na proteção do rio. Apesar da proximidade geográfica com as grandes metrópoles de São Paulo e Curitiba, é um mundo diferente, parado no tempo.

Sem nos projetar para a situação hipotética da Índia em 2030, surge a pergunta: por que não cuidamos melhor de todos os nossos rios? Usamos os rios para jogar lixo, esgoto, pesticidas, agrotóxicos e poluição industrial. E ainda usamos para beber, escovar dentes, cozinhar, tomar banho a mesma água que poluímos dessa maneira.

No Brasil, ainda há muitas famílias sem acesso à água em casa. Os sortudos abrem uma simples torneira, sem refletir sobre a origem do líquido transparente que dela sai. A água limpa que jorra foi coletada em algum rio ou represa distante que nem conhecemos; viajou talvez por quilômetros de tubulações que não vemos, passou por um processo de purificação que não valorizamos até chegar milagrosamente às nossas casas para desperdiçarmos.

Já na escola, aprendemos que a água é um bem precioso, porém não a tratamos como tal. Quem recebe água tratada na torneira muitas vezes não se preocupa em economizá-la, muito menos em não a poluir. Não pensamos duas vezes antes de exigir água de boa qualidade, mas, depois de receber esse presente dos deuses entregue em casa, a devolvemos contaminada para o meio ambiente. E não se pensa mais nisso. Usou, jogou fora.

Ironicamente, o homem precisa de água limpa para viver, porém vive sujando o elemento mais crucial à sua sobrevivência. Centenas de cidades brasileiras despejam esgotos industriais e domésticos não tratados dentro dos rios, considerados convenientes canais que levam a sujeira embora. Contudo, o rio apenas leva até a próxima cidade, que terá que gastar muito para limpar a água novamente.

Durante o Projeto Sete Rios, ao perguntar a qualquer ribeirinho o que acha do rio que corre em frente à sua casa, ouvimos respostas parecidas em todos os lugares por onde passamos. Que a água já chega suja porque rio acima se joga de tudo dentro dele. Mas, na cidade onde mora a pessoa entrevistada, a mesma coisa é feita, sem pestanejar ou considerar os que moram na cidade a jusante.

Vale lembrar a frase do navegador neozelandês Sir Peter Blake, assassinado tragicamente em 2001 em Macapá (AP). *Good water, good life. Poor water, poor life. No water, no life.* Água boa, vida boa. Água ruim, vida ruim. Água nenhuma, vida nenhuma.

Para termos água boa, não basta só não poluir. Precisamos proteger o entorno dos rios, além das florestas que lançam ao ar a umidade que se transforma em chuvas que caem e abastecem os rios do país.

O Rio Ribeira encaixa toda essa variedade em sua breve extensão de aproximadamente 470 quilômetros. É um exemplo perfeito da interligação de vários ecossistemas, desde as alturas até o nível do mar, desde as matas densas das serras até os brejos e as planícies e, finalmente, chegar à restinga na beira do oceano.

E, agora, este belíssimo livro *Retratos do Ribeira* me leva de volta às margens desse rio sinuoso, à sua natureza exuberante e ao seu povo, simples, sorridente e trabalhador. Ao visitar novamente através das lentes perspicazes e sensíveis do Paulo e do Ricardo, ao apreciar tantas obras de arte na forma das fotos e ao ler os depoimentos nos textos, surgem dentro de mim pura emoção e admiração.

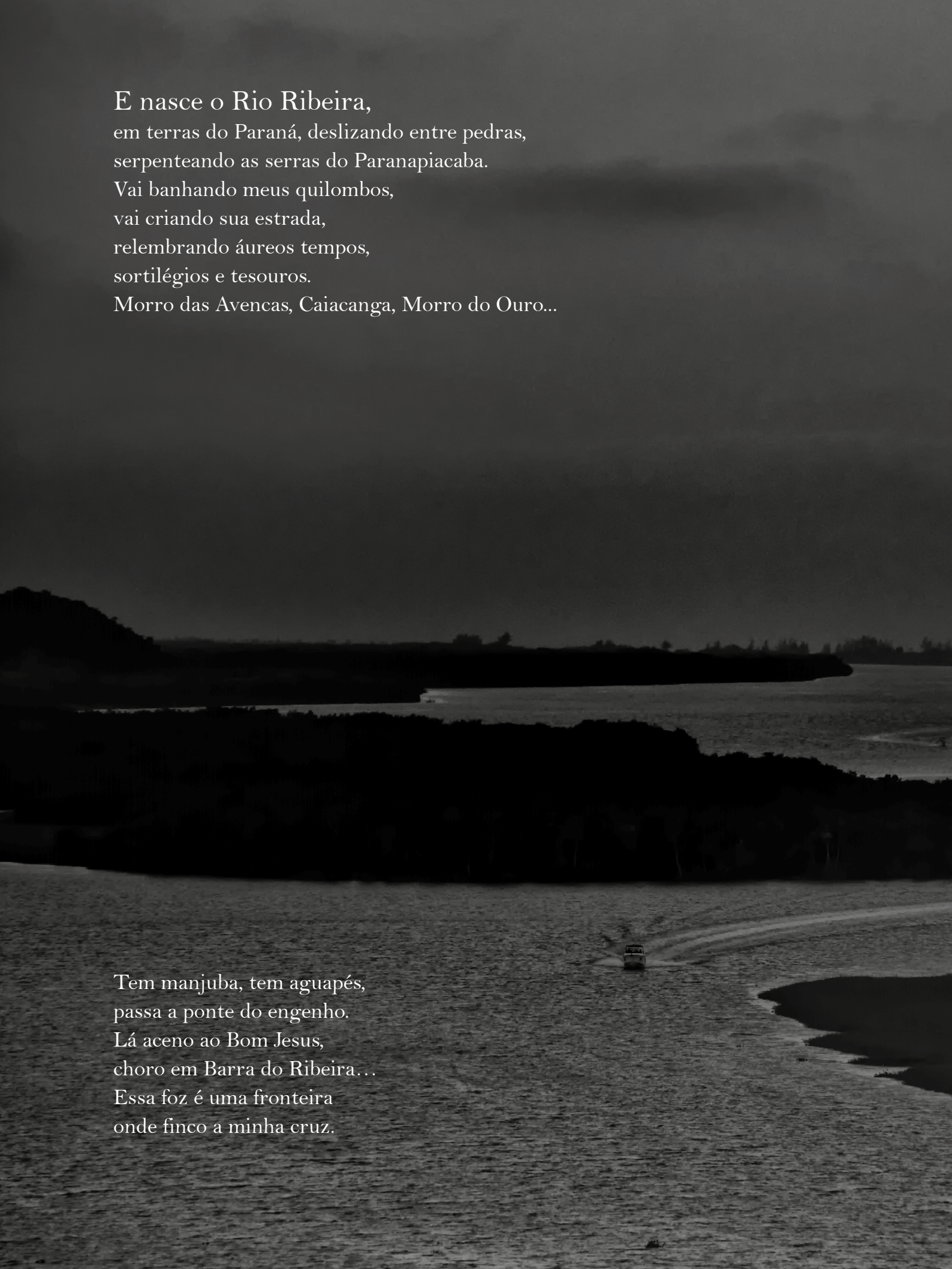
Talvez nenhum outro rio brasileiro tenha a intensidade desse. Quem o conhece sempre terá a vontade de voltar. Quem nunca esteve na região verá neste livro todas as belezas e intimidades de um lugar excepcional. Com certeza, despertará uma curiosidade de ir ver ou rever com os próprios olhos. O Vale do Ribeira vale a pena.

**MARGI MOSS**

Escritora. Fotógrafa. Autora do Projeto Brasil das Águas  
[www.brasildasaguas.com.br/projetos/sete-rios-2006-2007/ribeira/](http://www.brasildasaguas.com.br/projetos/sete-rios-2006-2007/ribeira/)







E nasce o Rio Ribeira,  
em terras do Paraná, deslizando entre pedras,  
serpenteando as serras do Paranapiacaba.  
Vai banhando meus quilombos,  
vai criando sua estrada,  
relembrando áureos tempos,  
sortilégios e tesouros.  
Morro das Avencas, Caiacanga, Morro do Ouro...

Tem manjuba, tem aguapés,  
passa a ponte do engenho.  
Lá aceno ao Bom Jesus,  
choro em Barra do Ribeira...  
Essa foz é uma fronteira  
onde finco a minha cruz.



Água, clara, água turva, vem chegando Ivaporunduva...  
Lança rede, vai pescá  
Trairinhas e aninhás...  
Vejo o baile, Sinhozinho, dessas folhas de uvá!

Pedro Cubas, Xiririca, vai chegando Sete Barras,  
onde tem um puxirão.  
Tão plantando em suas margens braços de jacatirão.  
Tem fandango, tiraninha,  
vem o Porto de Registro,  
ao chegar no Jairê,  
eu me pus a entristecê!  
Viola fandangueira, ponteando um bem querê!

**Música:** "Rio Ribeira", de Lara Cantador do Vale e  
letra de Júlio Cesar da Costa













Teve muita mudança! Em 1970, quando a gente começou a pescar aqui, a Praia do Leste eram cinco quilômetro de praia. Que é essa aqui agora, esse aqui era a Praia do Leste até lá onde tá mais ou menos aquele mar branco, último de lá; então aí depois foi dando a maré foi puxando... tinha o restaurante do Varella, que era na beira da praia, a maré levou o restaurante! E a maré foi indo, foi indo... Aí construíram tudo essas casarona aí, não deu dois anos e tá caindo já. É o clima, né? É o Valo Grande...

Em 1975, talvez, o primeiro que quis construí casa aqui, na Avenida Zacaria lá embaixo, foi o Dr. Elias, de São Paulo. Aí os pescadores falaram pra ele que não era bom construí porque a maré tava avançando, ele não acreditou, depois o amigo dele fez outra casa, aí começaram a pôr pedra, mas à noite a maré vinha e carregava tudo, foi indo e chegou na casa. Depois, foi o Sr. Miguel, construiu nessa avenida aqui, na beira da praia e também caiu, e assim foi indo, tinha casa sobrado, casa com piscina, bonito mesmo, e em prazo de dois anos foi tudo.

Israel Diogo de Mendonça  
Pescador aposentado, Vila Nova, Iguape (SP)



































Eu moro aqui faz 50 anos, sou natural daqui. Mas nasci lá na Jureia, aí vim pra cá faz 50 anos. Aqui já pertence ao bairro Icapara, a família toda tá aqui. Eu sou daqui mesmo da região de Iguape, meus pais eram daqui, meus avós tudo era daqui, que já faleceu, meu pai já faleceu, meu avô, agora estamos a família aí.

Desde que cheguei aqui no mundo, em 1947, meu pai já viveu disso, e fui criado com o sistema da roça, plantava, tinha farinha, pescava, a pescaria mais forte foi aqui em Icapara. Depois que mudei pra cá, aqui era só pescador mesmo, aqui era terra só de pesca mesmo, e plantação também, mas a pesca mais forte era aqui... A manjuba, agora isso daqui (a lida com madeira) desde criança, fui criado com isso. Só que naquela época a gente podia plantar, plantava, colhia, fazia roça, não é igual a hoje... Hoje eu mexo com isso aqui aproveitando as madeiras que tá caindo, porque eu não posso cortar no mato. Se eu for cortar, é perigoso, o meio ambiente vem em cima da gente, então eu trabalho quando a madeira... E eu vejo que não tem perigo eu aproveito pra fazer, vou buscar na praia. Tá caindo lá e eu vou e pego, pois aí já está perdido, não tem como... E dificultou muito o trabalho; roça então não se fala nela porque não pode fazer. Quando na minha idade, com 12 anos — quando meu pai faleceu eu tinha 15 anos de idade —, a gente vivia da roça, a gente ia fazer uma roça, plantava mandioca, arroz, tinha de tudo em casa, mas tudo do trabalho da gente, aí não tinha nada. Mas hoje não pode, hoje se não tiver o dinheiro não come, porque não pode plantar, não pode desmatar, mudou muito as coisas.

Instrumento musical, eu comecei a fazer com 12 anos de idade, meu avô tava na época com 80 anos, ele morreu com 80 e poucos anos, tava bem velhinho e ele fazia, aí eu aprendi com ele. Eu via o jeito que ele fazia, fui tentando, tentando e tudo que ele fazia eu aprendi. A viola, a rabeca, fiz muito, tenho feito muito, faço ainda. Aí passei pro meu filho que é o Odirlei, passei pra ele.

Na época quando eu era criança, dos meus pais, dos meus avós, o fandango nasceu, em geral assim pra nós, uma parte dele era conforme nosso trabalho. Então eles queriam fazer uma roça,

plantar uma roça de mandioca de 30, 40 feixe de ramo de mandioca; aí eles faziam uma ademão, eu acompanhei muito, eu era criança, até ajudava, ajudava a jogar rama no chão, a fazer alguma coisa. Então eles cuidavam, 30, 40 pessoas pra ajudar a fazer tudo num dia só; a cavação da roça. E sempre sábado, que nem hoje, essa hora aqui tava todo mundo na roça trabalhando; aí de noite ia pro fandango, aí de noite tinha o fandango. Trabalhava de dia, aí chegava a noite, ia dançar o fandango, comia, bebia, era o que tinha, da mesma lavoura que já tinha uncado, e fazia o fandango então. Fazia parte da nossa cultura, nosso trabalho, agora, hoje já não podemos, não podemos fazer, porque de trabalho não fazemos o fandango porque não temos do que fazer, vou fazer uma roça pra fazer uma ademão pra incuidar gente pra trabalhar não pode, não tem como.

Essa canoa mesmo, o aração de canoa que meu pai fazia quando era criança, que era original pra nós andar nela, ela tinha cinco metros de comprimento com um metro quase de boca pra gente andar tudo. Andava a família toda dentro dela, era o nosso caminho, o nosso transporte.

A viola, a viola que nós fazemos, ela tem três nomes: viola iguapeana, viola branca e viola caiçara que fala, ela usa só cinco cordas. Viola, rabeca e um cavaquinho, aí já faz um fandango já, só a viola com a rabeca já faz... Fandango, tiramos a folia de reis.

Walter Alves de Lima  
Pescador e artesão (*luthier*)  
Vila Nova, Iguape (SP)













BOLE RAGEM

LEITE S





Me chamam de João do Caranguejo, estou nessa vida desde moleque. Me criei catando caranguejo. Aqui sou só eu e mais um, o pessoal daqui é mais da pesca, do peixe mesmo. Eu vivo disso, vendo aqui na região para consumo. Vendia para o caminhão do Ceasa, mas não vale a pena, paga muito pouco. Por dia, eu tiro umas dez dúzias, mas, pra vender, a turma daqui precisa estar com vontade de comer caranguejo!

O caranguejo também tem a sua época de defeso, a gente não pode pegar quando é época de caranguejo “de leite”, quando eles estão trocando a casca. A fiscalização aqui é dura, não pode pescar, nem jogar rede, nem catar caranguejo, cada um tem sua época. E tem que ser assim, senão vira bagunça, o pessoal abusa. Mas o turista pesca. E tem barco que vem de fora e joga rede. Só o pescador daqui é que não pesca.

Com a água doce do Ribeira por aqui, por causa do Valo Grande, a pesca mudou, diminuiu. Aqui tinha muita ostra nas raízes do mangue, não tem mais. Dava pra pegá tainha na tarrafá, mas agora tá muito raso. A canoa vai até raspando na areia. Tudo por causa da água doce do Ribeira. Se a água salgada tivesse força pra entrá, as raízes estariam cheias de ostras, e de um marisco que tinha antes aqui também.

João do Caranguejo  
Pescador, Icapara, Iguape (SP)

























Iguape é uma princesa  
que cultua feições tão belas.  
Envolta em sua venerável religiosidade.  
Enfeitada pelo seu vestido,  
de águas e espumas...  
Imortalizada em opulências do passado.  
Enfeitada de lirismo e belezas,  
que nos alumbram.  
Em suas festas,  
seus foguetórios e missas,  
sua musicalidade infinita  
e sua incontestável fé.

Júlio Cesar da Costa (Poeta do Vale), Miracatu (SP)



































O governo do Japão não ajudou as famílias, eles se viraram aqui como podiam, só que a vantagem que eles trouxeram de lá é que de tudo veio um pouco, veio médico, carpinteiro, veio pedreiro, de tudo ele mandou pra que não precisasse, porque aqui eles não sabiam a língua, então eles mesmos tinham que se virar. Meu pai falava que eles sofreram muito, não entendiam, é mesma coisa o brasileiro lá no Japão. Hoje não, já tem um intermediário que passa, que traduz, naquela época não tinha isso.

Maximo Tacashira  
Agricultor aposentado, Momuna, Iguape (SP)







Todo o arroz do município era beneficiado aqui no engenho de Jipovura, nessa época que eu estava na escola, tinha três salas de aula. Na parte da manhã 150 alunos e na parte da tarde mais 50. Eu não cheguei a estudar japonês porque quando eu cheguei pra entrar na escola foi na Segunda Guerra, de 1945, aí deu problema. A quantidade de japoneses na época eram muitos, eu não sei precisar pois era muito criança, mas em Iguape tem uma pedra com o nome de todos os japoneses.

Maximo Tacashira  
Agricultor aposentado, Momuna, Iguape (SP)



















Sempre morei aqui, vivendo da pesca. Meu pai já foi criado tirando o sustento daqui, como a maioria daqui da região. Moro acima, no Jairê, no centro. O rio, pra nós que dependemos dele, é o meio de vida nosso aqui. Por isso que a gente tenta manter, preservar. Eu tenho 39 anos e sempre vivi do rio. Muita coisa mudou, falta muito apoio, legalizá os registros, o que coube a nós foi feito; corremos atrás, a gente foi lá, fez, pagou tudo certinho e ficamos esperando o próximo ano, mas já faz três anos que está parado. Já teve algumas apreensões de material por causa disso mesmo, alguns colega nosso, prenderam alguns material de pesca, a gente tem barraquinha que passa o dia; aqui aí a florestal chegou ali e queria levar o material porque não tava com o documento na mão. A gente falou que deu entrada lá, aí eles conversou com nós que, se um motorista dá entrada em uma habilitação, ele ainda não é motorista; concordei com ele. Mas só que há uma diferença: o motorista, enquanto ele não tá com a habilitação na mão, ele não é motorista, mas ele pode pagá pra alguém, fazendo ali a corrida pra ele, mas agora, nós, não. Como nós sobrevivemo daqui, com as conta, tem que mantê a casa, não tem como ficá parado.

Somos felizes aqui, é tranquilo, a gente trabalha a hora que qué, volta a hora que qué, mas falar que a vida de pescador também é fácil, não é.

Célio Roberto Ferreira  
Pescador, Jairê, Iguape (SP)







Sou uma pequena empresária hoje, trabalho com a manjuba, processo ela, sou neta e filha de pescador e resolvi trabalhar com a matéria-prima da família. Sou uma caiçara iguapense, minha família é oitenta por cento caiçara, iguapense, e noventa por cento da família é pescador, e aí a gente começou com um quiosque na beira do Rio Ribeira e fornecia produtos e porções para os pescadores, famílias locais, através desse público, dessa procura, dessa demanda dos peixinhos, da manjuba. A gente começou a processar os produtos e abrir uma empresa pra ter uma renda maior onde a gente começou a fabricar em uma escala maior casadinho de manjuba, moqueca de manjuba, bolinho de manjuba, biscoitinho de manjuba. São os pratos feitos pela minha mãe, aí eu dei continuidade. Minha mãe que começou com as receitas, e a gente fazia um trabalho em equipe, eu, ela, meu pai, alguns tios também que são pescadores e hoje eu dou continuidade, até porque tem um ano e um mês que ela faleceu. Tô criando força para manter vivo isso, que pra mim é como se eu tivesse que guardar um tesouro, para mim isso é um tesouro da minha mãe.

Eu não troco por nada (morar perto da Ribeira), eu amo isso daqui, meu Deus. Traz uma tranquilidade, uma paz de espírito. Morar às margens do rio não tem dinheiro que pague, é muito bom.

Silvana Cristina de Aguiar Souza  
Empreendedora, Estrada do Umbu, Iguape (SP)





Nasci aqui na beira do Rio Ribeira e vivi a vida toda aqui. Estudo Biologia Marinha na Unesp de São Vicente e desenvolvo um projeto para analisar o impacto da poluição na pesca artesanal e na vida dos pescadores. É importante preservar o rio desde a sua nascente. A gente vê isso nos animais. Há artigos que mostram que nos mangues locais há indicadores de poluição na carne dos caranguejos – por exemplo, metais pesados. Foi constatado que se acumula nos animais toda a poluição que vem pelo rio desde as nascentes. Aqui não há geração de poluição, não tanto, mas chega aqui e a gente consome. Precisamos preservar principalmente as margens.

Vida. Eu não imagino a minha vida sem o Rio Ribeira, sem ter esse contato com a água, com o rio, porque eu nasci aqui na beira do rio. O que eu daria para o rio? Proteção! O que eu puder fazer, minhas pesquisas, em mestrado, doutorado, enfim.

Camila Krumier Damosio  
Estudante de Biologia Marinha, Iguape (SP)





















Quando eu voltei pro vale, as pessoas diziam: “Ah... Isso aqui não dá pé!” Mas o que não dá pé somos nós; o vale tem uma riqueza que vocês precisam descobrir, não é o vale da pobreza isso aqui, não. É o vale de muita riqueza! De uma riqueza cultural, uma riqueza natural, uma riqueza histórica. É um museu a céu aberto!

Eu não sou bairrista, mas eu falo que a minha pátria é o Vale do Ribeira!

Lara (Cantador do Vale), à direita, com Julio da Costa (Poeta do Vale)  
Músico, Iguape (SP)









Meu nome é Renato da Silva Mariano, o nome indígena é Verá Mirim, e eu sou cacique aqui da Aldeia. Chama Pindoty, que significa “muitas palmeira”. Pindó é palmeira pra nós. E então aqui a gente tá atualmente com dezesseis família e a aldeia já fez vinte ano já, esse ano. E nosso povo é Guarani, da etnia Guarani, que tem toda a cultura ainda, os costume. Então, dentro da aldeia a gente tem a casa de reza, a gente tem o pajé também com a gente aqui, a gente tem toda a organização própria nossa, que se mantém ainda.

Então, aqui, quando a gente forma a aldeia, a gente vem, não com o intuito de explorar a área, a gente vem com a visão de preservação. Todas as aldeia Guarani é assim. Quando a gente vai mudá, primeira coisa a gente faz uma pesquisa, o que que tem dentro da área, se existe alguma planta que a gente pode utilizá, e se não tem a gente tenta buscá de outra região. Por exemplo, aqui, quando a gente chegamo, o pessoal tirava muito palmito aqui, caçava muito aqui, porque é perto da cidade, o pessoal de fora vinha caçá. Aí nos se instalamo e falamo – não, aqui a partir de agora nós não vamo permiti mais que se caça. E nem tirá palmito. Nós vamo plantá.

Então nós falamo, muitas vezes a gente encontramos, de fora, pessoal na mata e avisa eles. Isso é uma forma de conscientizá eles, de não tirá, em vez de tirá vamo plantá. Aí quando tem, sim, vamo tirá, o pessoal pode tirá, caçá também. Porque nós, eu vou falá um pouco da caça... A gente caça quando é época de caça. Aí, depois que passa o tempo de caçá, a gente ninguém mais caça. Até armadilha memo que a gente faz a gente deixa desarmado. Pra que os bicho se produz, né? Senão acaba. Então hoje aqui tem plantação de várias frutífera. Goiaba, tem palmeira, tem várias fruta, então vem os animais, tucano que não aparecia mais, aparece hoje. Jacu aparece aqui, toda tarde vem muito jacu aqui, muito pássaro. Então a gente tem essa de preservá a natureza.

Então aqui na nossa área hoje a gente tem, a gente percebe que os bicho tá aparecendo. A paca, quando a gente chegamo aqui, a paca não tinha mais. Hoje tem, porque lá no fundo a gente



tem plantação de pupunha, aí a pupunha cresce, e quando dá fruta ele dá todo ano a fruta, aí a gente deixa lá as fruta cair, os pássaro quando come derruba também, e aí a paca come a semente e espalha. Os tucano memo, eles também pega semente do palmito e vai germinando, do pupunha, do juçara, então a nossa aldeia é isso; isso que eu quero que a sociedade perceba, essa parte da importância nossa, porque muitas vezes a sociedade julga sem sabê, sem conhecê. O pessoal julga, por exemplo, o índio, eles fala que acaba com a natureza, sem conhecê, muitas vezes eles fala. Nem vem na aldeia! Nem pergunta! Mas quando a gente tem oportunidade de explicá, a gente fala, e a nossa fala é isso, de preservação, e realmente o que tá acontecendo. Então isso é todo o tempo o que o Guarani fez e vai fazê pra preservação.

Cacique Renato Verá Mirim  
Líder indígena, Aldeia Tekoa Pindoty, Cananeia, Iguape e Pariquera-Açu (SP)





















O que eu vou dizer para os meus filhos? Que a natureza tá acabando?

Levi Fernandes (Pato)  
Pescador, Jurumirim, Registro (SP)









O meu avô veio do Japão para Registro no sistema de colonização, porque o Registro, ele é diferente de outras imigrações. Imigração é diferente de colonização, o pessoal veio aqui não para ganhar dinheiro e ir embora, vieram para ficar aqui. Meu avô dizia: “Daqui eu não saio, meus ossos vão ser enterrado aqui, e assim fique registrado”. Fez a vida dele aqui.

Essa aqui foi a primeira colônia japonesa aqui em Registro, porque em Registro não era município, era Iguape, e lá entrou a primeira colonização, em Jipovura.

Esse nome “Registro”, no tempo da descoberta do Brasil, aqui parece que tinha muito ouro, então os portugueses vinham aqui, exploravam ouro e levavam pra Portugal, e aqui na beira do rio tem um ponto, aí que o pessoal ficava de vigia, onde ficava os fiscais, pra “registrar” o ouro que descia para Iguape, por isso que é o nome “Registro”. Mais pra cima tem uma cidade chamada Sete Barras, porque, quando o ouro ia descendo, diz que tombou ou caiu sete barras ali, de ouro, e ninguém achou mais. Então caíro sete barras, então ficou, a cidade ficou chamando Sete Barras.

A colonização começou em Iguape em 1913, depois Registro emancipou de Iguape em 1914. O pessoal já viero com terreno comprado, local certo, determinado, de mais ou menos 10 alqueires pra cada colono. Esse loteamento, essa colonização então foi dividido assim em cinco bairros. Essa parte da cidade é o bairro número 1, no caso do meu avô que veio em 1927, por aí, já entrou no quinto bairro, a dez quilômetros daqui, em um bairro chamado “Raposa”. Pra administrar essa colonização o governo japonês, na assinatura do convênio, criou-se uma empresa colonizadora chamada K. K. K. K., que é o prédio que tá instalado lá na beira do rio. É Kaigai – Kogyo – Kabushihi – Kaisha. Era uma empresa ultramarina de colonização. Essa construção que nós temos e que agora foi tombada pelo Condephaat e pelo Iphan, ficou como nosso marco da colonização japonesa. Aquele prédio foi construído para beneficiamento de arroz; quando os japoneses vieram pra cá, acharam que era o arroz a cultura do momento, então todo japonês que tinha um pouco de noção de agricultura no Japão começou a cultivar o arroz aqui.

Já existia cultivo de arroz na região de Iguape, inclusive até um arroz que é bastante famoso; naquela época chamava-se “arroz-agulha Iguape”. Motivados com isso os japoneses pensaram: “É, deveria ser o arroz aqui também”. Aí cada família de japonês que entrava nesses lotes, eles plantavam arroz, e cada um plantava um pouco. O governo... então tem que vender esse negócio beneficiado. Aí montou-se aquele prédio K. K. K. K. que era uma beneficiadora de arroz. O prédio mais alto que tem lá, lá ficava o engenho de descascar arroz. A chaminé que tem lá era pra secar o arroz. Acendia fogo numa fornalha e tinha uma secadora de grãos, secava o arroz e depois era beneficiado lá e a outra parte era depósito. Tanto arroz que produziu! E o arroz saía de vapor, né, de barco a vapor, para Juquiá e de lá de trem ia para o mercado. Tanto arroz que produziu que o preço caiu demais e ficou antieconômico produzir. Daí pra cá foram várias tentativas, alternativas de cultura: banana, criação de pequenos animais, bicho-da-seda, né... Frutas...

Bicho-da-seda teve uma época, mas desapareceu, porque na época da guerra foi proibido comercializar a seda, porque aquilo era um material bélico também, era pra fazer paraquedas. Mas acabou, não existe mais o bicho-da-seda, nem amora.

Mas aí, depois, na década de 1930, por aí, descobriram o chá, aí que veio o chá, né, o chá da Índia, várias sementes de chá, aí que o Torazo Okamoto trouxe o chá da variedade Assam, da Índia, aí melhorou, ficou durante uns 30 ou 40 ano na cultura do chá, era a cultura principal, depois é a banana e outras cultura, né. Era noventa por cento exportado, então trazia muito dólares pra região aqui. Por muito tempo foi cultivado pela famílias japonesa, mas depois o pessoal aprende a cultivar tudo, japonês não escondia nada, né, ensinava tudo, então tem outras famílias, não japonês, plantando. Antes de 1975, da lei trabalhista, muitos trabalhavam por produção, então colhia tantos

quilos de chá e ganhava isso aí, veio esse problema das leis trabalhista, então muitos japônês foram obrigado a fechá, e começou a arrendar o chazal, aí como eles já sabiam trabalhar com o chá melhor que os japônês, né, os não japônês começaram a tocar o chá arrendado. Chegou a ter quarenta e poucas pequenas fábricas igual esta instalada na Dona Shimada ali, 44, 45 fabriqueta, daquele tamanho. O chá, ele é muito delicado demais na consistência da qualidade. Depois ficou pra umas sete fábrica só. Dessas sete, uma é não japônês, é da descendência suíça. Hoje tem gente voltando ao chá das fabriquetas, como a Ume Shimada, que faz o chá artesanal. Eu fui criado no chá, me formei no chá, no auge, então eu só tenho a agradecer ao chá, mas... eu tenho vontade que volte outra vez, então tem pessoa como a Dona Shimada lá e as suas criança que estão empenhado, dou o maior incentivo pra que eles continuem e que os outros enxerguem e faça o chá artesanal, né! Tipo artesanal. E nós vamo incentivá pra quem for entrá nesse ramo, de fazer o chá orgânico também. Quero que o mercado ajude essa ressuscitação do chá, porque o chá, ele é uma planta assim bem rústica; com um pouco de trato, ele dá um chá de boa qualidade, não precisa de muito adubo químico, pesticida. A não ser adubo, é uma planta forte e aguenta. E nós temos muito chazal abandonado por aí e é fácil de recuperar.

O junco já veio depois do chá, veio do Japão, para fazer esteira, tatame pra judô, né, chinelo. Inclusive trouxeram máquina do Japão, tinha várias fábrica aqui também! Agora é pupunha e plantas ornamentais, palmáceas, agora tem muitas plantas pra jardim, cultivo, né, e queremos desenvolver também o antúrio de corte, esse também tá começando a tomá um certo caminho.

A história desse Tooro Nagashi é o seguinte: 60 anos atrás, um monge da igreja Nichiren Shu, que é uma das divisões da igreja budista, programou uma viagem para o Brasil, aí ele falou: “Se for pro Brasil tem um parente meu, um irmão que morreu afogado lá no Rio Ribeira”. Aí ele trouxe essa incumbência lá do Japão. Chegado aqui em São Paulo, o Rio Ribeira onde fica, né, Registro. Aí ele veio encontrá a família do Kesao Kassuga, que era adepto dessa igreja, talvez até o único na região; ele mostrou onde que era Sete Barras; falou: “Realmente teve um japônês no passado, caiu ali”, aí acenderam uma vela em cima de uma caixa de sabão, já ouviram falar? Hoje é caixa de tomate, então a testeira da caixa, a parte mais grossa daquela caixa, ele acendeu a vela e soltou em cima da água, aí o Kassuga olhando aquilo ali, mais um amigo dele que era o Sr. Yoshimoto, olhando aquilo ali... “Eu também tenho parente falecido”, então vamos colocar; no outro ano, já acenderam sete velas e durante um bom tempo foi soltado sete velas em Sete Barras, aí vieram para Registro, aqui na beira do Ribeira, e começaram a soltar aqui... Por que vamo até lá se o Ribeira era o mesmo aqui, né? Aquele pensamento mais tranquilo... E descobriram mais pessoas com o mesmo problema, afogamento no rio, aí foi de 7 para 150, 200... Ano passado foram 2.500.

Rubens Shimzu

Engenheiro agrônomo, presidente da Associação Cultural Nipo-brasileira de Registro (Bunkyo) (SP)















































Nas mãos, Jorge Yoshimura segura a Medalha Pedro Álvares Cabral, recebida por Shigueru Yoshimura, em 1976, da Sociedade Geográfica Brasileira “por suas demonstrações inequívocas de admiração aos feitos de Portugal na América”. Na parede, junto às diversas medalhas de judô de seu sobrinho, figura um diploma recebido do imperador do Japão, em honra à divulgação da cultura japonesa no exterior, devido ao trabalho com o junco desenvolvido pela família Yoshimura na cidade de Registro (SP) desde o início da imigração japonesa no Brasil.





Estamos há 63 anos neste balcão. Este balcão que já foi batizado nem sei quantas vezes pelas águas do Rio Ribeira nas enchentes. Temos só meia dúzia de filhos, criados aqui. Aqui antigamente era bom pra plantar arroz. O prédio da K. K. K. K. em Registro era um engenho de beneficiamento, tinha um calçadão pra secar o arroz no sol, na beira do rio. Plantávamos café também, mas dava muita folha e a fruta não madurava. Quando vim pra cá, achei que tinha chegado no sertão, e ficou bastante tempo assim, não desenvolvia, não ia pra frente. O arroz era bom, mas quando veio a guerra tudo foi abaixo (Segunda Guerra Mundial). Os japoneses foram perseguidos, invadiam tudo e perdemos muita coisa. Depois aqui só ficou bom quando começaram a plantar chá, em 1960 e pouco.

A comunidade japonesa aqui mantém as tradições, até na comida, nas festas, no Tooro Nagashi. Eu já falava há muito para a minha mãe que sem os japoneses Registro ia pra cucuia. Ela morria de rir. E antigamente o transporte era todo pelo rio. Ia de barco a vapor até Juquiá e de lá pra São Paulo de trem. Era difícil, demorava mais que uma viagem pro exterior. “E vocês conhecem o Japão?” “Não, temos vontade de conhecer o Brasil primeiro!”.

Tsuneo e Conceição Watanabe  
Comerciantes, Registro (SP)















A banana é o ano inteiro, não tem essa de safra que é de dezembro até fevereiro, março. No tempo frio já diminui um pouco, mas a safra é na época mais quente. O pé só dá uma vez por ano, cortou a banana já era, aí só espera a muda sair, entendeu?

Dá o ano inteiro, mas na época de calor sai mais; se no frio sai uma carga por mês, no calor sai três, quatro... Depois a banana fica no barracão, aqui já embala nas caixas, vai pro caminhão e depois pra São Paulo, pro mercado. Aqui a gente tem trabalho o ano inteiro, ensacando, cortando, adubando. Nós usamos adubo de esterco, que é o melhor, e também o químico, que tem uma medida certa. O ideal é um pouco de cada, o equilíbrio é sempre melhor, mas a qualidade do esterco é superior. Esses sacos são pra protegê, usam três a quatro vezes na nanica, na prata já é uma vez só, por causa que a prata demora mais para engordar e o saco vai apodrecendo. Depois disso vem um comprador para reciclagem, compra por tonelada, R\$ 0,15 o quilo. Apesar do saco ser biodegradável, não pode deixar perto do rio. Na enchente o rio “pega” no bananal, mas o patrão fez um dique que ajuda e quando a água passa tem uma bomba que joga a água pra fora. Faz um ano que pegamos uma seca aqui que afetou a banana, que precisa de água, aí a fruta ficou curtinha. Agora a prioridade é a fruta comprida, o mercado exige qualidade. Na feira não tem problema, mas os mercados têm padrão, eles não levam.

Minha vida é boa, a Ribeira do lado, a gente pesca de rede, de varinha, é bom. Já fui convidado pra sair, pra ir embora daqui pra São Paulo, pro Sul, pra ganhar mais. Aqui a gente não paga aluguel, não paga nada, sair daqui pra quê?

Antônio dos Santos Oliveira (na segunda foto ao lado)  
Trabalhador rural, Sete Barras (SP)





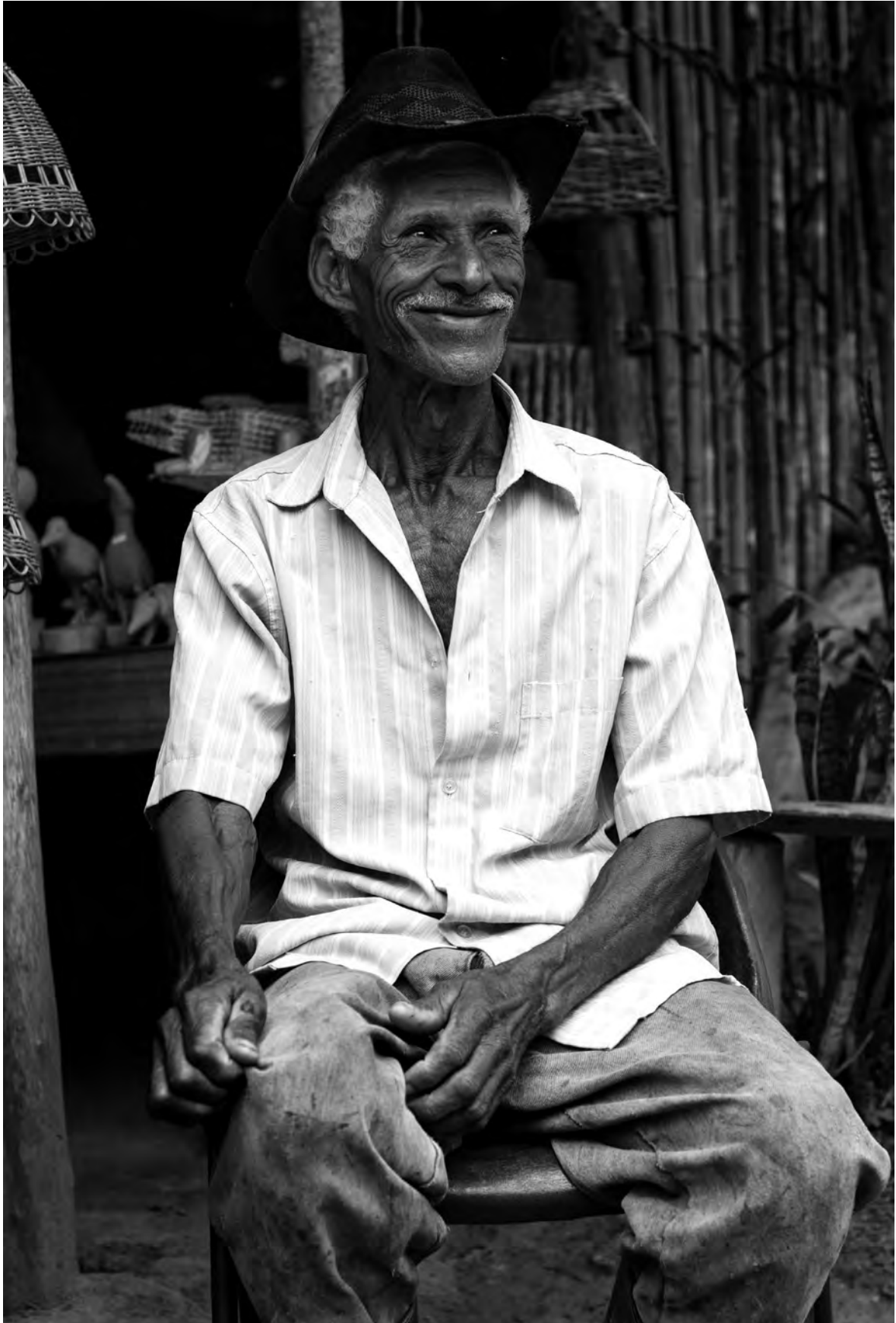
















Todos me conhecem como “Ditão”. Eu nasci e me criei aqui; saí por aí, mas a moradia é sempre por aqui, fiquei até dez ano fora daqui. Assim, é que meu pai morreu na época, então, dei uma saída pra refrescá a cabeça, mas depois voltei e não saí mais. É a raiz, não tem jeito. Eu sou agricultor familiar, o forte meu é a agricultura, trabalho com banana, verdura, legume, essas coisa... e também sou monitor ambiental, trabalho com turismo, trabalho com história também, a história dos quilombo dentro do turismo... turismo étnico-cultural, então trabalho essa questão de diferencial dentro do turismo, isso aí interessa mais pras escola. Temos em média umas 100 visita por ano. Tem bastante estado, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas, Rio de Janeiro, lógico que o forte é São Paulo. A vivência aqui, sabe, pra gente que acostumou, que nasceu e se criou, é difícil a gente tê vontade de sair daqui pra ir embora. A qualidade de vida, ar puro, água pura, sem violência, que aqui ainda não chegou, graças a Deus... E o custo também de vida não é muito caro como na cidade, muita coisa que a gente precisa é produzida aqui memo, isso ajuda a barateá, fica mais barato a vida da gente do que na cidade. Agora, na época das fruta, laranja de graça, abacaxi, limão, bastante coisa assim que você precisa do dia a dia, pra fazê um suco, que você não precisa comprá, tem que prantá pra você tê, galinha, ovos caipira, pão casero, bolo casero, isso faz por aqui memo, não precisa da padaria... Um feijão com uma oreinha de porco, um pezinho de porco... Feijão novo da roça... Então, aqui, graças a Deus, tem isso, na cidade talvez eu podia até tê, mas ia pagá caro, e aqui não, eu não preciso pagá caro, o meu custo aqui é eu produzi, produzindo eu tenho, e uma outra parte é pra comércio, banana trabalha com prefeitura, com Conabe. Turismo tamém é mais uma intéra no orçamento familiar, isso tamém ajuda, mas trocá aqui com cidade acho que eu não trocaria, viu? A gente anda sempre por aí afora, São Paulo, Santos, Brasília, Rio de Janero, e vê que é muito corrido e você tem que andá com quatro olho por conta da violência. A gente faz parte de organização nacional, de coordenação nacional de quilombo e questão ambiental também que eu faço parte, e às vezes acontece alguns eventos

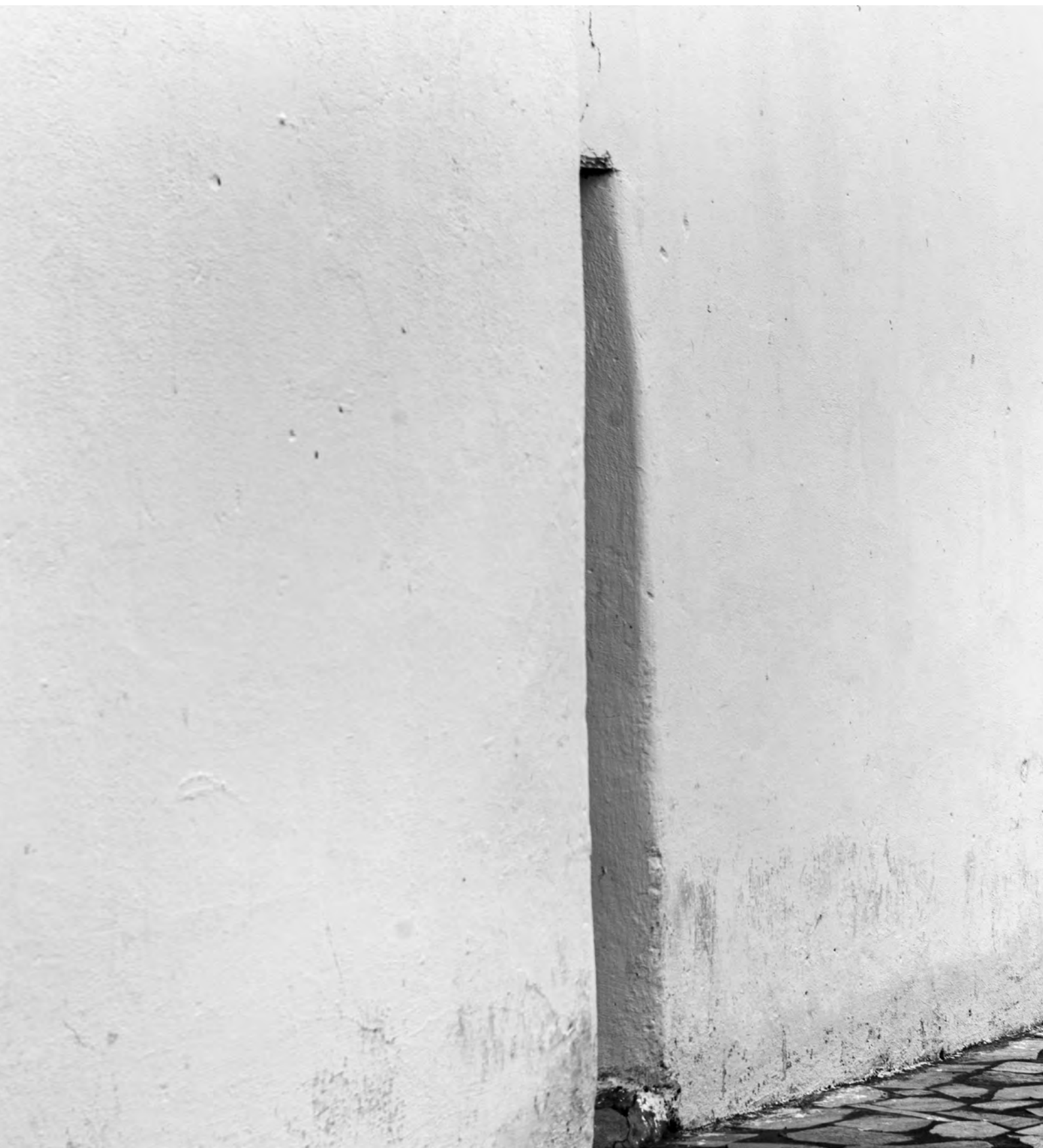
por aí. Tem muita coisa acontecendo aí e a gente precisa saber de que forma a gente pode se defendê ou ajudá, pra diminuí essa questão ambiental. Por exemplo, a água que tá acabando e muita gente não sabe por que tá acabando e começa a culpá os governo. O governo tem culpa, mas na verdade a culpa é da população, o maior culpado disso é a população, ela usa a água sem respeito, polui, usa de qualquer forma, de qualquer jeito, tudo isso aí acaba acabando. Os puço artesiano dentro do nosso estado, são bastante, puço sem controle; quer dizê, a água que tá no lençol freático, a água subterrânea não consegue chegar na nascente porque as empresa desviou, tirou essa água no meio do caminho. A desmatção por conta de troca de economia, então o cidadão pega aí uma bacia, uma microbacia, uma megabacia e ele vai desmatando até o fim pra prantá, sei lá, cana, pino, eucalipto e isso aí, sabe? A água acaba. E acabando as pessoas que precisa da água vão sofrer! Quer dizê, não é só o governo, é o governo sim que tem que criá mecanismo pra inibi isso aí, mas na verdade a população também tem que tê responsabilidade em relação a isso porque a água é rasa; acabou, acabou, não tem mais!

O rio aí pra nós é um rio importante, tem a história aqui, eu posso fazê um resgate da história a partir desde 1559 pra cá, quando chegou as primeiras ocupações que chegô aqui no Vale do Ribeira. A partir do século XVII, um pouco mais tarde, a chegada dos negros aqui pra mineração, do trabalho dos portugueses usando a mão escrava da população negra... A nossa história começa por volta de 1630 e aí o rio sempre foi importante na questão da alimentação, da navegação, que não existia estrada, pra você acessar a cidade era só por meio de água, canoa, essas coisa, e então tem assim com nós uma... é muito forte, sabe? Com nós a história do rio com as pessoa da região aqui do Vale do Ribeira! Lá mais atrás quando a água não era tão poluída a pessoa bebia água do Ribeira, não só pescava, mas também bebia água. Depois de uma certa época o pessoal parô, começô a tomá água das nascentes dos rio pequeno, dos afluente que alimenta o Ribeira. O peixe continua, até hoje pegano, porque no ribeirão mantenho lá uma canoa, assim alguns equipamento de pesca, coisa assim pra consumo, um molinete, uma tarrafinha, uma rede pra pegá o peixe e comê, também é importante demais, porque peixe aqui do Ribeira faz parte da nossa culinária desde o começo! Então... a gente tem um amor nesse rio muito forte.

A questão da Mata Atlântica, estamos aqui dentro cerca de sete por cento segundo os ambientalista. Desses sete por cento restante do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, 26 por cento tá na nossa região aqui, então é uma fatia de Mata Atlântica bastante considerável. Isso quer dizer que boa parte dos animais silvestre tá nesse meio. Ele veio pra cá porque é onde ainda tem um lugar maior pra se abrigá. A diversidade aqui é bastante rica nesse sentido, até assim no endêmico; aqui tem bastante ainda que só tem aqui nesse pedaço de chão. A diversidade, ela é muito rica... O patrimônio genético, fizemos um projeto aqui de levantamento de plantas medicinais aqui, nativa da Mata Atlântica; só de conhecimento tradicional levantamo mais de 300 espécie e boa parte delas ainda não tem o conhecimento científico. Dizê, é patrimônio brasileiro, patrimônio do nosso estado. Tiramos erva medicinal para consumo, já perdeu muito por causa desse negócio de médico, aí as pessoas que se fundava dentro de casa largô mão, mas antigamente era tudo casero, o chá, os “cordiá”, que mesma coisa que chá no nosso dialeto africano, a “meizinha”, mesma coisa que chá, é o mesmo palavreado só que é do dialeto nosso africano que é uma mistura de mato, de pranta medicinais pra curá determinado tipo de doença. Então chama de meizinha, cozinhá um monte de mato pra tomá, certo, o banho de ervas medicinais, isso aí bem pouco utiliza. Mas antigamente era muito utilizado isso aí, mas o conhecimento existe, o conhecimento tamém é um patrimônio.

Ditão (Benedito Alves da Silva)

Líder quilombola, Quilombo Ivaporunduva, Eldorado (SP)















MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS



Brasil





Nasci, me criei e aqui estou. Nunca saí daqui, nem quinze dias... ói, viajá, sobre tema de viagem, de luta, já fui nus vários lugares, inté na Caverna do Diab... (risos). São Paulo várias vezes, Curitiba, Presidente Prudente, Araraquara, tudo os lugares que eu fui, todos são bonitos, mas para morar até o fim da vida é aqui! A não ser que alguém me atrupele! (risos). Tem a raiz, que meu pai nasceu aqui, aqui viveu, aqui morreu. E eu, por que não? Nunca tive vontade de sair pra trabaíá nem anssim de procura de sobrevivência. Tudo mundo saíru, teve uma época que deixaram só três família aqui nesse lugá, e nós ficuemo mais os veinho... tudo foi trabaíá por fora anssim, de meheiro, de tanta coisa, mas depôs foram vortando tudo e aí começô a investi nesse lugar. Olha, nós sempre sobrevivemo da área da roça, arroz, feijão, milho, de tudo que a gente ainda tava aguentando fazer, de tudo a gente fazia um pouquinho e sobrevivia disso, e quando aquele produto da lavoura da gente ia fracassando, aí a gente trabalhava assim de boia-fria, onde arrumava serviço, trabaíava a semana, dos três dia da semana, só para fazê uma ajuda.

Até pra falá a verdade, eu não sou de exagerar, acho que não. Pra falar a verdade pra mim que sou uma pessoa que nasci no mato, sabe que eu... se eu fosse pra mim sobreviver só da natureza, eu nem casa eu não procurava... de tanto que eu gosto! Ai! Debaixo de uma árvore assim, debaixo de uma árvore, pra mim já é uma casa... bom demais! Eu falo que mais tarde, talvez eu me desapareça, suma pro mato com os bichos... terrestres... (risos). Eu sonho com isso! Eu fico oiando certas hora anssim... Onte mesmo inda eu garrei pensar... no Grobo Reporte, eu gosto de oiá esse trabaio, eu vivo pensando: “Por que a gente também num pode morar no mato assim como um bicho selvagem?”. É lindo, é bão! Quando a gente tá na floresta, a gente tem outra coisa na mente, e qualquer coisinha com a gente é uma festa. Só não é festa cobra. Cobra é o único que é ruim. Acho que eu não tenho medo porque elas já picaro duas veis, e nem conta. Era cobra brava, venenosa... Apertei ela com o pé, assim garrei de brincá co’ela. Ela era piqueninha, apertei ela no pé i fiquei apertando ela... achei bonito, achei engraçado que eu queria aprendê isso, meus mais velho diz isso — que a cobra, ela pica a pessoa, ela pula ali e já fica esperando pra atacá outra veis. Aí eu queria saber disso... e num é que é memo? Ela pica e fica. Agora só por tá presa no meu pé, ela manobrava a cabeça, ela dava aquela picada e virava dava outra picadadinha. E eu num tirei o pé enquanto num chegasse gente pra matá ela. Puque se eu tirasse o pé ela corria! Aí fiquei ali e num fiquei com medo... Aí inchô minha perna, eu tive que andá duas hora de viagem drento do sertão... Tava lá no sertãozão! Eu e Jabor, nós tava dormindo numa catova, sabe, que é três hora de viagem daqui nessa catova, drento do sertão. Aí tinha que passá por dento de água, por baixo de pedra, aí isso foi cinco hora da tarde... Aí viemo embora, até onde eu guentei andá de bota, eu andei. Depois eu tirei a bota e Jabor erguia eu anssim pra travessá as passage, pra eu num moiá o pé, quando aremo aqui era oito hora da noite. Daí já as criança já se viraru, foro no Ivaporunduva, ligaram pra ambulância ir me buscá. Essa é a segunda, que a primeira eu me curei no sítio... Tinha o meu sogro, ele sabia fazê simpatia, daí ele fez simpatia... quanto mais longe o fendido tivesse, aproveitava melhor. Me arrependi puque num aprendi, já faleceu... Os mais velho eles tinha uma tradição deles, ele era muito tradicional. Eles vivia na mata, eles sabia. Naquele tempo num existia médico, nem hospital, nada. Se existia, era lá num país qualqué. Então ele memo acabava fazendo tudo, e essa tradição nós perdemo. Já perdemo essa aí! Com esse corre-corre da gente que tá no mundo a gente já perdeu... nossas criança que vêm vindo, nem chá de canela elas vão aprendê fazê! É só comprá no mercado agora... num tem que buscá no mato!

A vida no mato é muito boa gente, num acha? Única coisa que a gente tem que tê é muito cuidado com os equipamento, mexê no mato com força mesmo. Ele traz pra gente uma energia muito positiva, porque drento da terra, entre a terra e a mata, ela tem duas energia, e tudo são boa! E aquela energia, quando ela entra na gente ela transforma a gente. Estudá os bichinho, a moda que eu gostava de estudá... Calhô d'eu tá carinhando um fiotinho de sapo, aquele que tem um rabinho assim... e as crianças: “Ai que nojo!”: E eu “Nada disso! Que nada!”.

Isso traz muito boa coisa pra gente, então na nossa vida na floresta é assim. Quando a gente entra no mato anssim fechado, imita que a gente vê tudo as alma do passado. Credita nisso? Vê tudo as alma do passado, eles conversam com a gente, muitas veis a gente num está nem entendendo aquilo, mas no vento a gente vê que as pessoas do passado, elas conversa com a gente através da floresta. Nunca creditaru nisso? E cura tamém, gente!

Uma veis eu queria muito fazê uma caravana nossa, no sertãozão. Aí lá tem um córgo que chama Guiutua, ele passa drento do sertãozão. E nós queria curuá abeia. As criança tinham passado lá e tinha achado uma abeia num pauzão! Um tocão anssim! Aí eu falei... nós vamo lá nem que nós durma no meio da picada. Aí peguemo e fumo, sabe. De lá dessa capóva nós já seguimo pa frente. Saímo oito hora da manhã, quando nós chegemo lá nesse local era quatro da tarde. Meu menino caçula, Rodinei, tava com sete ano, mais esse menino era um bichinho no meio do mato... Eu tinha até medo, sabe? Esse menino guentô tudo as seis hora de viagem, faça as conta! Oito, nove, deiz... Foi quase deiz hora de viagem! Aí chegamo no paió, vocês num acredito, que era uma pedra enorme, bem mais maior do que essa casa anssim, e por baixo tinha aquele salãozão, digo: “Pronto, encontrei minha moradia!” (risos). Aí peguei o Jabor e já fumo limpando ali... que noi andava com a paiada e tudo. Limpemo, fizemo fogo, fucemo tudo aqueles buraquinho pra vê se num tem inseto. Aí deixamo enquanto uma das criança e Jabor faz janta: “Deixa aí no carderão!”. E deixamo foia cortado já pra depois; que a gente não deixa arrumado, mais a gente deixa duma banda ali no tocado da cobra, que ela tem medo. Aí fizemo bastante fogo ali e a fumaça... quando foi seis hora nós fumo lá pro mato, ainda tinha que caminhá daqui, bem aqui no mato daquele arto, bem longe, e travessá esse rio aí... Comecemo a mexê com a abeia lá e vai... Vai... Nossa, foi tirado um tropézão de abeia, de mel, menino de Deus! Duas latas de tambor assim de mel! Aí saía aquelas roda, aquelas camada, sai aquelas roda que a pessoa não guentava erguê! E eu tinha que distribuí tudo aquilo na unha... Quando eu tomei cor de si, eu tinha tomado quarenta picada de abeia. Mas eu num ligava... eu já tava acostumada a tomá picada de abeia... não me faz mal. Quando nós vor-temo pro paió, lá por uma hora mai ou meno da madrugada, eu pedi pro Jabor: “Caiu! Se derramô um poco o mel!”. Levantemo... ele, aí as criança. Quando nós chegemo cá no paió, na pedra, aí nós tinha deixado o cardeirão enganchado anssim em cima e você sabe o que aconteceu prá nós? Nós tinha assado um monte daquele uru, sabe? Que as criança matava desse modo no meio do mato e tinha ficado de tudo pra nós assá. Só achemo essas petada de uru, o resto a guaxica comeu tudo nossa comida! Sabe o que que é guaxica? É um bichinho iguá a rata pinhar, conhece? É igual aquele, só que no mato quando vem uma vem um monte! Aí pegaro e destamparo o cardeirão, entraro pelo carderão e comero tudo! E aí eu falei: “Num é nada, Jabor, nós fazemo um chá de mel, tomamo, deitamo na cama e dormimo”. E eu tava com uma dor na costela. E pra baixo anssim era uma pirambera, sabe aquelas coisa de pedra, tipo o vão de duas pedra, pra pegá pra furucá tinha um carreiro de paca, aí eu peguei, digo: “Vamo deitá!”. Nós era uns par dele; era eu, Laudo, Daniel, Dinei, Julinho, esse que mora aqui que era um chefe pra nós. Nós era um monte. Dinei, como era

piqueninho, o Jabor punhô ele no meio anssim... E Jabor pegô a espingarda, punhô na cabecera anssim, sabe? Aí... já era alta noite, tão bem certo nós deitemo e apagamo, caímo no sono. Daqui a poco eu me acordei, passei a mão anssim... Cadê Dinei? Aí eu olhei pra lá, ele sentadinho com a espingarda (risos)... Esse caçulinha meu! Sentadinho co'a espingarda igual gente de guarda! Ele ia atirá qu'os óio dele tavo lá no mato!!! Aí eu levantei quietinha... bom fui tê que a espingarda tava armada mas num tava, ele num sabia... no que eu fui falá com ele devagarinho e digo: "Dinei, que é ali?". "Mamãe, a senhora num sabe, ali passô um bicho ali. Eu vi... eu vô atirá!". Eu fiquei quietinha que a espingarda dele num tava armada, digo não, eu num sei armá... Peguei a espingarda e chamei Jabor. Disse: "Verifique bem, você que sabe". Mas ele ficou ali com aquela impressão, mas sabe o que que era? Era uma paca que desceu do carrero pra atravessá e ele decerto tava acordado e viu, aí levantô e foi prali. Aí sim esse dia me deu medo!

Jovita de França  
Agricultora quilombola, Quilombo Galvão, Eldorado (SP)

























Através da música nós entendemos o mundo. Através da música. Ela traz consigo essa sabedoria, né, que nasce dentro de você através da música. A nossa educação tradicional se baseia pela música, na natureza. Diferente do Juruá...\* O Juruá tudo ele tem que escrevê, tem que anotá. Nós não, nós se orientamo através da música, pra aprendê a convivê, a compartilhá. A vida na aldeia tem que compartilhá, assim que nós se organizamo.

Nossa viola tem a afinação milenar, então ela tem somente cinco cordas. No livro\*\* eu escrevi que quando Nhanderu criou terra, criou cinco palmeiras azul, e, então o violão tem essas cinco cordas como se fosse uma palmeira azul, e essa no meio é o meio, é o ponto de partida, de onde se orienta assim, através. Então a cultura Guarani se baseia muito no ciclo da natureza, e o calendário Guarani se divide também em dois ciclos, Ára Haku e Ára Ymã, que é o tempo quente, e o tempo frio. Ára Ymã significa “tempos primordiais”. No primórdio, existia esses oceanos primitivos, e tudo se volta, quando o ano é inverno, volta as suas condições originais. Assim que é nosso pensar do Guarani. O tempo novo pra nós começa a partir de agosto, vai ser o começo no novo ciclo Guarani, que é o renascer da vida, do Espírito Guarani. O Guarani, nessa época de frio, que o tempo volta a esses espaço e tempo primordiais, o Guarani se descansa espiritualmente, então o Guarani renasce a partir de agosto. Na casa de reza tem todo o ritual de abertura, e a partir daí que o Guarani começa a nascer espiritualmente. Cada ano o Guarani se renova através do seu espírito. As folhagens das árvores começa a brotar, começa a renascer também, e o Guarani, como se fosse pétalas de flor, começa a abrir o seu espírito.

A nossa existência está diretamente através da terra, através da natureza. Então essa sabedoria é contada pelos mais velhos, nesse canto. E na língua Guarani é sempre uma palavra poética, uma poesia. É sempre através da poesia, através do canto sagrado Guarani que nós curamos as pessoas, por exemplo. Se a pessoa tá doente espiritualmente, físico, mas através da sua poesia, através do canto, essas “Belas Palavras” que nós começa a curá as pessoas. O Guarani é um povo muito forte em sua essência. Essa é a essência do Guarani, do Guarani Mbyá.

Cacique Timóteo Verá Tupã Popygua  
Líder indígena, Aldeia Takuari, região de Eldorado (SP)

---

\* Juruá, termo de referência aos não indígenas, significa, literalmente, “boca com cabelo”.

\*\* POPYGUA, Timóteo da Silva Verá Tupã. *Tyryrupa: a Terra uma só*. São Paulo: Hedra, 2017.







Eu memo buscava lá na mata, eu memo cortava, intão a gente tá ficando mais velho, tendo dificuldade, tem que passar por muito lugar difício, então passei a comprá, outra pessoa que corta pra mim. Mais antes era eu mem' cortava. Fazia tudo o serviço: cortava, preparava, fazia... então de um tempo pra cá eu resolvi de pagá pra outra pessoa cortá pra mim. Meu próprio filho trabalha comigo, prepara o material, deixa no ponto pra eu fazê; o meu serviço é só a montagem. Eu compro lá em Eldorado. Tem muito cipó na mata, muito muito muito, mas só dá pra fazê esse trabaio só essas duas qualidade, o cipó timbopeva e o cipó imbé. Tem muita variedade na mata, só que não serve pra nada. Esses aí é uma raiz que forma lá na copa da árvore. Desce pra baxo, a gente tem que cortá o que tá maduro. Se não cunhecê, corta o que não presta, se tá verde ainda não dá pra fazê nada. Tem que cortá a madura e deixá a verde pra amadurá, passa uns quatro ou cinco ano, passa lá de novo, tá bom e corta de novo. Também se cortá tudo a árvre acaba, seca a copada lá e aí nunca mais. Não nasce mais. Tem que controlá. Eu ensinei pra pessoa que corta, ensinei: "Óia, tem que sabê cortá, não pode cortá tudo senão acaba. Corta o maduro, vem otro! Tem que mantê, senão acaba! Sabê cortá, senão acaba lá onde cria isso aí". Intão, quando eu cortava eu fazia assim... A gente corta um e vem outro. Eu conversei co pessoal que corta, olha... é assim, assim, assim. E prejudica inté a natureza! E aprenderam! Eu ensinei, aprenderu!

Renato Moreira  
Quilombo André Lopes, Eldorado (SP)



Sou monitora ambiental e vivo no Quilombo André Lopes, e, ah, o Rio Ribeira pra nós acho que é tudo! É da onde a gente tira tudo! Toma banho, a gente pesca, a gente faz, bem dizer, tudo. Não tem água em casa, lava louça no rio, lava roupa no rio... e... é tudo! Faz parte da nossa vida! E quando chove? E, quando veio a enchente de 1997, a gente morava numa casinha de teipa, eu e meus irmãos. Nós éramos todos pequenininhos. Eu tinha uns 6, 7 anos. Aí... minha mãe não tava em casa, meu padrasto não tava em casa, a gente tava sozinho e a água foi enchendo... madrugada... e a gente... se não fosse a minha vó — eu chamo de vó, mas a mãe do meu padrasto — acordá a gente, senão a gente ia morrer afogado, que ela acordou a gente e a água já tava na porta da casa. E a gente saiu assim; criança... só saiu com a roupa do corpo.

Aí o pessoal mesmo, um ajudando o outro, foi tirando com a canoa o que dava pra tirá, mas, não fosse por ela a gente ia morrer dormindo. Tudo criança. Minhas irmãs eram... tinha uma irmã de 5 anos, uma irmã de 4 anos, então... O único mais velho que tava com nós era meu irmão que tava com 12 anos, ele que foi tirando a gente de dentro de casa pra se salvar.

Juliane Jamille  
Monitora ambiental, Quilombo André Lopes, Eldorado (SP)











Somos neta e bisneta de Luiz Nestlehner. Ele foi um personagem importante aqui. Antes de se fixar em Iporanga, trilhava a rota dos tropeiros desde Apiaí e também até o litoral. Antigamente, chegavam pelo Porto de Iguape muitas mercadorias da Europa, linho de Marselha, champanhe, seda; e daqui saíam café, arroz, chumbo e outros minérios. Em Iporanga tem até lampiões vindos da Bélgica, foi uma das primeiras cidades a ter iluminação pública. A casa da avó era o entreposto, onde se descarregavam os barcos a vapor e tudo subia a serra em lombo de mula. O avô austríaco se apaixonou pela avó iporanguense e aqui ficou. Fez o primeiro plano urbanístico da cidade, construiu a pavimentação típica, explorou as cavernas e deu o apelido à cidade de “Capital das Grutas”. Por causa do Valo Grande, o Porto de Iguape assoreou, e acabaram-se as viagens nos barcos a vapor. Em 1968 foi aberta a estrada e os tropeiros também acabaram.

E hoje nós ajudamos a preservar essas histórias. Nós duas somos arquitetas, adquirimos este casarão e estamos restaurando e colecionando estas peças antigas, ferramentas, cartas e tudo o que conta a história dos hábitos daqui. Quando a cidade foi tombada como patrimônio na década de 1980, tombou-se materialmente a miséria. Entre 1940 e 1970 Iporanga estava no auge da pobreza, as crianças morriam, era um abandono. Hoje, com o turismo mais estruturado, a cidade voltou a se desenvolver.

Ana Beatriz Nestlehner (na foto acima) e Arlete Nestlehner  
Arquitetas, Iporanga (SP)

























Me perguntaram se sou feliz aqui... Claro! Lógico! É um privilégio viver aqui tão perto da natureza, essa é a nossa grande riqueza! Eu já fui secretária de turismo e de meio ambiente na prefeitura de Iporanga e hoje vivo de arte. Percebi que grande parte do lixo nos aterros sanitários era composta de vidro e era destinada ao meio ambiente e não à reciclagem. Minha curiosidade me levou a pesquisar e conhecer formas de derreter o vidro e transformá-lo; um caco de janela pode virar uma linda travessa. Em menos de três anos já reciclei mais de 500 garrafas e mais de 150 quilos de vidro plano, mas ainda é pouco. Eu consigo reciclar até 90% das sobras das vidraçarias, mas quanto às garrafas é mais difícil coletar, e o povo aqui bebe muito! Eu tenho então o meu ateliê onde faço esse trabalho delicado; e tenho um projeto de montar oficinas para ensinar às pessoas essa arte, e estou buscando parcerias para isso.

Aqui a energia é muito boa, é difícil viver no caos de uma cidade grande sem buscar a energia da natureza para revigorar. E o Rio Ribeira traz a sensação de respeito; pela sua força nos mostra que temos que preservá-lo. Ele está em constante movimento, o que faz a gente pensar no movimento da vida também, como algo que flui sem parar.

Janayna de Oliveira Franco  
Artesã, Iporanga (SP)















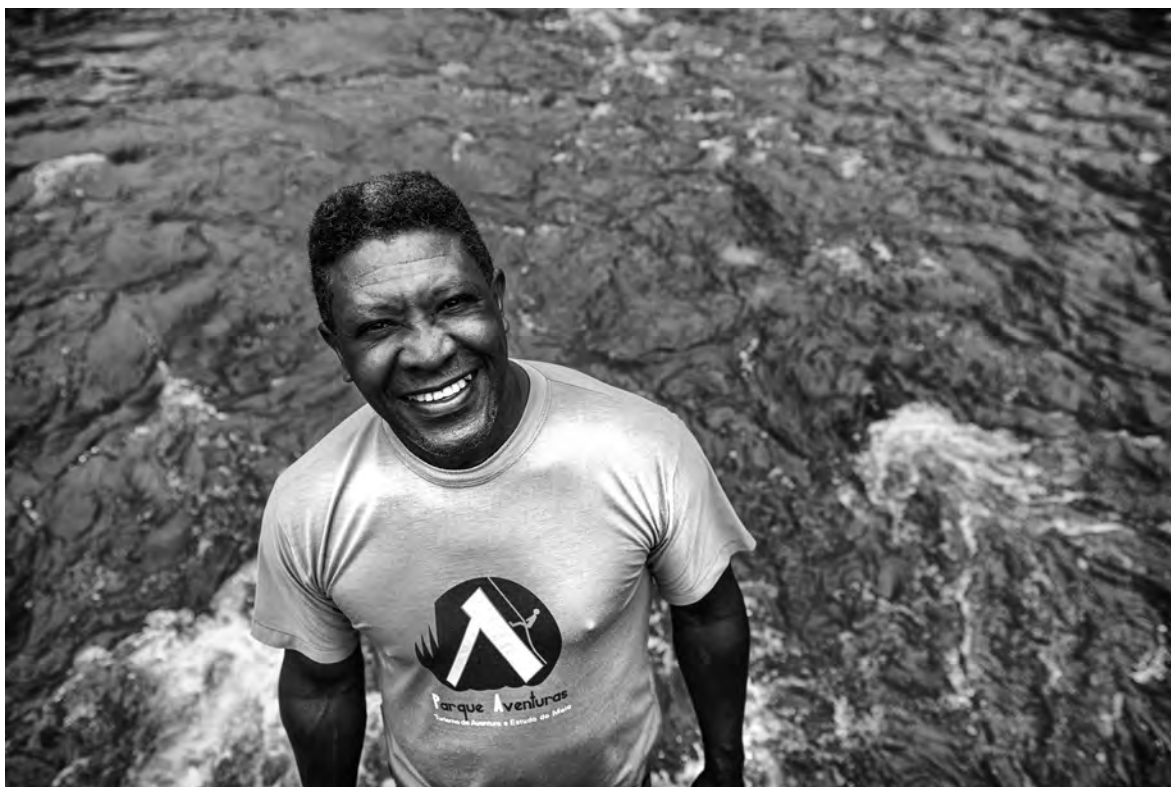












Sempre morei aqui, sou nascido aqui, saí um pouquinho, fiquei oito anos fora daqui, mas, assim, oito anos muito próximo, aqui em Guapiara, vizinho aqui. Minha história de vida é um pouco extensa, mas vamos dar uma resumida, eu sou filho de um descobridor de cavernas chamado “JJ”, Joaquim Justino, e venho acompanhando os traços de vida dele desde muito cedo, sou o primeiro filho da família, estou com 52 anos. Tem uma brincadeira que eu faço aqui com o pessoal, digo que sou uma espécie endêmica do Alto Ribeira!

Então eu venho seguindo os passos dele, comecei trabalhar muito cedo, minha infância foi praticamente de trabalho, com 7, 8 anos já estava na lida, no dia a dia com meus pais e depois saí um pouquinho, fui morar em uma cidade vizinha chamada Guapiara, já prestando serviço para um amigo dele, o Pierre Martin, que é uma lenda hoje da espeleologia, tanto é que tem um grupo chamado Pierre Martin em homenagem a ele, e trabalhei oito anos com ele, na silvicultura, na fruticultura, depois voltei para o meu bairro, trabalhei na mineração, extraíndo chumbo, não diretamente, mas eu transportava, depois trabalhei no IPT, o que foi um pontapé para eu vir parar no turismo, porque, não se vê que eu estava andando em uma, eu já sabia disso, mas deu uma fortalecida nisso, andando no remanescente de mata que tem, onde eu tive a oportunidade de sair aqui do Quilombo Porto Velho e ir até a BR-116 andando pelo meio da mata, encontrando diversos rios, cachoeiras, eu falei, nossa, eu estou em um paraíso! Depois eu vim parar no turismo, em 1985 eu ajudei o Hermeto Pascoal com a sinfonia do Vale do Ribeira, uma coisa frustrante pra gente hoje, mas no passado foi uma coisa boa porque, uma atividade que foi dentro de caverna, uma coisa nova, não havia legislação nem nada, então a gente achô que estava fazendo uma coisa muito bacana (entrevistador: e que hoje todo mundo condena). Mas a vida é um eterno aprendizado, só continua praticando coisa errada se quiser, porque tem a forma de... se não, não! Aprendi isso com meu pai!

Eu não descobri muito não, cerca de umas dez cavernas, uma das mais importantes para mim foi o Abismo Juvenal, que tem o Projeto Juvenal de 2001 a 2005, onde nós descobrimos um fóssil da Megafauna. Isso foi para mim um marco muito importante, já datado com quase 3 mil anos. A segunda, na propriedade da pousada que eu trabalho, a gente estava fazendo uma limpeza de divisa e entre uma rocha e outra tinha um burquinho e um dos amigos falou assim: “Puxa, Jura, é verdade que tem gente que consegue entrar em um burquinho assim?”. Eu falei: “Tem”. “Mas os caras são loucos, aqui não cabe ninguém!”. Eu falei: “Cabe! Tem uma técnica para você passar aí, cabe sim, você quer ver? Deixa eu entrar pra tu ver?”. Aí comecei a entrar e já percebi o ar gelado, a gente com a informação já tem o conhecimento básico, corrente de ar, o cheiro característico de caverna, eu falei: “Gente, não é por nada não, eu vou voltar em casa porque eu acho que descobrimos um abismo aqui, vou lá buscar capacete e corda”. Fui lá rapidinho e busquei equipamento, lanterna, cheguei lá era um abismo mesmo, já está cadastrado e mapeado, se chama “Abismo Amigos”.

Falando um pouco mais sobre o Projeto Juvenal, tem uma coisa importantíssima que está bem relacionada com o dia a dia da gente, é o esquecimento. Projeto Juvenal, e aí, o que significa, o que é Juvenal? Normalmente fala... aaah, deve ser um cara que descobriu tal... realmente, mas a história que vem por trás é muito bacana, descobri que era um senhor que nasceu em 1909, na época da Revolução de Estado (Revolução Constitucionalista — 1932), ele na tentativa de esconder os porcos dele, pois passavam os militares coletando, pegando comida, animais para alimentação, ele pegou e foi esconder os porcos dele em determinado ponto, usando parte da parede da rocha como cerca, abrigo, aí ele descobriu que era um abismo. Só na década de 1970 que foi a primeira incursão para explorar o abismo.

Jurandir Aguiar dos Santos (Jura)  
Guia turístico, Bairro da Serra, Iporanga (SP)





















































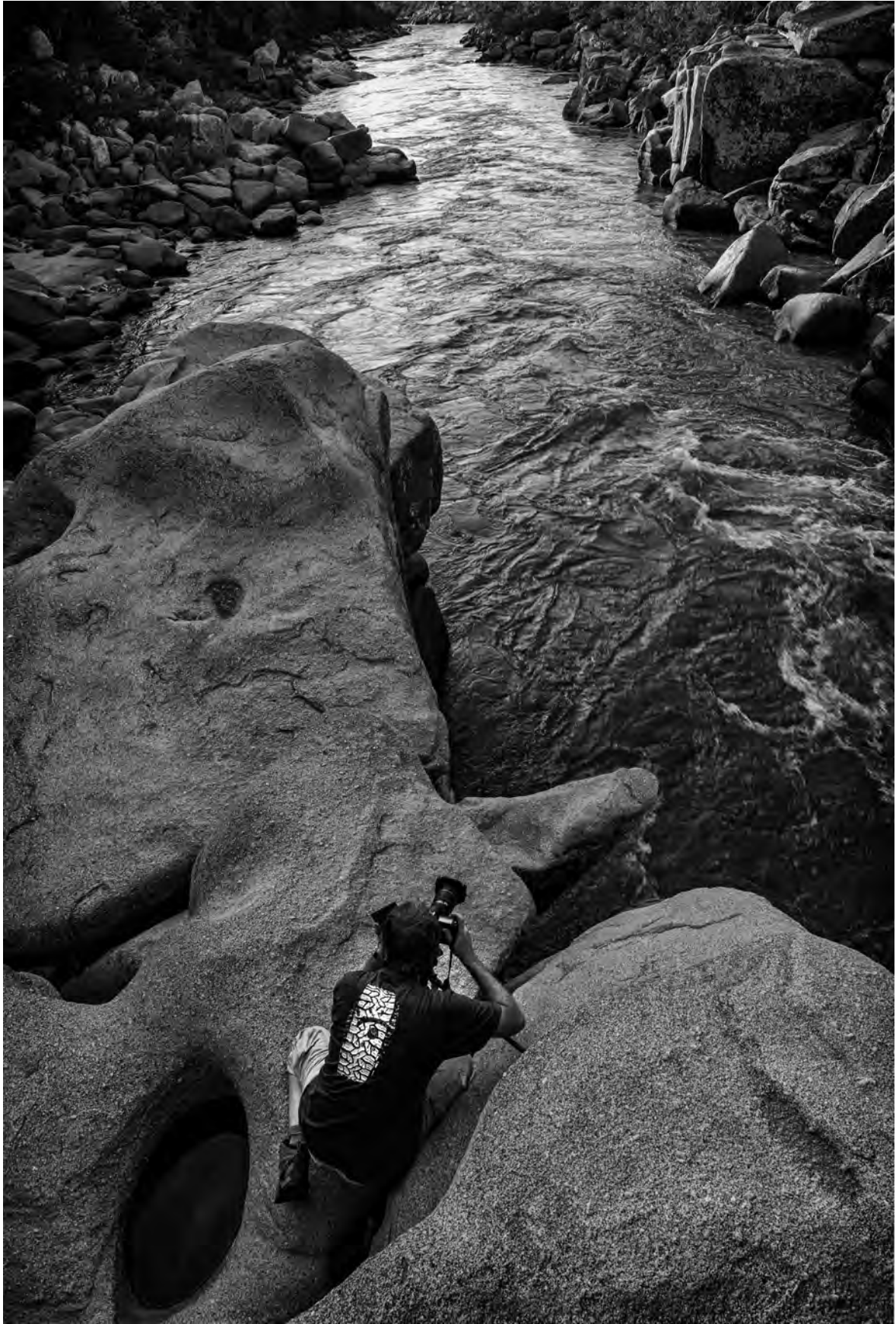






















Sou conhecido popularmente por “Dito-Bento”. Tenho 83 anos e vou contar a história da Revolução de 1932, a história de meu pai. Ele estava em Apiaí no dia em que a tropa do sul chegou e tinha uma turma de soldados (constitucionalistas) aqui em Itaoca. Naquele tempo o aviso era “no grito”, não tinha comunicação de outro jeito e eles não achavam a pessoa pra enfim avisar pra turma de Itaoca se retirar. Meu pai tava na casa do irmão dele lá em Apiaí e foram até lá e falaram com ele se podia vim e trazer um recado pra eles. Aí fizeram uma mensagem, um bilhete, ele pegou, tirou a bota do pé, pônhou a mensagem na bota e ficou esperando até que carmasse, quando ali mais ou menos meia-noite carmou mais um pouco o movimento dos soldados, ele pegou uns desvio e veio vindo. Quando foi quatro hora da manhã ele chegou em Itaoca. Em frente ao acampamento dos soldados, e falou pro soldado de guarda que tinha uma mensagem pra entregar direto na mão do comandante, que deixou as tropas de prontidão pra se arrancá.

Depois passou tudo esse tempo eu vinha vindo de Apiaí pra Itaoca no caminhão do leite, aí um senhor veio e falou pra mim: “O senhor conhece fulano, sicrano, lá da cidade?”, eu falei que conheço, aí ele falou que veio pra dar um abraço naquele pessoal, que ele era o comandante naquele dia da retirada das tropas. Eu disse a ele: “Quem trouxe aquele aviso pro senhor foi meu pai!”.

Benedito Dias da Silva  
Aposentado, Varadouro, Itaoca (SP)



Nós que somos aqui do Quilombo Porto Velho, e também das várias associações aqui do Vale do Ribeira, nós brigamos muito pela defesa desse rio. Para nós, ele é uma fonte de vida. É de onde podemos tomar água, podemos nadar e pescar. Nós vemos que aqui não tem nenhuma contaminação. Então, nós defendemos esse rio com unhas e dentes. E não aceitamos barragens! A maior riqueza que nós temos na nossa área é o Rio Ribeira.

Américo Gonçalves  
Líder quilombola, Quilombo Porto Velho, região de Itaoca (SP)













Passei a infância aqui, fui embora com 18, mas eu comecei a trabalhar desde os 14 anos, só podia trabalhar metade do dia, aí depois o resto do dia eu ia fazer uma rocinha pra mim: feijão, milho, mandioca. Minha infância eu passei toda aqui, depois fui pra Curitiba, mas só trabalhava, muito agitado, trabalhava de vigilante, fiz curso de vigilante, daí enjoei de trabalhar à noite, trabalhava naqueles bancos, Banco do Brasil, Itaú, naquele tempo era Bamerindus, daí fui trabalhar na fábrica de farinha e lá eu dei entrada na aposentadoria. Na Plumbum eu trabalhei por 9 anos, trabalhava com caçamba, tirando minério de baixo da terra, no trilho, eles soltavam o minério na “bica”, aí a gente abria a bica, enchia a caçamba e saía pra fora. Eu adorava, era bem fresquinho. O encarregado dava por tarefa pra gente, tirava 30 caçambas, podia ser 10 horas já ganhava o dia, era eu e um colega meu, os caçambeiros. No tempo da mineração eu caí da chaminé da São Brás, fiquei 90 dias internado em Curitiba, chaminé é um buraco que a gente cavava de dentro pra fora para ter uma saída caso a entrada da mina desabasse, daí eu fui trocar uma lâmpada e esqueceram de tampar a boca, aí eu tentei me agarrar, mas não consegui, só segurei o capacete, caí de 25 metros, raspei tudo, o braço, o couro das costas, aí me levaram pra Curitiba. Antes um colega meu que me levou pro posto de Adrianópolis foi falar com minha mulher e disse que eu não tinha mais vida, mas eu estava vivo.

Lauredi Dionísio da Silva  
Pintor, Barra Grande, região de Adrianópolis (PR)

Sempre vivi aqui. Sou filho da Dona Dijanira e do Seu Luiz. Sou agropecuarista; eu planto e crio uma porção de gado. Vivê aqui perto do rio, perto da natureza é muito bom! Estar respirando um ar mais puro né, na mata, o rio aqui... O rio representa bastante. No calor você vai pro rio tomá um banho, aqui esquenta muito, mas eu acostumei vivê aqui, longe da cidade. Não tem problema, não falta nada, a locação é fácil. Quando chove, raramente, é difícil dá enchente grande, mas a gente sempre fica preocupado.

Com relação às barragens, o lugar onde meus pais sempre moraram, o lugar que a gente nasceu, acostumado... fica difícil uma mudança daqui, por isso nós somo contra barragem. Temo um projeto das microbacias do Estado de São Paulo, nosso projeto que foi contempnado, foi aprovado, agora estamo aguardando a vistoria, que só falta pra nós liberá pra fazê as compra, aí podemos compra um veículo e ampliá a produção.

Aqui no passado se fazia a rapadura, com o engenho puxado a cavalo, é um ponto da antiguidade que fica na memória.

Sr. Levi Dias da Silva, 52 anos  
Agropecuarista, Caraça, Itaoca (SP)







Nasci aqui pertinho num bairro aí né. Meu pai mudou pra cá eu tava com 3 mês. Nasci no mesmo terreno aqui, eu (Dijanira) sô de Itaoca, nasci em Itaoca, depois eu casei e vim morar pra cá. Faz 67 anos que nós somos casados. Vivíamos da lavoura né; plantava milho, feijão, arroz, café... só comprava mantimento quando não dava, mais ou menos... nesse negócio de seca, comprava umas coisa que faltchava, nós ia comprá em Itaoca as coisa né... se vassava na canoa pra ir comprá no mercado ali. Tinha até fazenda pra vendê, tinha tudo, tinha um armazém lá, tinha um depósito lá pra nós vendê as coisa. Atravessava no rio assim, na canoa, depois atravessava e guardava no lugar bom, pra vim o carro e pegá, ali os mantimento que nós vendia; feijão, milho. Não tinha estrada, só estrada de tropa mesmo.

Eles jogava muitas coisa suja na água, carniça assim, a gente tinha nojo, ia tomá água no corguinho, no riozinho aqui, lá naquele mato de lá, até agora tem o rio, agora tem a água da Sabesp né, e tem uma água do mato que nós pega pra criação, sabe, porque só água da Sabesp encarece muito pra tá tratando de galinha, porco, moiá pranta, usamo água do córgo, do Ribeira não tamo usando agora, só pra lavá alguma ropa às vezes.

Agora entrô uns fazendeiro que tão estragando a água, tão desmatando; mingô bastante, o boi ele acaba com a água, vai batendo, vai pisando aquelas baxada, vai estragando, vai limpando, mais tarde vai ficá sem mata, água só da Ribeira.

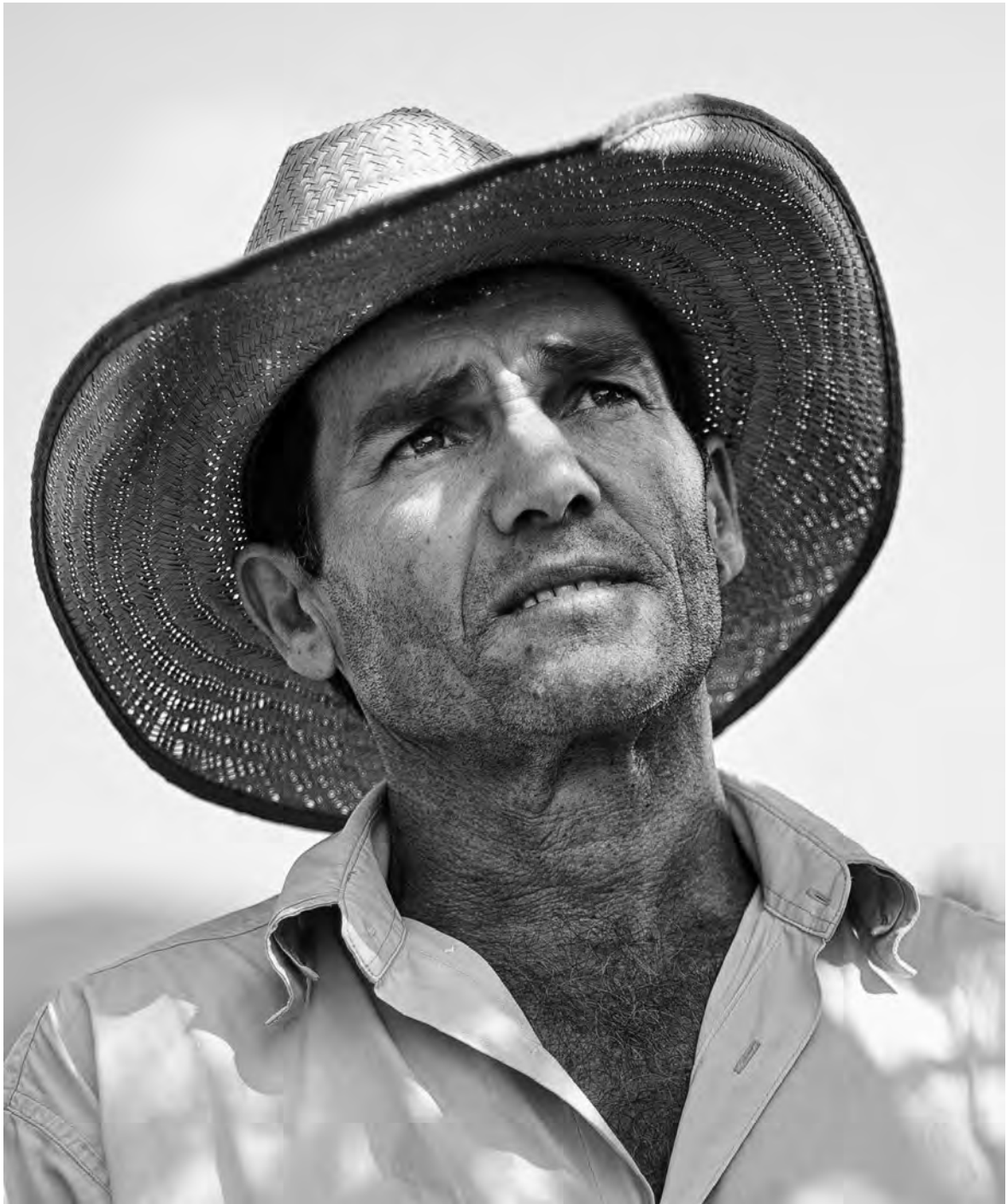
Sr. Luiz (*in memoriam*) e Dona Dijanira  
Aposentados, Caraça, Itaoca (SP)





















O Brendan mora a vida toda aqui, a gente chegou depois. Estudamos juntos desde a quarta série, e estamos no segundo ano do ensino médio. Essa é a nossa banda, The Haisers.

Agora, com a nova firma (fábrica de cimento) ali em Adrianópolis, tem mais oportunidade de fazer uma vida estável e boa, muito mais do que alguns anos atrás. Antes, pra você ter uma vida boa o único jeito era sair daqui para ir trabalhar em Curitiba e viver lá. Agora é ao contrário: quem ia pra Curitiba está voltando pra cá.

Tem emprego aqui; o que melhorou com a fábrica foi o emprego. Há dois anos tudo aqui era muito deserto, deserto mesmo. Era abandonado aqui. Tem essas melhorias, mas depois vão vir os malefícios; já dá pra sentir isso. A questão da poluição, do desmatamento, muita gente fazendo casas em lugar ilegal. Aqui não tem saneamento básico, acho que o esgoto vai todo para o rio. Antes já era assim, mas não tinha nem 5 mil pessoas aqui. Agora, em dois anos, dobrou.

E todo o esgoto dessa população vai para o rio sem nenhum saneamento.

A vinda dessa empresa era a única saída de ter um crescimento rápido, colocar o lugar no mapa. Então não reivindicaram nada à empresa, como fazer saneamento, planejamento sobre a questão ecológica. Não tem muita fiscalização. A gente precisava e não reivindicou muita coisa; demos graças que veio a empresa e trouxe emprego pra gente. Eu não pretendo ir embora. Se as coisas continuarem melhorando. É só saber viver em harmonia, cuidar do que a gente tem; o que muitos não fazem. Apenas alguns sabem dar valor e reconhecem a riqueza que a gente tem.

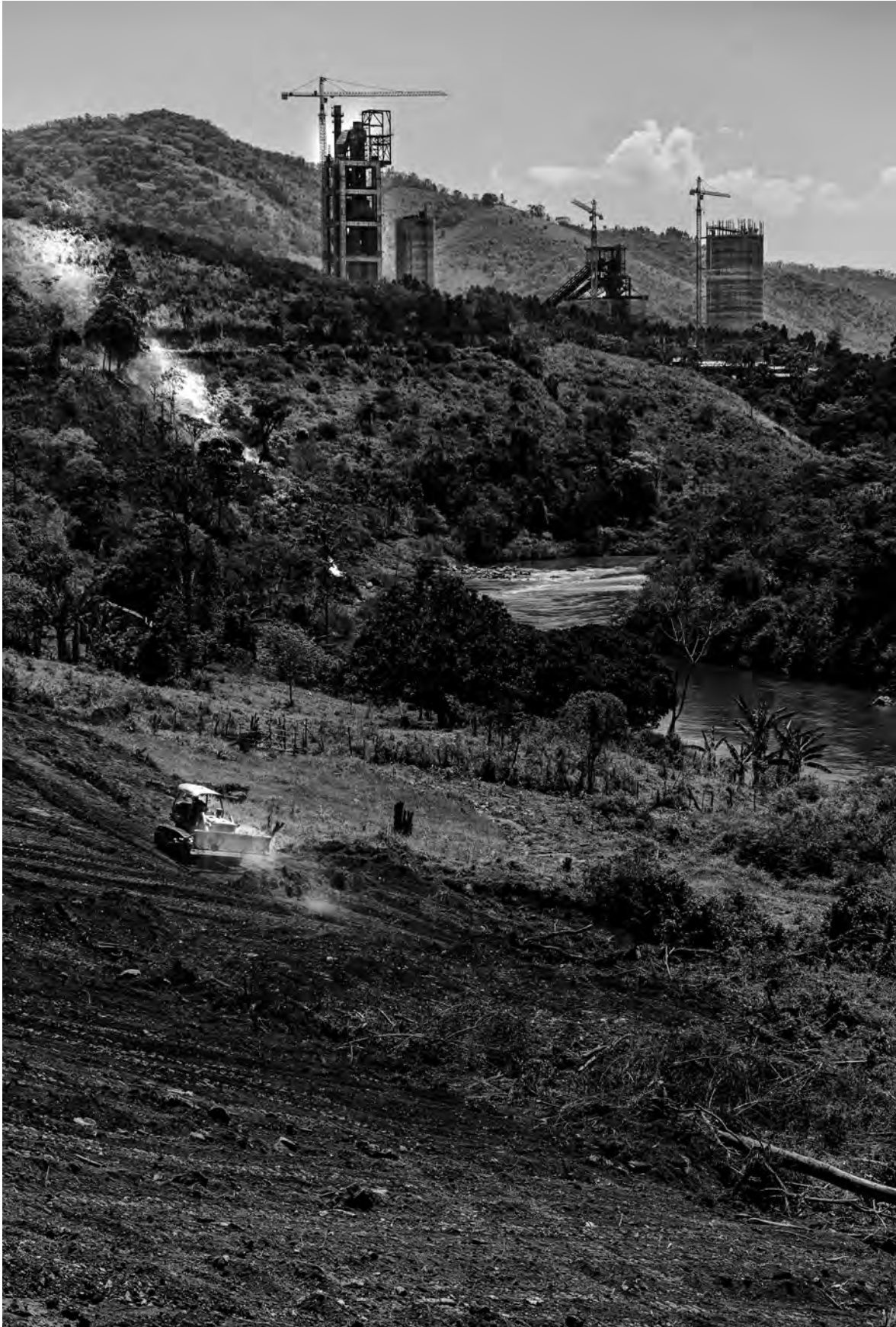
Banda The Haisers

(João Brendan Bernardi, Anderson da Silva Santos, Luan Rodrigues da Silva)  
Estudantes, Vila Mota, interior de Adrianópolis (PR)



















Sou nascido em Ribeira, na área de agricultura. Até hoje, trabalhei nalguma firma, mas voltei pra agricultura novamente. Sempre vivi na área da agricultura. Aqui é feito um serviço manual, não tem máquina. Então, na base de troca de dia de serviço.

A Ribeira, aqui, ela tem muitas pessoa morando em área de risco. Inclusive a gente. Na enchente passada foi um absurdo, uma tragédia enorme. Elevou muito o rio. Minha casa ficou toda inundada, tivemos que ficar fora uns dias até abaixá o rio. E todo o pessoal que mora no bairro. Mas isso faz parte da vida, porque a gente mora na área de risco. Não é a água que invade, é a gente que invade o lugar dela...

Num dá pra recramá, o recurso da gente na lavoura dá pra viver bem, dá pra comer, dá pra o sustento, mas não dá pra possuir muita coisa, comprar as coisas assim. Adequado, né? Como mais no centro da cidade, de mais alto valor. Então, a gente tem que optá pro mais fácil e ir continuando a vida.

Eu temo de morar ali, que quando chove bastante, eu não tenho medo do rio, porque o rio, se ele enche, a gente vai se escapando. Mas, dentro dessa indústria que tem aí, tem um bota-fora. Que eles tão pondo em cima ali. E tem um risco muito grande com o tempo, porque eles vão pondo muitos caminhão de bota-fora ali, e que tem essas pedra, e elas têm muito pouco solo, pouca terra em cima das pedra, então ele não é resistente. Agora, um deslize ali, ele fecha o rio se caí. A quantia de material que eles põe lá... e o que que vai fazê? Vai prejudicar a Ribeira tudo, e mais a cidade de Adrianópolis.

Germano Dias Bertiotti  
Agricultor, Ribeira (SP)





Eu nasci em 52 e tô aqui até hoje, tô com 62 anos, meus pais moraram aí pra baixo, daí eles mudaram lá pros lado de Itararé e terminô a vida pra lá, porque eu me criei com a vó, eu não cheguei a conhecê minha mãe; quando ela morreu e deixou eu com seis meis. Eu criei com a vó que ela já morava aqui né; daí ela morreu com 95 ano e me deixô, daí continuei a ficá aqui. Essa criançada aí, são oito filho, tudo nascero aqui, e dezessete neto.

Daqui em Adrianópolis tem treze quilômetro, aqui chamam Ilha Rasa, Paraná né. O Ribeira passa aqui atrás, pra cá é Paraná e pra lá é estado de São Paulo. Agora meu sítio aqui ficou batizado de Sítio Paraíso, tem essas casa aí que ceis tão vendo, por enquanto, mas vai sair mais dos filhos que vai fazê casa. Eu quero que eles constrói, pelo menos eles têm a casa deles, se um dia eu não tivé mais aqui na terra eles tem o lugar deles pra morá.

Antigamente nós só tomava água do rio, se criemo com a água do rio, essa criançada tudo. Meu terreno aqui não tem água, é córrego seco; agora nós num toma, encanaram uma água aqui. Quando eu era menina o pessoal puxava minério pela canoa de motor, quando eu tinha meus 11, 12 ano era canoa de motor que andava pelo rio aí, não tinha outra opção.

Eu sou daqui mesmo, descendente de índio e bugre, por que minha tataravó foi tirada do mato assim, era índia, e meu tataravô era bugre, eu tenho sangue dos dois lado. Tem muita coisa que passô pela vida da gente, quanta dificuldade, a gente trabalhava aí pros outro a troco de uma latinha de banha... então cinco hora da manhã ela acordava e eu num podia estudá, eu só fui estudá com meu filho, ele que ajudou eu; dei oportunidade pra ele estudá e depois ele me ensinô; na verdade, minha mãe me tirô da escola pra trabalhá, precisava trabalhá. Não é que nem hoje, no meu tempo tinha que trabalhá, nessa lombá aí ó, plantava milho, plantava feijão, mamão, pra sobrevivê, eu com 14 ano, 15 ano, só lavoura, eu carragava cestado de mamão nesse ombro aqui. A gente sofreu bastante, me criei na lavoura, não tinha a chance de ter sapatinho novo, vestidinho novo, eu tinha que engrossar a mão no cabo da enxada pra mim tê a minha roupa, eu tenho orgulho disso. Ainda hoje eu falo, trabalhá não mata ninguém, se matasse eu tinha morrido.

Levina Coutinho Rodrigues Lima  
Aposentada, Ilha Rasa, Adrianópolis (PR)









A turma do *rafting* resolveu de punhá um nome, não registraram, mas dá pra registrar também “Corredeira do Zé”.

O divertimento da gente era o rio, até hoje ainda é; no verão a gente gosta muito de ficar dentro da água, peixe é bem pouco, esse rio já foi um rio de muito peixe, agora é bem pouquinho, mas pra gente se divertir tem.

Esse rio era um pouco bem mais crescido, tinha mais água e a gente nota que ele vem diminuindo, porque os próprios afluentes vêm diminuindo, que nem essa aguinha minha aqui, 20 anos atrás já praticamente quase acabou, só a nascente mesmo, e outros rios pra baixo, que eram grandes, hoje já não dá nem mais pra contar como rio. Então a Ribeira a gente hoje vê pedras com marcas de 20 anos atrás e hoje tá bem mais baixa, uns falam que não é tão a falta d’água, mas o rio que afundou, mas eu acho que não, senão onde era pedra também não ia baixar? Do tempo que a gente era criança, ele perdeu um meio metro de volume de água.

Aqui é o lugar onde a gente se criou, conhece todo mundo, lugar sossegado, calmo, então a gente prefere sempre o lugar da gente... e outra coisa que eu sempre digo: a gente tem bem mais confiança de deixar as coisas porque ladrão tem pouco, é muito difícil de uma pessoa vir aqui e roubar, 80 por cento das pessoas que a gente vê passar são conhecidos, tem essa vantagem.

Zé Bestel (José Bestel)  
Agricultor, zona rural de Cerro Azul (PR)

















Já desci esse rio inteiro de caiaque com o meu irmão, há mais de 20 anos. Naquela época não tinha informação nenhuma, não existia Google Maps, e tudo o que nós conseguimos foi um daqueles mapas do IBGE com uma escala que não mostrava detalhes de onde tinha pedra, corredeiras ou a profundidade.

Já peguei esse rio em condições pesadas, com mais de três metros acima do nível, e desce-mos em menos de quarenta minutos trechos que costumam levar mais de duas horas, por causa da velocidade da correnteza, mas tinha muitas ondas enormes e refluxos. Tem alguns trechos que em condições normais são muito fortes, e naquela condição nem dá pra passar. Tem maluco que encara, mas não é pra qualquer um.

Mas pouca gente vem fazer *rafting* aqui, não é caminho de nada, nem de Curitiba, nem do litoral, ou do interior ou de São Paulo. Aqui só é conhecido como terra da mimosa, ou mexerica, como chamam em São Paulo.

Guto (Luiz Augusto Merkle)  
Instrutor de canoagem, Cerro Azul (PR)

















Já morei em cidade ali em Doutor Ulisses. É muito diferente, na cidade não acostumo, é muito movimento, e aqui não troco por nada. Não tem comparação o sossego. Você pega um anzol e cê pode ir pescá, lá é difícil, lá só que nem pesque e pague mesmo. Aqui você vai, sabe o que tá pegando ali, que é um peixe fresquinho. Aqui nós pega carpa, cascudo, traíra, de tudo que é tipo. Carpa, meu pai pegou uma de 26 quilo já. Cêis quisé depois eu mostro a foto. Eu, foi ontem, eu peguei uma. Lá naquela curva daquele poço ali. Daí eu tava sozinho, era uma alaranjada, uma carpona laranjada. Daí peguei ela e pensei assim: “Nós fizemo uma fisga pra tirá ela”. É um tipo dum anzolão grandão assim, “a gente fisga ali e tira”, mas eu fiquei com dó de tão bonito que era aquele peixe e pensei: “Vou levá vivo pra nós soltá no tanque ali”, daí foi, foi e eu caí dentro d’água, não consegui pegá ela! Escapou. Mas uma hora eu pego!

Ah, aqui diz daquelas história de tacho de ouro... Que, que... por aí pelas beira de rio sempre tem. Que nem memo, tando eu com o pai agora esses dia vimo tipo um “encanto”, sabe. Tem tacho de ouro assim. Nós sentando na área ali, de repente nós olhamo aqui, em cima da toça de bambu lá, nós tomando um chimarrão aqui, daí o pai falô: “Nós devia ter subido lá em cima pra tomá”, então vamo subi... era umas sete hora da noite, foi semana retrasada. Subimo lá, ele fumando um paiero, e eu sentado assim, no chão em cima das tábua lá, ele firmô o olho assim em cima da toça de bambu e de repente aquela luz assim em cima assim. Clareava pra cá, clareava pra lá assim. O pai falô: “Nando, ó lá um avião!” Eu falei: “Onde? Onde? É um avião aquela coisa?”. Daí eu olhei assim: “Pai do céu, sei lá o que é, vou pegá meu celular”, desci de lá pra pegá o celular, pra mostrá, porque a gente conta e ninguém acredita. Foi quando eu fui até ali, desci e voltei, foi sumindo, bem “degavarzinho” quando cheguei lá. E dizem que aí tem muito tacho de ouro escondido, diz que os padre jesuíta antigamente enterravo e depois quando morria daí dava pra uma pessoa. E daí tem.

(Pai falando: “Tem o Seu Wardo ali, que é o velhinho de 90 ano, tem um tacho”.)

Esse senhor aqui que mora aqui, tem 95 ano, né, pai? (Pai: “Tem 90 ano”). Ele, agora esses dia aí, veio aí, falá com o pai, essa curva de rio aí, tem a lombinha assim, sabe, bem-feita, parece que foi feita na enxada, uma lombinha assim, da altura dessa casa, agora tá encobrido de mato ali, ele disse que, ele era novo ainda, um gurizão, ele ganhou esse tacho de um padre desse, um jesuíta, e esse lugar lá, ele contô bem certinho, o Seu Wardo ali, ó, tá aqui, e de hoje em diante, é do senhor. E o veinho nunca foi, só foi lá, olhô, mas nunca cavocou. Veio, chamou o pai, mas o pai tem muito medo, não ia. E tá lá esse tacho lá. Uma hora ou outra, decerto vai. E essa lombinha nunca se desmanchou, cê sabe, com chuva, nada, e ninguém fez ela, sempre teve ali, aquela montanhinha.

Fernando Luís de Andrade  
Agricultor, Volta Grande do Ribeira (PR)











Quero explicá um pouquinho: mexo com rapadura, doce... Tudo artesanal a gente faz. Começa o processo, a gente mói, aí tira o caldo da cana, a garapa. Aqui nos chamamos de garapa. Aí a gente coloca ali (no tacho) e começa a apurá. Vai fervendo e vai subindo as impureza, e vai tirando com aquilo ali, limpando. E esse é o processo. Quando chega no ponto de tirá o melado, que algumas pessoas gostam de comê o melado, tira o melado e a gente vende o melado também. E depois é o processo que faz o doce. Aí a gente coloca a “tipioca”, a gente chama de raspa, mistura ali e vai mexendo. Vai apurando até ficá no ponto. Demora umas seis, sete hora. Essa fumaça aqui, o problema é que tem muita água, e vai evaporando, aí vai ficando só o doce mesmo. A gente tira daqui depois, e tem as formas de doce... Daí cê coloca uns pano em cima assim e espera esfriá... Passa umas duas hora de tempo. Aí tira da forma e embala, e leva pra Cerro Azul, tem uns ponto de venda lá. Toda semana vai uns quatrocentos tijolinho.

Enéas e Zeni Coutinho  
Produtores rurais, região de Bombas (PR)

















O rio, nosso, foi o rio, né? Cinquenta anos pra trás ele tinha o dobro de água. Tinha o dobro de água. Hoje ele tá na metade. Nós que tamo aqui, eu que conheço há 60 ano pra trás, ele tinha o dobro de água. E por quê? Porque foi matado todas as lombas. A natureza do rio não é essa restinga aqui, a natureza do rio é aquela que vocês tão vendo lá no morro. Aquela lá. Chove e ela segura a umidade e vem vindo devagarinho e ela não descai. Mas nós temo hoje muita gente malvada que tem um correquinho e capa tudo, dos dois lado e vai até o fim. O que acontece? A água some! Não é que some? Então é isso que o rio diminuiu muito. Nós tinha muito peixe. Peixe, peixe nesse rio não faltava pra comê. Você podia deixá a mulher esquentando a banha lá e dizer: “Vou lá buscar um peixe pra nós comê”, e com qualquer sujeira numa linha de mão pegava lá quatro ou cinco bagre. Tava feita a janta! Hoje não, hoje não tem nada ali. Hoje não tem, o rio dá muito pouco.

Agora, o rio, não sei o que vai acontecer, viu, meus filhos... Tem uma Bíblia que diz: “Cuidarei. Se não fizer, acabarei”.

Miguel Schineider  
Agricultor, Barra do Jacaré, Rio Branco do Sul (PR)



É bom viver aqui. Bom é, muito bom! Mas a gente tem que saber plantá, saber usar, não plantar demais daquilo que os outro plantô, também, porque senão depois sobra e você não vai achá pra quem vender. Então tem que plantar mais ou menos de acordo com aquilo que você... tem consumo. Porque a gente prantô mimosá, coieiu bastante mimosá, bastante poncã, planto canaviá, moeu cana, fiz doce de cana, rapadura, melado... por trinta ano trabaiando eu e minha esposa... trinta ano nesse serviço. Quando os pórcó morreu de doença, nós baixava o canaviar e fazia doce pra nois se mantê, pra trocar por mantimento. Isso é antigamente, dez anos atrás. Aqui é troca. Uma mercadoria pela outra; dinheiro, entrava pouco. A gente tem que saber controlar pra não fartá... Ia lá no armazém e trocava. Quando precisava roupa a gente vendia as coisa a troco de dinheiro pra comprá roupa, porque roupa não dá pra trocá. O remédio também.

Trabalhá na agricultura aqui nesse tempo era fácil, porque a gente achava aquelas pessoa desgarrada assim... de menos futuro. Ele vivia só do trabalho do dia a dia, não era empregado. Não tinha nada de emprego. Se falasse em emprego, o patrão se assustava! “Eu não vô empregá... não vô assiná carteira de um empregado aí, num sei o que é isso!”. Então! Mais era trocado os dia. Eu ia, trocava o dia pro vizinho... às veiz uma semana inteira no serviço dele. E na outra semana ele vinha trabalhá no meu serviço... que era, nós fazia as lavora nos contrário, daí, pra desencontrá, pra um ajudá o otro. E é duro! No arado aqui não vai, não dá lavoura na base da mecânica. No trator não vai, ele tomba. Se eu tocá um arado de cavalo, mesmo com cavalo, numa “prancha” daquela ali, quando for daqui dois ano eu não tenho terra mais. Caba tudo com a erosão, vai tudo pro rio abaixo. Onde é assento tá nossas propriedade. Onde tem um assentinho na beira do córrego tem que reservá a água. Acaba que tem que preservá... A gente usa água do corregozinho. Mas é um pobrema! Quando dá chuva, enxurrada, rola o esterco do gado daquela internada lá, da outra internada de cá, da outra do lado de cá, rola tudo no corregozinho. Se nós não soubé a hora de pegá a água, nós tem que pegá aquela água com esterco de gado. O córrego não tá aberto no capim, tem umas lasca de mata por cima. Mesmo assim, vai esterco. A enxurrada é grande... Veja a artura da lomba! Vem uma enxurrada aí e vem abrindo carrero! E é um corguinho de nada! O encanamento da água arranca tudo... Em 2011 deu uma enchente... A água veio aqui no pé daquela laranjeira, nós ficamo quase arrodeado de água! Deu 56 hora de chuva! Eu marquei no relógio. Sou louco pra marcá essas coisa assim, não sei por que e tenho na cabeça marcadinho. Quisé sabê alguma coisa é só ir especulando em mim que eu vô sabendo... e vô contando. É muito bom isso daí.

O rio baixou um volume de 60 centímetros de 40 anos pra cá. Podia dá uma seca dessa que não ia dá onde tá hoje. Mas agora não, depois que entrou fazendeiro, e foram roçando mata, foram plantando capim e avançando, avançando daí chega na área de restinga pros córrego a água foi diminuindo. Todo ano um pouquinho mais pra baixo. Foi diminuindo. E quando dá uma sequinha de três meis todo mundo grita: “Ai, meu Deus do céu, secou minha água! Agora o que que eu faço?”. Corre atrás do prefeito pra vê se o prefeito arruma uma bomba pra tirá água... (Risos...). É mais ou menos assim, viu? É uma dificuldade sem tamanho pra viver aqui, mas só sofre quem não quer trabalhar. Quem trabalha vive bem!

Francisco Schineider e Maria de Jesus Schineider  
Agricultores, Barra do Jacaré, Rio Branco do Sul (PR)













Nasci aqui no vale do Rio Açungui, que logo ali adiante se torna Ribeira. Me criei tomando água do rio quando eu era criança. Muitas vezes até água suja. É poluição que vem... Vem vindo de longe. A nascente é longe daqui... E, se desmatar a beira do rio, aí seca de uma vez a água. E aqui em volta de casa é tudo floresta. Estão aí as árvores, deixa assim mesmo. Precisamos deixar a natureza em paz!

Eu morei fora daqui dos 18 anos até os 32, estudei, trabalhei, até pra Santa Catarina eu fui, e voltei pra ficar com a família. Hoje moro aqui nessa casa na beira do rio, pertinho do meu pai. Eu cuido do meu pai, de um senhor, cuido do meu tio. Vim cuidar dos velinhos. E planto minha lavoura aqui pra consumir e vendo um pouco no Ceasa.

Se for pra mim voltar pra cidade, eu não volto. Eu luto aqui mesmo. Temos que preservar a natureza, as pessoas.

Joelma Schneider  
Agricultora, Rio Branco do Sul (PR)







## O Rio Ribeira e seu vale: história e cultura

### Introdução

O povoamento do Vale do Ribeira ocorreu ao longo do rio de mesmo nome desde os primórdios da colonização no início do século XVI. O Rio Ribeira, que nasce no norte paranaense, tem sua foz no município de Iguape, a mais de 400 km de sua nascente, e serviu de caminho para a ocupação do território, rico em biodiversidade e em culturas tradicionais, como as dos indígenas, caiçaras, caboclos e quilombolas, e, no passado mais recente, com a migração alemã, a norte-americana e a japonesa. Esse rio, que mostra as marcas dessa ocupação humana em suas margens, corre livre pelas montanhas em seu trecho de serra e pelas planícies, onde frequentemente ocorrem inundações. Quando nos anos 1990 se projetaram três represas para a obtenção de energia elétrica à produção de alumínio, houve uma grande mobilização das comunidades que viviam em suas margens, sobretudo dos quilombolas, e o rio continua a correr livre.

### A diversidade biológica e cultural da região

- A diversidade biológica

O Rio Ribeira atravessa, em seu longo percurso, uma grande diversidade de paisagens das quais ele mesmo faz parte. O Alto Ribeira é marcado pela presença da Serra do Mar, apresentando uma paisagem montanhosa e florestada, por onde passa o Rio Ribeira, em cujas margens se situam

cidades e municípios como Iporanga, Apiaí, Ribeira e Itaoca. A região do Médio Ribeira é marcada pela presença do rio, que recebe vários afluentes como o Juquiá e o Jacupiranga, e onde se situam cidades como Eldorado, Sete Barras, Juquiá, Jacupiranga e Registro. Já na região do Baixo Ribeira as terras são mais planas e inundáveis, onde o rio desce em meandros até desembocar na região litorânea próxima a Iguape.

O litoral sul do Estado de São Paulo, onde o Ribeira deságua no mar, é marcado por um cordão de ilhas, entre as quais as de Iguape, Cananeia, Comprida e do Cardoso, com diversas barras, ambiente que forma em seu interior um rico sistema estuarino, tendo ao fundo o manguezal e a Serra do Mar, com a Mata Atlântica, que em alguns lugares, como na Jureia, desce até a praia. Em outros lugares, a Serra do Mar recua, dando origem a uma vasta planície onde esse rio desempenhou um papel importante para a produção e o transporte de produtos agrícolas, como o arroz, em décadas passadas, e agora a banana.

Nesse ambiente, existem várias formações florestais como o manguezal, o jundu e a mata tropical fluvial, com uma grande variedade de árvores como jequitibás, canelas, figueiras e guapuruvus, além de outras espécies do substrato arbustivo e da flora epífita, com grande número de orquídeas e bromélias. A fauna também é rica, com uma avifauna diversificada. As áreas estuarinas e costeiras apresentam uma grande diversidade de peixes, crustáceos e moluscos que serviram de alimentação para os índios e depois aos primeiros colonizadores (NUPAUB, 2002).

- **A diversidade cultural**

A região do Vale do Ribeira e do litoral é de grande diversidade cultural de povos e comunidades variadas que mantêm uma estreita relação com o próprio rio e seus afluentes, dos quais dependem em sua luta pela sobrevivência. Nela, encontram-se povos indígenas como os Guaranis; os caiçaras; e os demais descendentes de índios (sobretudo dos Carijó), portugueses, negros, caboclos e caipiras, no Alto e no Médio Ribeira, além de inúmeros núcleos quilombolas, remanescentes da mão de obra escravizada usada nas monoculturas e na mineração. A esses grupos humanos vieram se juntar, mais tarde, outros migrantes europeus, como suíços, franceses, alemães, italianos, norte-americanos e japoneses.

## **A ocupação humana e os ciclos econômicos**

Essa região está entre as primeiras colonizadas pelos ibéricos, tanto espanhóis quanto portugueses, que, em inícios do século XVI, disputaram a posse dessa terra de fronteira. Esses colonizadores encontraram aí povos nativos de origem Tupi que tinham sido precedidos por outros que deixaram um grande número de sítios arqueológicos — os sambaquis ou casqueiros constituídos de cascas de moluscos e restos de peixes. Essa região era habitada, à época dos descobrimentos, pelos Tupiniquins entre São Vicente e o sul da região lagunar (Hans Staden menciona a presença deles na Ilha de Superagui) e pelos Carijó a partir dali.

A contribuição dos povos indígenas foi essencial para a constituição dos falares locais, dos nomes de acidentes geográficos, fauna, flora e instrumentos usados para a caça, a produção de farinha de mandioca e a pesca.

A história da colonização do Vale do Ribeira e do litoral começou em 1531, quando Martim Afonso de Sousa ancorou seus navios na Ilha do Bom Abrigo, em frente à Ilha do Cardoso, onde deixou um marco, mas é possível que expedições anteriores tenham aportado ali. A busca do ouro se iniciou já em 1531, quando Martim Afonso organizou uma expedição de 80 homens que subiu os rios e nunca mais retornou. O ciclo do ouro começou, no entanto, por volta de 1550, quando foi

encontrado ouro de aluvião no interior do Vale do Ribeira, na região de Apiaí-Iporanga, no Alto Ribeira, em Eldorado, no Médio Ribeira, e também em Cananeia e no litoral paranaense. O resultado desse curto ciclo minerador foi o início do povoamento da área que seguia o curso do Rio Ribeira até Apiaí e Iporanga. Parte desse ouro era fundida em Iguape (e Paranaguá), na casa da moeda ainda hoje existente e transformada em museu.

No litoral sul, seguiu-se o ciclo da construção naval, principalmente em Cananeia e Iguape, quando mestres-carpinteiros, alguns vindos do Rio de Janeiro, construíram, a partir de 1711, as primeiras embarcações usadas na navegação de cabotagem, levando os produtos da lavoura para vários portos da costa e mesmo para Portugal. Ainda que esse período tenha sido relativamente curto, a tradição de construção de embarcações continua até hoje.

É importante destacar também a armação usada para a pesca e o beneficiamento de baleia em inícios do século XIX, cujas ruínas existem até hoje na Ilha do Bom Abrigo.

A partir do século XVIII, a região especializou-se na produção agrícola, com a exportação de farinha de mandioca, arroz, cana-de-açúcar e também de peixe seco para os portos de Rio de Janeiro, Santos, Santa Catarina e Rio Grande. Quando a Metrópole proibiu o comércio com outras cidades, com exceção de Santos, no fim do século XVIII, a produção agrícola foi abandonada, e houve fome na região (DIEGUES, 1973). A produção agrícola só foi retomada depois com a monocultura do arroz, que trouxe, em meados do século XIX, um novo apogeu, sobretudo para os municípios de Eldorado e Iguape, onde se intensificou o comércio naval com vários portos brasileiros e mesmo da Bacia do Prata.

Situada à beira-mar, era Iguape o centro exportador de toda essa grande bacia hidrográfica de onde vinham os produtos agrícolas, descarregados no Porto da Ribeira, no rio do mesmo nome, a poucos quilômetros da cidade. Daí os animais de carga transportavam os produtos até o Porto de Iguape, junto ao Mar Pequeno, de onde zarpavam os navios carregados de mercadorias para os outros portos do Império.

O fim do ciclo do arroz, por exemplo, com a libertação dos escravos, fez com que os muitos donos de grandes fazendas deixassem a zona rural, mudando-se para as cidades de Iguape e Cananeia ou indo para Santos e Rio de Janeiro.

Já os pequenos proprietários que eram produtores autônomos permaneceram nos sítios, voltando-se aos poucos para uma economia de subsistência em que combinavam a pequena lavoura, o extrativismo e a pesca, engrossando assim a população dos caiçaras que habitavam a região.

- **A vida nas cidades litorâneas e no meio rural no século XVIII e XIX**

As plantações de arroz na região eram feitas em grandes propriedades onde havia engenho de beneficiamento à base de mão de obra negra ou em propriedades menores que ocupavam poucos escravizados ou mão de obra livre, com o trabalho realizado pela família ou pela cooperação entre famílias, como ocorria com o mutirão. Os pequenos produtores eram dependentes dos donos de engenho que financiavam e compravam sua produção. Muitos engenhos estavam localizados nas proximidades da cidade de Iguape, e alguns de seus proprietários mantinham aí seus sobrados ou suas chácaras, onde também trabalhava mão de obra escravizada. Além dos escravizados do “campo”, havia os do ofício, como marceneiros, pedreiros que trabalhavam para seus patrões. No ano da abolição dos escravizados, em 1888, não havia mais que uma centena deles na cidade de Iguape, mas deixaram marcas na cultura local através da congada, da marujada e do jongo (FORTES, 2002).

É dessa época a maior parte do imponente casario, em geral sobrados construídos no período áureo do arroz, entre o começo do século XVIII e o fim do século XIX. Os donos de engenho de arroz e desses sobrados importavam produtos de Portugal e depois do Rio de Janeiro, símbolos de sua riqueza.



- As atividades econômicas regionais no século XX

A decadência da monocultura de arroz significou não somente um empobrecimento regional como desestruturação da forma de organização da população baseada no trabalho escravizado. Muitos grandes proprietários, privados de mão de obra escravizada, migraram para as cidades litorâneas, onde alguns se transformaram em “comerciantes”, que controlavam o poder político local. Generalizou-se, então, a pequena produção de mercadoria, ao passo que no planalto o trabalho assalariado tornou-se dominante, especialmente na cultura do café. Esses pequenos produtores eram, na verdade, policultores continuando a plantar algum arroz para a venda, garantindo sua subsistência com a cultura tradicional da mandioca. Esvaziou-se parte de sua população rural, que migrou em grande número para as áreas costeiras.

Verificou-se, então, um fenômeno importante para a região lagunar de Iguape-Cananeia, que até então constituía uma unidade geográfica econômica com o Vale do Ribeira. As áreas férteis, sobretudo do Médio Ribeira, começaram a se comunicar diretamente com o planalto e a capital do estado por estrada de ferro desde 1911, desorganizando assim toda a rede fluvial que as ligava ao Porto de Iguape. Sem mais nada de importante a exportar e sem meios adequados de comunicação com os novos centros econômicos do planalto, Iguape começou a definhir. A construção de estradas de rodagem, ligando a região ao planalto, sobretudo a partir da década de 1930/40, reforçou a tendência migratória para o planalto. Enquanto isso, duas novas monoculturas — a de banana e a do chá — eram introduzidas no Vale do Ribeira, passando a constituir a principal produção da região. Progressivamente a cidade de Registro, situada às margens do Ribeira e que até a década de 1940 pertencia a Iguape, começou a aparecer como principal núcleo do Vale do Ribeira, ultrapassando a antiga capital litorânea em importância econômica. Isso se deve em parte à grande migração japonesa para a região. Na área litorânea, nas primeiras décadas do século XX intensificou-se a pesca comercial, e surgiu maior especialização nas atividades pesqueiras à medida que a lavoura seguiu a monocultura da banana em quase todo o litoral. Por volta de 1910/20, barcos de pesca de Santos (MOURÃO, 1971) começaram a fazer a compra do pescado no litoral sul de São Paulo para revender na capital.

Novas espécies foram capturadas, como o camarão, a sardinha e a ostra, e os peixes que antes eram comercializados salgados e secos (manjuba, tainha) passaram a ser armazenados com gelo e vendidos *in natura*.

Cananeia continua tendo uma atividade de pesca semi-industrial vigorosa, a partir da construção do Entrepasto do Ceagesp nos inícios da década de 1970 e com a vinda de várias indústrias pesqueiras, ao passo que Iguape continua tendo na pesca da manjuba sua atividade principal, ocupando cerca de 1.500 pescadores no período da safra de outubro a abril de cada ano.

À semelhança do que ocorreu no Médio Ribeira e no litoral, no Alto Ribeira o fim do ciclo do ouro, por volta de 1800, ocasionou uma estagnação econômica. Com o êxodo dos senhores de escravos, a população voltou-se para as atividades agrícolas e pecuárias. Inicialmente a produção agrícola era a de subsistência, em particular o milho, o arroz, a batata e a mandioca. Depois foram introduzidos a cana-de-açúcar, da qual se produzia a cachaça e a rapadura, e posteriormente o fumo. A partir da década de 1870 já havia produtos agrícolas de exportação para outras regiões, como o fumo, a erva-mate, o algodão, os produtos derivados da cana-de-açúcar e a madeira extraída das densas florestas. Iporanga, por sua vez, era um ponto de passagem dos tropeiros que vinham do Paraná para São Paulo, na região de Sorocaba. Havia também a criação de suínos, e os porcos eram levados até Itararé ou Itapetininga para a venda. O toucinho também era levado pelos tropeiros para Itapetininga, onde era transformado em banha. A carne era transformada em linguiça ou era salgada. A produção suína continuou sendo a atividade mais importante da área do Alto Ribeira até que a peste suína dizimou o

rebanho, causando outra crise na região. Já na década de 1970 a cultura do tomate tornou-se a principal atividade econômica da região de Apiaí, ao lado de atividades industriais como a produção de cimento, devido à abrangência de solo em rocha calcária (ISA, 1998; MANCEBO, 2001).

## A formação histórica de caiçaras, quilombolas, caboclos ribeirinhos e migrantes no Vale do Ribeira

Como vimos anteriormente, a região do Vale do Ribeira e do litoral sul é um mosaico de paisagens e populações humanas distintas. Nela podem ser encontrados povos indígenas, sobretudo os Guarani; os caiçaras, na faixa litorânea; os quilombolas, espalhados em toda a região, principalmente no Médio Ribeira; os caboclos e os caipiras existentes no Médio e no Alto Ribeira; e os migrantes norte-americanos, alemães, austríacos e japoneses no Médio Ribeira e no litoral.

- Os caiçaras

Eles ocupam hoje a faixa litorânea paulista e constituem o grupo social tradicional mais numeroso da região costeira. Nesse sentido, o modo de vida caiçara será tratado com mais detalhes neste ensaio, ainda que vários aspectos dessa cultura sejam compartilhados com outras comunidades tradicionais, como os quilombolas e os caboclos, sobretudo no que diz respeito ao extrativismo vegetal, à agricultura e à importância crescente do turismo. Alguns aspectos da cultura imaterial ligados ao meio rural, como as festas de Reis, do Divino, de São Gonçalo e de São Benedito, são também partilhados pelos vários grupos tradicionais.

Willems (2002), como outros autores, consideram a cultura caiçara como parte da cultura crioula ou cabocla, fruto do aporte cultural de europeus, negros e índios. Para esse autor, a associação entre pesca e agricultura, a importância do “complexo da farinha de mandioca”, as relações sociais individualizadas em um grupo maior e na família nuclear, através de mutirões, a reciprocidade na vida cotidiana, a falta de uma noção de autoridade formal e a pouca importância dada à religião oficial estão entre as principais características da cultura caiçara. Ainda que tenham uma base comum, a cultura caiçara distingue-se da caipira por ter desenvolvido um conjunto de práticas materiais e imateriais ligadas ao mesmo tempo ao mar e à terra, ao passo que a última é, essencialmente, baseada na agricultura e em outras atividades ligadas à mata, sem ter contato com o ambiente marinho.

Em *Usos e costumes praianos* (1945), Paulino de Almeida descreve o modo de vida caiçara nas primeiras décadas do século XX, definindo o caiçara como aquele que vive entre as atividades agrícola e pesqueira.

Naquela época, os moradores da região preferiam viver em seus “sítios” litorâneos, locais de moradia, produção e sociabilidade a viver nas pequenas cidades, a tal ponto que no fim do século XVI as autoridades forçaram, sob pena de multa, os donos de sítios a construir uma casa na cidade (PETRONE, 1966).

O caiçara tem um conhecimento aprofundado do mar e da mata, sobretudo no que diz respeito à previsão do tempo, fundamental para a pesca, através de sinais como o tipo de vento, de nuvem, de maré, de corrente marítima e de fases e posição da lua. Paulino de Almeida também confirma a especificidade da cultura caiçara ao afirmar:

Tendo o mar diante de si, e, para trás, o paredão da cordilheira marítima como que a interceptá-la do Planalto — inteiramente isolada da civilização e do progresso —, passou a população da marinha como que a viver uma vida inteiramente à parte, conservando suas lendas e tradições, usos e costumes (1945, p. 80).

A cultura caiçara é aqui definida como um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, que orientam os indivíduos em suas relações com a natureza e com os outros membros da sociedade e que se expressam também em produtos materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança, rituais religiosos).

Os caiçaras, vivendo no interstício da Mata Atlântica e do mar, estuários, mangues, restingas e lagunas, usando seus recursos naturais para a reprodução de seu modo de vida, construíram um território rico em diversidade biológica e cultural. Os saberes tradicionais sobre os seres do mar e da mata desempenham um papel fundamental na construção de sistemas de manejo da natureza, muitos deles marcados por grande engenhosidade (MUSSOLINI, 1980). Como outras comunidades tradicionais, que receberam de índios e negros uma grande herança linguística, técnicas patrimoniais, mitos e lendas, como os quilombolas, ribeirinhos e sertanejos, os caiçaras fazem parte do grande número de populações tradicionais brasileiras (DIEGUES; ARRUDA, 2000).

A lavoura, que foi muito importante até meados do século XX, era, e em alguns casos ainda é, uma atividade tradicional importante. Os caiçaras usavam e ainda usam diversas variedades de mandioca em suas roças. Além da mandioca mansa e da braba, esta última usada para fazer farinha, os caiçaras costumam plantar diversas variedades, para garantir a sobrevivência de alguma delas em caso de estiagem ou enchentes. Na mesma roça, costumavam plantar também árvores frutíferas, bananeiras, abóboras, batata-doce e cará.

A fabricação da farinha, realizada na “casa de farinha”, “tráfico” ou “aviamento”, nomes dados ao lugar onde ficam os equipamentos de produção, é uma atividade fundamental nas comunidades caiçaras.

Em muitas regiões, além da farinha-da-terra (farinha fina, comum) fabricavam-se também a farinha-d’água, mais grossa e escura, usada no café da manhã, a manema (feita com massa fermentada), a farinha de tapioca, feita com os resíduos da goma da massa serva, usada no litoral sul para a fabricação de bolos (bolo coruja, beijus), a farinha suruí (farinha mal torrada usada no pirão) e a farinha picica (preparada com temperos para ser servida com peixes). Nessa região ainda são produzidos o bolo de roda (feito com a goma), a coruja (tipo de pão feito com farinha de mandioca e amendoim, enrolada em folha de bananeira) e o cuscuz de mandipuva (feito com farinha fermentada, à qual se juntam amendoim, ovos e banha de porco), entre outros (FORTES FILHO, 2005).

- **Os quilombolas**

As terras das comunidades quilombolas onde vivem descendentes de escravizados foram reconhecidas como a elas pertencentes pela Constituição de 1988. No Vale do Ribeira foram identificadas até agora cerca de 51 comunidades, havendo outras em processo de estudo (ISA, 1998). Muitas delas se originaram na época da mineração do ouro e do cultivo do arroz. Eldorado é o município com maior número de comunidades quilombolas em processo de reconhecimento (11), seguido por Iporanga (9), Iguape (6), Cajati e Barra do Turvo (4 cada), Cananeia (3) e Registro, Miracatu, Juquiá e Itaoca (1 cada). O mais antigo desses quilombos é o Ivaporunduva, situado no Médio Ribeira (Eldorado), que teria se originado pela doação de uma proprietária a seus escravizados. Entre os demais quilombos próximos ao de Ivaporunduva podem ser citados os de São Pedro, Sapatu, Pilões, Maria Rosa, André Lopes e Nhunguara. Os quilombolas permaneceram na região praticando a agricultura, o artesanato e o extrativismo do palmito, sendo grande parte de suas terras considerada devoluta até meados dos anos 1980. A implantação de parques estaduais sobre suas terras deu início a uma série de conflitos que foram agravados pela ameaça de construção de barragens para a

produção de energia para uma indústria produtora de alumínio, a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA). O movimento contra esse projeto de barragens feito, sobretudo, pelos quilombolas no Vale do Ribeira foi apoiado pela ação da Igreja Católica, de grupos ambientalistas e de associações locais.

- **Os caboclos e caipiras**

Os caboclos são hoje, em grande parte, sitiantes, meeiros e parceiros que sobrevivem precariamente em nichos entre as monoculturas do Alto e do Médio Ribeira, em pequenas propriedades em que desenvolvem atividades agrícolas e de pequena pecuária, cuja produção se dirige para a subsistência familiar e para o mercado.

Para Darcy Ribeiro (1995), na área cabocla há um modo de vida que se difunde paulatinamente a partir das antigas áreas de mineração e dos núcleos de produção artesanal e de mantimentos que a supriam de manufaturas, de animais de serviço e de outros bens. Esparramou-se, ainda segundo Darcy Ribeiro, por toda a área florestal e campos naturais do Centro-Sul do país, desde São Paulo, Espírito Santo e Estado do Rio de Janeiro, na costa, até Minas Gerais e Mato Grosso. O único recurso com que contava essa economia decadente é a vasta mão de obra desocupada e terras virgens despovoadas e sem valor. Com essa base, instalou-se uma economia natural de subsistência, dado que a comercialização era limitada. Difundiu-se, desse modo, uma agricultura itinerante que derruba e queima novas glebas de mata para a roça combinada com caça, pesca e coleta. Dada a dispersão do povoamento, existem, de um lado, famílias vivendo isoladas, e, de outro, alguns bairros rurais (QUEIROZ, 1973). Essas populações desenvolvem formas de convívio e ajuda mútua nas atividades agrícolas, bem como formas de religiosidade peculiares em torno de capelas e igrejas, onde nos domingos e feriados é reverenciado o santo padroeiro.

- **Os migrantes**

Desde o início da colonização, foi importante a contribuição açoriana para o litoral do Vale do Ribeira, que a partir de meados do século XVIII foi realizada de forma organizada pela Coroa Portuguesa em Santa Catarina. Esses migrantes mantinham contatos econômicos e religiosos com os moradores dos litorais paranaense e paulista, tendo como pontos de referência as romarias religiosas que faziam, por barco, para venerar a imagem do Nosso Senhor Bom Jesus de Iguape, encontrada em meados do século XVII na Praia da Jureia.

A partir de meados do século XIX começaram as migrações organizadas pelos governos, como foi o caso de norte-americanos sulistas que vieram em grupos para o litoral sul paulista, ao fim da Guerra da Secessão dos Estados Unidos. Em 1861 foi criada a Imperial Colônia de Cananeia, com migrantes norte-americanos e irlandeses, que se estabeleceram na agricultura, mas não conseguiam escoar a produção. Dadas as difíceis condições de vida na região, sobretudo a falta de comunicação e serviços de saúde, grande parte desses migrantes norte-americanos mudou-se para a região de Americana, em São Paulo, permanecendo, no entanto, alguns descendentes desses migrantes que ainda hoje guardam seus nomes (MOURÃO, 1971; PETRONE, 1966).

Em 1915 surgiu a Colônia de Santa Maria, localizada em Ariri (Cananeia), com migrantes alemães e austríacos que passaram a produzir o arroz e outros produtos agrícolas, mas que também tinham dificuldades em escoar a produção por falta de meios de comunicação. A Colônia foi fechada com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, quando esses migrantes foram proibidos de continuar no litoral (MOURÃO, 1971).

Nesse período começou também a importante migração japonesa para o Vale do Ribeira, organizada pelo governo japonês. Um dos primeiros grupos estabeleceu-se na Colônia Katsura, em

Iguape, cultivando arroz e outros produtos. As famílias permaneceram vários anos nesse local, às margens do Rio Jipovura, mas dadas as dificuldades encontradas, sobretudo o isolamento, foram migrando para a cidade de Iguape, onde ainda vivem muitos de seus descendentes.

Outra colônia japonesa importante foi a que se radicou em Registro, trabalhando principalmente na produção do chá e posteriormente de outras culturas. Algumas famílias migraram para São Paulo, mas outras permaneceram na região, mantendo vários de seus costumes e de suas tradições.

## **As formas de solidariedade na roça, os mutirões e as festas ontem e hoje**

Nos trabalhos agrícolas, a unidade social de produção das comunidades caiçaras do Vale do Ribeira e do litoral paulista foi, e em muitos lugares ainda é, a unidade familiar, onde havia uma divisão de trabalho entre homens, mulheres e crianças.

Por ocasião de trabalhos mais pesados, como a preparação do terreno para o plantio de uma roça grande ou a colheita de arroz, usava-se, e em alguns lugares ainda ocorre, o “mutirão” ou “putirão” ou “troca-troca”, forma de ajuda mútua pela qual o anfitrião se comprometia a ajudar os outros sitiante quando solicitado. O mutirão ocorria, em geral, nos fins de semana, quando os vizinhos atendiam ao chamado para cooperar com o sitiante necessitado, que usualmente oferecia comida e, à noite, o fandango que varava a madrugada. Essa forma de solidariedade não tinha somente uma função produtiva, mas facilitava o contato entre os vizinhos, estreitava os laços sociais e permitia a troca de informações e mesmo, às vezes, namoros e casamentos (FORTES FILHO, 2005).

Além dessas formas de cooperação, existiam as relações de compadrio, pelas quais as crianças durante a cerimônia do batismo ganhavam um padrinho ou uma madrinha, seja do sítio ou da cidade, e que era, de alguma forma, responsável pela vida de seus afilhados. Os afilhados pediam a bênção aos padrinhos e às madrinhas, que em ocasiões especiais lhes davam presentes. Os compadres e comadres também tinham a obrigação de se apoiar e ajudar nos momentos difíceis.

As festas e os rituais caiçaras mais importantes são, em geral, associados às práticas de sociabilidade existentes nas atividades agrícolas até recentemente em todo o território caiçara.

A Dança de São Gonçalo é uma festa associada aos ritos agrários, e em alguns lugares, como em São Paulo Bagre (Cananeia), é realizada ao final do mutirão. Muitas vezes o dono da casa realiza as festas em agradecimento ao santo por não ter chovido durante os trabalhos. A Dança de São Gonçalo, o santo violeiro e também casamenteiro, é realizada diante de uma mesa onde está sua imagem ou um buquê de flores quando não se tem a imagem. Os pares formam um círculo que gira da esquerda para a direita. A pessoa que fez a promessa e seu parceiro devem se postar à frente da imagem na formação da roda. À medida que os violeiros tocam, os pares vão formando um círculo concêntrico, fazendo uma reverência quando chegam ao altar. Cada par então se retira, sem lhe dar as costas (SCARPIN, 1991).

Algumas festas eram realizadas tanto nas praias quanto nas vilas e nas cidades litorâneas, o que contribuía para reforçar as relações de parentesco e compadrio existentes entre as áreas urbanas e as rurais.

A Folia do Divino Espírito Santo, manifestação cultural de origem portuguesa, é uma tradição que se repete todos os anos, em alguns lugares, iniciando-se na última semana do mês de abril com a saída das bandeiras e terminando no fim do mês de junho, antes das festividades na sede do município, no primeiro domingo do mês de julho. As atividades da festa têm início com a saída das

bandeiras da igreja, na cidade, para todos os bairros, com a finalidade de avivar a fé e também angariar prendas para custear o evento.

Alguns cultivos — como do arroz e da mandioca — já haviam sido colhidos por volta de maio e junho (SILVA, 1993), e, assim, os caiçaras tendiam a “agradecer” pela tainha capturada na pesca coletiva e pelos produtos de algumas de suas roças; não era o caráter propiciatório, mas de “agradecimento”, como sugere Araújo (1967). A “folia”, desse modo, seguia de praia em praia, como notou Carvalho (1944) na década de 1940, e depois se embrenhava pelos sítios, com seus músicos, sua bandeira (SCARPIN, 1991).

As Folias de Reis, ou Reiadadas, realizadas ainda hoje, têm início na noite de Natal, no dia 24 de dezembro, e prolongam-se até o Dia de Reis, 6 de janeiro do outro ano. É a encenação da adoração dos Reis Magos ao Menino Jesus, em Belém, que no litoral paulista tem um sentido meramente local e é realizada pelos próprios moradores, sem a supervisão de nenhuma entidade religiosa. A Reiaida é formada por um grupo de pessoas, com vestimentas especiais, acompanhadas de um conjunto musical com violas, cavaquinhos, rabecas, adufos e caixas, que obedecem a um ritual de cantoria já consolidado. Três são os cantos que acontecem invariavelmente, nas andanças da reiaida: o canto de chegada no terreiro da moradia, o canto da apresentação e da alegria, que antecede o recebimento das oferendas e o canto da despedida, antes do oferecimento da comida, dos doces e das bebidas, pelo dono da casa (FORTES FILHO, 2005).

A maior festa religiosa do Vale do Ribeira é a Festa do Senhor Bom Jesus de Iguape, que tem uma importância muito grande para o caiçara. O achado de sua imagem deu-se no ano de 1647, na Praia do Una, na região da Jureia, no litoral de Iguape. A imagem foi encontrada pelos moradores da praia e trazida para a cidade de Iguape. Dessa data em diante, teve início a tradição das festividades que trazem para esse centro de peregrinação um número considerável de pessoas. São os romeiros da região e de fora da região — “os serracimanos”, moradores de serra-cima — que vêm agradecer e renovar as esperanças de uma vida melhor.

É um acontecimento que atrai grande parte da população católica da zona urbana e da zona rural do município de Iguape. A atração da festa extrapola os limites geográficos e ganha também adesão dos moradores das regiões Sul e Centro-Oeste do Estado de São Paulo, bem como dos Estados do Paraná e de Santa Catarina.

Finalmente, os caiçaras não cantavam propriamente “canções marítimas”, mas “modas de sítio”, tendo como temas o cotidiano do mundo rural. Claro que havia exceções; Mourão (1971) sugere que a festa-procição marítima de Nossa Senhora dos Navegantes, introduzida já em inícios do século XX por um vigário bretão, em Cananeia, era uma das poucas festas religiosas do litoral paulista em que se entrevia um certo sabor de “maritimidade”. De modo geral, porém, segundo ele, a maioria das festas e cerimônias do litoral paulista tem “mais natureza agrária e urbana” que marítima (MOURÃO, 1971).

Hoje, algumas danças, como a de São Gonçalo, desapareceram em muitos lugares, pois era feita após o “mutirão”, “puxirão” ou troca de dias no preparo da terra para o cultivo ou durante a colheita, atividades proibidas ou limitadas pela legislação ambiental vigente e também pela expropriação das terras pela especulação imobiliária. A farinha de mandioca, em muitos lugares, já é produzida em poucas localidades, sendo comprada de outros estados, em geral sob forma industrializada. Com isso a tradicional casa de tráfico, casa ou fábrica de farinha, como são chamadas localmente, está em vias de desaparecimento em muitas praias e sítios.

Em Eldorado, assim como em vários municípios do Alto Vale do Ribeira, a influência da cultura negra africana, remanescente do período da mineração, ainda é presente, embora hoje a população esteja dividida entre as igrejas católicas e evangélicas.

Em Eldorado, até algum tempo atrás havia a congada, embora ainda hoje, em muitas cidades do Médio e do Alto Ribeira, sejam realizadas manifestações culturais parecidas com as que foram descritas quando se tratou dos caiçaras: a Festa do Divino ainda acontece em algumas localidades, assim como a Festa de Reis e a Dança de São Gonçalo, realizada para agradecer as colheitas fartas.

Em Iporanga, destaca-se a procissão fluvial, realizada no dia 31 de dezembro, que relembra a importância das canoas fluviais, as ribeiranas, construídas sem quilhas para navegar no Rio Ribeira. É de se destacar que essas canoas chegavam ao Alto Ribeira, para fazer comércio, voltando carregadas de arroz vendido em Iguape.

Além das festas, há um sem-número de lendas e mitos, tanto no interior do Vale do Ribeira quanto na faixa litorânea, relacionados em grande parte à vida rural, ao período da escravidão (tesouros enterrados) e, alguns, à vida do mar (DIEGUES, 2006).

Nessa região é frequente o uso de ervas medicinais e rezas na cura de doenças, apesar de sua utilização hoje se restringir às áreas rurais, em geral onde predomina a religião católica.

A migração dos jovens, o avanço das igrejas evangélicas (algumas das quais se instalaram na região já na década de 1940) e a maior vinculação à economia de mercado que destruiu uma certa autossuficiência nas praias e nos bairros rurais, além de quebrar o mundo de valores religiosos, serviram para aumentar o nível dos conflitos. Estes se refletem, por exemplo, no aumento constante do consumo da cachaça.

## **As mudanças socioculturais a partir de meados do século XX**

As mudanças socioculturais que originaram migrações importantes dos sítios para as cidades começaram a se intensificar nas décadas de 1930 a 1950, quando foram construídas as primeiras estradas de rodagem que ligaram o litoral ao planalto. Intensificou-se nessa época um grave problema de grilagem de terras que afetou praticamente todos os municípios do Vale do Ribeira e do litoral, ocasionando, em alguns casos, verdadeiros conflitos armados. Esses problemas foram agravados com a construção da BR-116 (década de 1960).

A primeira consequência dessas estradas foi a desarticulação da navegação marítima e fluvial no litoral, seguida da chegada à região de grupos imobiliários e grileiros que não só se apossaram das praias e dos sítios, expulsando os caiçaras, quilombolas e caipiras, mas também intensificaram o desmatamento da Mata Atlântica da região com a operação de serrarias e indústrias de palmito. Os grileiros adquiriram pequenas posses e ampliavam suas propriedades em terras devolutas ou da União.

A desapropriação das terras caiçaras e de outros grupos tradicionais pelos especuladores foi, muitas vezes, realizada de forma violenta, através de jagunços que ameaçavam e expulsavam os moradores, mas, na maioria das vezes, estes foram ludibriados, com o uso de artifícios legais. Em certos casos, o caiçara, depois de vender sua propriedade, acabava trabalhando como caseiro do novo proprietário de fora, que construía sua casa na praia. Em muitos casos, os moradores caiçaras, depois de venderem suas praias para veranistas, foram obrigados a construir suas casas nas encostas das serras, em lugares sujeitos a perigo de desabamentos onde tampouco sua presença é legalmente autorizada. Depois de serem considerados “posseiros” em suas próprias terras, são considerados agora moradores ilegais nas encostas das serras, em áreas de restinga e mangue, consideradas áreas de proteção permanente (APPs).

A indústria de construção de casas de veraneio atraiu um sem-número de trabalhadores da construção civil oriundos de outras regiões e estados que incharam as áreas suburbanas das cidades litorâneas, construindo favelas que também passaram a ser habitadas por caiçaras migrantes de suas praias de origem.

Hoje existe alguma diversificação de atividades econômicas, ainda que raramente a atividade industrial esteja presente, a não ser no setor de mineração (calcário, cimento, chumbo), sobretudo no Alto Ribeira, que também tem se especializado em atividades agrícolas, como o cultivo de tomate (Apiáí). Em todos os municípios do Vale do Ribeira existe a predominância do setor primário, sobretudo extrativismo vegetal (retirada, muitas vezes irregular, de palmito e fibras; produção de carvão), algumas áreas de reflorestamento (pinus e eucalipto) e agricultura, com nítida predominância da monocultura da banana, sobretudo no Médio e no Baixo Ribeira, produtos hortifrutigranjeiros e, em alguns casos, o arroz e a mandioca, esta última, alimento de base das populações caiçaras. Um dos fatores limitantes para a agricultura, sobretudo no Médio e no Baixo Ribeira, são as inundações periódicas que destroem plantações ribeirinhas. Nos municípios litorâneos sobressai a pesca, sobretudo de camarão em Cananeia e de manjuba em Iguape.

O turismo destaca-se como a atividade mais importante da região, tanto no Alto quanto no Médio Ribeira, com incontáveis cavernas, cursos d'água (para canoagem) e visitação em parques naturais, ainda que poucos deles estejam preparados para essa atividade.

Nos municípios litorâneos, além do turismo de praia e mar, como é o caso da Ilha Comprida, de Iguape e de Cananeia, destaca-se o grande potencial turístico representado pelo patrimônio arquitetônico colonial, com seus sobrados e suas igrejas.

## **Duas questões contemporâneas**

Entre os processos que têm alterado, em profundidade, o modo de vida e a cultura caiçaras, estão a implantação de áreas protegidas e a expansão turística.

- **As áreas naturais protegidas**

O Vale do Ribeira e a zona litorânea paulista abrigam a maior extensão contínua ainda conservada da Mata Atlântica no Brasil. Dessa área, 78% ainda estão cobertos por remanescentes originais, com alto grau de preservação e endemismo. São 1.200.000 hectares de florestas; 190.000 hectares de restingas; 30.000 hectares de manguezais; e 200 km de uma costa recortada por um complexo de praias, estuários e ilhas.

Em 1998 o Vale do Ribeira recebeu o título da Unesco de Patrimônio Histórico e Ambiental da Humanidade. Além disso, a região também integra as Áreas Piloto da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

Cerca de 51,6% do território do Vale do Ribeira está inserido dentro de um sistema de proteção legal, através de um mosaico integrado de Unidades de Conservação (UCs) marinhas e terrestres, como Parques; Estações Ecológicas; Áreas de Proteção Ambiental (APAs); e Reservas Extrativistas e de Desenvolvimento Sustentável, formando um grande cinturão de proteção à biodiversidade e ao patrimônio cultural, histórico, espeleológico, arqueológico e arquitetônico do país. São mais de 300 cavernas, sítios arqueológicos e mais de 150 monumentos, ruas e imóveis tombados como patrimônio histórico-cultural, além de uma diversidade de espécies da fauna e da flora, algumas endêmicas e ameaçadas de extinção, como o papagaio-da-cara-roxa, a jararaca-ilhoa e o palmito-juçara (SMA, 1997).



O Vale do Ribeira (e seu litoral) mantém a maior superfície contínua de Mata Atlântica do país, hoje reduzida a cerca de 7% do que era no início da colonização. Mantém ainda hoje uma grande diversidade de mata nativa, espécies de flora e fauna, principalmente nas áreas protegidas. Além disso, dispõe do maior conjunto de cavernas do estado em Eldorado e Iporanga (Caverna do Diabo, Santana), que são objeto de grande visitação turística.

Desde a década de 1960, iniciou-se um movimento de criação de áreas protegidas nessa porção da Mata Atlântica, tendo sido, no geral, apoiado por organizações da sociedade civil (ONGs), cientistas, movimentos e associações locais. Um marco dessa mobilização foi a criação da Estação Ecológica Jureia-Itatins, como forma de se impedir a construção de uma usina nuclear e de projetos imobiliários.

## Áreas indígenas

Na Bacia, são encontradas áreas indígenas ocupadas por famílias pertencentes aos subgrupos Mbya e Ñandeva. A Reserva Itariri, localizada no município de mesmo nome, foi criada pelo Decreto Federal nº 94.225, de 14 de abril de 1987, com 1.212,47 hectares. Em Cananeia, a área indígena Rio Branco de Cananeia ainda não foi homologada. Existem outras comunidades Guarani em municípios como Peruíbe, Itariri, Cananeia e Pariquera-Açu.

Por outro lado, a transformação de parte considerável das comunidades tradicionais em unidades de conservação de proteção total, onde por lei não é permitida a presença humana, tem tido consequências negativas graves sobre o modo de vida dessas comunidades. No início, algumas dessas áreas conseguiram frear, até certo ponto, a especulação imobiliária, mas depois, com a proibição de fazer roça, tirar madeira para canoas, moradias e instrumentos de trabalho e reformar moradias e escolas, essas comunidades tradicionais tiveram seus direitos civis seriamente ameaçados e em vários casos violados. Não tendo documentos de propriedade, foram considerados posseiros, sem direito à indenização da terra, e muitos foram obrigados a deixar seu território para não perecer. O fechamento de escolas e outros serviços públicos também contribuiu para um esvaziamento maior das áreas caiçaras transformadas (DIEGUES, 1996).

- **A expansão urbana e turística**

O turismo tem sido, desde a década de 1950, um elemento profundamente transformador da paisagem do Vale do Ribeira, que se intensificou a partir da década de 1970, no litoral norte, com a abertura e a melhoria das estradas federais e estaduais. A demanda turística maior tem sido por áreas à beira-mar, o que tem levado a uma urbanização caótica, sobretudo em quase todos os municípios litorâneos. Na Ilha Comprida cerca de 200.000 lotes foram vendidos, em parte dos quais foram construídas residências secundárias. Muitas delas não dispõem de serviços de água e esgoto, dificultados pelo fato de se tratar de uma ilha de formação de restinga, ecossistema extremamente frágil.

O impacto mais negativo tem sido a construção de casas de veraneio e outras instalações turísticas nas praias, o que tem resultado na venda das posses caiçaras a turistas e na transformação dos moradores locais em caseiros, já a partir dos anos 1940. Nesse período o caiçara era tido como “preguiçoso de praia”, indolente, preconceito que servia para justificar a expropriação de suas praias e a forçada subida aos morros, com a correspondente dificuldade crescente de manter seus ranchos de pesca. O mesmo preconceito reaparece mais recentemente com a imagem do caiçara destruidor das matas, que tem justificado a transformação de seus territórios em “áreas naturais”, reforçando sua marginalização.

Alguns trabalhos de pesquisa (DIEGUES, 1996; CALVENTE, 1997; LUCCHIARI, 1992; FURLAN, 2000) têm analisado o comportamento dessas populações tradicionais frente à invasão turística, indicando as formas pelas quais os locais enfrentam essa nova situação, marcadas pelas tentativas de conviver com os turistas. Na maioria das vezes verifica-se uma desorganização do modo de vida tradicional pela “modernidade”, e, em outras ocasiões, a incorporação de novos valores da sociedade urbano-industrial. Em algumas áreas, formaram-se verdadeiros guetos caiçaras, com suas casas encurraladas pela avalanche de residências secundárias.

Os meses de verão dedicados às férias no meio urbano têm constituído uma nova “safra” no calendário de atividades locais, que mobiliza as embarcações de pesca transformadas em barcos de transporte de turistas e casas de pescadores transformadas em pousadas. O trabalho em construção civil também tem desviado muitos caiçaras de suas atividades tradicionais de roça, pesca e coleta.

Há, no entanto, formas de resistência e experiências mais positivas em relação ao turismo local, nas quais os moradores se organizaram em associações cujos membros estabeleceram pousadas, organizam não somente passeios a lugares de beleza natural como também mostram aos visitantes as atividades de fabricação da farinha, visita aos cercos de pesca, danças tradicionais etc. Uma dessas experiências é a do Marujá, bairro caiçara ao sul do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, em São Paulo.

Enquanto as comunidades tradicionais se concentravam em bairros urbanos, no litoral, passando a viver da pesca, mantinha-se o modo de vida tradicional. O mesmo não ocorre com a nova urbanização, com a constituição de favelas, algumas delas distantes do mar, onde a pesca foi substituída por outras atividades, como a de serviços. Nesses locais predominam as igrejas evangélicas, criando um novo tipo de sociabilidade que nega algumas práticas culturais tradicionais, como o culto dos santos e os bailes. Nesse caso, o modo de vida e a cultura tradicional passam a fazer parte da memória “da vida no sítio”, em que, para muitos, fixou-se a construção simbólica da “idade de ouro”, quando a vida era melhor.

## **A construção da identidade das comunidades tradicionais**

A partir de inícios da década de 1980, começa a se expressar uma identidade na maioria das comunidades tradicionais da região, fruto dos embates contra a especulação imobiliária, contra o autoritarismo ambiental e contra a construção de barragens no município de Eldorado que atingirão, se realizadas, vários bairros quilombolas e porção significativa da Mata Atlântica local.

Um dos casos paradigmáticos dessa reação é a luta dos caiçaras para permanecer na Estação Ecológica da Jureia-Itatins, criada em meados dos anos 1980 e que resultou na expulsão de inúmeras famílias que engrossaram as favelas de Peruíbe e Iguape. Em 2006, após anos de luta, as comunidades caiçaras conseguiram a criação de reservas de desenvolvimento sustentável, modalidade que lhes permite a permanência em suas terras, fazendo o uso sustentável dos recursos naturais.

Outra reação à perda do território é a implantação de reservas extrativistas marinhas, através das quais os pescadores passam a controlar efetivamente o território de uso tradicional dos recursos pesqueiros ou de coleta. A Reserva Extrativista do Mandira, em Cananeia, foi a primeira reserva decretada para o manejo e a comercialização de ostras. O êxito da Reserva Extrativista de Mandira, entre outros benefícios, como o aumento de renda e o surgimento de lideranças atuantes, tem aumentado a autoestima e a identidade caiçara.

Um fenômeno recente é articulação de comunidades caiçaras, realizada por ONGs, institutos de pesquisa e associações locais. Essas entidades têm promovido regularmente congressos e encon-

tros, com a participação de líderes das comunidades tradicionais, para a discussão e a solução de problemas comuns. Também na região existe um embrião de um Fórum dos Povos e comunidades tradicionais à semelhança do que existe no litoral norte paulista e no sul fluminense.

Nota-se também um renascer de grupos de fandango e danças caiçaras tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo e no Paraná. Uma oficina realizada no Parque Estadual da Ilha do Cardoso, em fevereiro de 2003, reunindo vários grupos de fandango dos litorais paulista e paranaense, além da constituição de novos grupos de Reisado e Marujada, tem servido também para mostrar os aspectos culturais comuns a essas regiões litorâneas. O fandango foi declarado patrimônio nacional pelo Iphan.

O apoio às organizações locais, através do programa federal de “pontos de cultura”, tem também colaborado para manter viva a tradição musical caiçara. Algumas ONGs locais, como a Associação dos Jovens da Jureia, em Iguape, a Mongue, de Peruíbe, e a Rede Cananeia e a Associação de Artesãos e Produtores Familiares, de Iguape, têm incentivado o surgimento de novos grupos culturais que, sem dúvida, têm contribuído para aumentar a autoestima dos caiçaras e sua identidade cultural.

Percebe-se, portanto, a construção de uma autoidentificação dos moradores tradicionais caiçaras e quilombolas, da qual eles passam a ser orgulhar. Esse autorreconhecimento é frequentemente, nos dias de hoje, uma identidade construída ou reconstruída, como resultado, em parte, de processos de contatos cada vez mais conflituosos com a sociedade urbano-industrial e com os neomitos criados por esta. Parece paradoxal, mas os neomitos ambientalistas ou conservacionistas explícitos na noção de áreas naturais protegidas sem população têm contribuído para o fortalecimento dessa identidade sociocultural em populações como os quilombolas do Vale do Ribeira, os caiçaras do litoral paulista etc. Para esse processo, tem contribuído também a organização de movimentos sociais, apoiados por entidades não governamentais.

**ANTONIO CARLOS DIEGUES**

Antropólogo · Universidade de São Paulo

## Bibliografia

- ALMEIDA, P. Da decadência do litoral paulista. *Revista do Arquivo Municipal*, ano X, n. CII, 1945.
- ANGELO, S. *Ilhas e cidadania: implicações socioambientais das políticas de conservação ambiental*. Tese (Doutorado) — USP, Departamento de Geografia, 2000.
- ARAÚJO, M. *Cultura popular brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- CALVENTE, M. C. Ilha Bela, turismo e território. In: DIEGUES, A. *Ilhas e sociedades insulares*. São Paulo: Nupaub/USP, 1997.
- CARVALHO, M. C. V. O pescador do litoral do Estado de São Paulo. In: *Anais do Congresso de Geografia*. Rio de Janeiro: AGB, 1944. v. 9.
- DIEGUES, A. (Org.) *Enciclopédia caiçara (2002-2006)*. São Paulo: Hucitec/Nupaub, 2005. v. 1-5.
- DIEGUES, A. Festas, lendas e mitos caiçaras. In: DIEGUES, A. *Enciclopédia caiçara*. São Paulo: Hucitec/Nupaub, 2006. v. 5.
- DIEGUES, A. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DIEGUES, A.; ARRUDA, R. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2000.
- FORTES FILHO, P. Falares caiçaras. In: DIEGUES, A. *Enciclopédia caiçara*. São Paulo: Hucitec/Nupaub, 2005. v. 2.
- ISA (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL). *Projeto diagnóstico socioambiental do Vale do Ribeira*. São Paulo, 1998.
- LIMA, T. R. *Folguedos populares no Brasil*. São Paulo: Ricord Brasileira, 1962.
- LUCHIARI, M. *Caiçaras, migrantes e turistas: trajetória da apropriação da natureza no litoral norte de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) — Unicamp, 1992.
- MANCIBO, O. *Apiat: do sertão à civilização*. São Paulo: Omega, 2001.
- MOURÃO, F. *Os pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo: um estudo de sociologia diferencial*. Tese (Doutorado) — FFLCH/USP, São Paulo, 1971.
- MUSSOLINI, G. Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro. In: CARONE, E. *A cultura caiçara*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- NUPAUB. *Inventário das áreas úmidas brasileiras*. São Paulo: Nupaub/USP, 2002.
- PETRONE, P. A baixada do Ribeira: estudo de geografia humana. São Paulo: FFLCH/USP. *Boletim*, n. 283 (Cadeira de Geografia n. 14), 1966.
- QUEIROZ, M. I. *Os bairros rurais paulistas: a dinâmica das relações bairro rural/cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.
- SCARPIN, E. *São Paulo Bagre: o imaginário religioso num bairro rural de Cananeia*. Dissertação (Mestrado) — Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 1991.
- SCHMIDT, C. A lavoura caiçara. In: *Documentário da vida rural, n. 14*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1958.
- SCHMIDT, C. Alguns aspectos da pesca no litoral paulista. *Revista do Museu Paulista*, v. 1, 1947-1948.
- SILVA, L. G. *Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil*. São Paulo: Cemar, 1993.
- SMA. *Coletânea de trabalhos apresentados*. Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, Curitiba, 1997.



As duas fotografias que finalizam esta obra (páginas 340 e 355) são uma homenagem *in memoriam* a meu avô, Jorge De Valhery, por ter trazido Iguape à vida da minha família. Foram tiradas por ele na década de 1940 e mostram aspectos de uma Iguape antiga e charmosa. Hoje fazem parte de uma coleção chamada “Vistas de Iguape” pertencente ao acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo. O garoto, em uma delas, é meu pai, Paulo Ricardo M. V. Jolkesky.

## Índice de imagens

### Capa

Águas do Rio Peropava se somam ao Ribeira

Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Autora da logomarca:**

Cris M. Novo

### Páginas 8 e 9

Procissão fluvial de Nossa

Senhora do Livramento

Iporanga (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Página 12

Procissão de Nossa Senhora do Livramento

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

### Páginas 14 e 15

Pescadores puxando a rede após pesca de manjuba

Célio Roberto Ferreira e

Welington Cesar Malho Filho

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Página 17

Cacique Timóteo Verá Tupã

Popygua

Cacique, líder indígena

Aldeia Takuari, Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

### Páginas 18 e 19

Vista da foz do Rio Ribeira

Icapara, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

### Página 20

João do Caranguejo (João Teodolino da Silva) na lida diária de caça ao caranguejo nos manguezais preservados da região da foz do Ribeira

Pescador

Icapara, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Páginas 22 e 23

Tradicional canoa feita de uma única tora de madeira

Região do Quilombo

Ivaporunduva, Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

### Página 25

Jardelina Pedroso da Silva

Quilombola, aposentada

Quilombo Ivaporunduva,

Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

### Páginas 26 e 27

Cultivo de banana às margens do Rio Ribeira

Eldorado (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Página 28

Trabalhadores

Itaoca (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Páginas 30 e 31

*Rafting* nas corredeiras do Alto Ribeira

Cerro Azul, PR

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Páginas 36 e 37

Pescaria na barra do Rio Peropava Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

### Páginas 38 e 39

Manguezais na foz do Ribeira

Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Páginas 40 e 41

Rio Ribeira encontra o mar

Praia do Leste, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Páginas 42 e 43

Balsa

Barra do Ribeira, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

### Página 44

Ruínas deixadas pela maré Praia do Leste, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

### Página 45

Israel Diogo de Mendonça

Pescador aposentado

Praia do Leste, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Páginas 46 e 47

Israel Diogo de Mendonça

Pescador aposentado

Entre as árvores que o Ribeira leva na correnteza até a foz

Praia do Leste, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Página 48

A manjuba da Silvana

Silvana Cristina de Aguiar Souza

Empreendedora

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Página 49

A manjuba da Jô

Jô (Jesusles Fernandes da Silva)

Empreendedora

Praia do Leste, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

### Páginas 50 e 51

Guilherme Borges Pupo na pesca artesanal

Pescador

Barra do Ribeira, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

### Página 52

Peixe

Praia de Leste, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

### Página 53

Pesca artesanal

Barra do Ribeira, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 54 e 55**

Trapiche  
Barra do Ribeira, Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 56 e 57**

Trilha para o farol de Icapara  
Icapara, Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 58 e 59**

Pesca artesanal nos manguezais  
próximos à foz do Rio Ribeira  
Icapara, Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 60**

Walter de Lima  
Artesão  
Vila Nova, Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 62 e 63**

Rabeca artesanal  
Vila Nova, Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 64**

Fabricação de uma rabeca  
artesanal pelas mãos do *luthier*  
Odirlei  
Vila Nova, Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 65**

Odirlei Franco de Lima  
Educador e *luthier*  
Vila Nova, Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 66 e 67**

Pesca do dia  
Milton de Oliveira Ribeiro, à  
esquerda  
Adilson Trudes Pereira, no  
centro  
Lauro Serafim Pontes, *in*  
*memoriam*  
Icapara, Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 68 — no alto**

Canoa de pesca no manguezal  
Icapara, Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 68 — inferior**

João do Caranguejo (João  
Teodolino da Silva)  
Icapara, Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 70 e 71**

Vista da cidade de Iguape e o  
lagamar formado pelas águas  
do Ribeira, vindas tanto do seu  
leito natural, pela Barra, como  
pelo Valo Grande, leito escavado  
artificialmente em 1855  
Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 72 — no alto**

Casareões históricos no centro de  
Iguape  
Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 72 — inferior**

Palacete em ruínas no centro  
histórico  
Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 73 — no alto**

Travessia de pedestres sobre o  
Valo Grande  
Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 73 — inferior**

Ruínas de casarão no centro  
histórico  
Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 74 e 75**

Procissão na festa do Senhor  
Bom Jesus de Iguape no centro  
histórico  
Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 76 e 77**

Procissão em frente à Basílica do  
Senhor Bom Jesus de Iguape e  
Nossa Senhora das Neves  
Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 78 — no alto**

Procissão na Basílica do Senhor  
Bom Jesus de Iguape e Nossa  
Senhora das Neves  
Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 78 — inferior**

Romeiros em frente à Basílica do  
Senhor Bom Jesus de Iguape e  
Nossa Senhora das Neves  
Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 79 — no alto**

Cruz de pedra em frente à Basílica  
do Senhor Bom Jesus de Iguape e  
Nossa Senhora das Neves  
Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 79 — inferior**

Romeiros em frente à Basílica do  
Senhor Bom Jesus de Iguape e  
Nossa Senhora das Neves  
Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 81**

Entrada da Basílica do Senhor  
Bom Jesus de Iguape e Nossa  
Senhora das Neves  
Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 82 e 83**

Crianças Guarani Mbyá  
fotografam com celulares as  
tradições dos seus antepassados da  
aldeia  
Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 84 e 85**

Trapiche no Valo Grande  
Iguape (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 86 e 87**

Garoto “voando” da barragem do  
Valo Grande se entrega às águas  
do Rio Ribeira  
Iguape (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 88**

Garoto mergulhando da barragem do Valo Grande sobre as águas do Rio Ribeira Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 89 – no alto**

Garoto saltando da barragem do Valo Grande sobre as águas do Rio Ribeira Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 89 — inferior**

Garoto se entrega às águas do Rio Ribeira, “voando” do alto da barragem do Valo Grande Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 90 e 91**

Crianças se divertindo nas águas do Rio Ribeira em tarde ensolarada, em atracadouro no Valo Grande Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 92**

Rio Ribeira corre preguiçoso à montante de Iguape, próximo à Barra do Peropava Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 93**

Rio Ribeira e suas águas calmas próximo à Barra do Peropava Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 94**

Maximo Tacashira em seu “rancho” sobre as águas do Ribeira Momuna, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 95**

Maximo Tacashira ainda se lembra dos tempos da imigração japonesa para a Colônia Katsura, fundada em 1913

Momuna, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 96 e 97**

Trapiche sobre o Ribeira Momuna, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 98**

Antigo galpão da Colônia Katsura, fundada em 1913.

A Colônia Katsura foi a primeira colônia japonesa no Brasil, organizada em parceria entre o governo brasileiro e a companhia japonesa de imigração Companhia de Imigração Ultramarina S/A ou Kagai Kogyo Kabushiki Kaisha (K. K. K. K.)

Jipovura, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 99**

Antigo galpão da Colônia Katsura, fundada em 1913 na região de Jipovura Jipovura, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 100 e 101**

Águas calmas do Ribeira refletem o céu. Região da antiga colônia em Jipovura, que abriga fatos importantes da história da imigração japonesa Jipovura, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 102**

Pela porta do antigo galpão de beneficiamento de arroz da Colônia Kastura, avista-se o Ribeira

Jipovura, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 103 — no alto**

Ivan Ribeiro

Pescador e condutor do Transporte Escolar Fluvial. Sem seu serviço, as crianças ribeirinhas não têm como chegar à escola

Jipovura, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 103 — inferior**

O Transporte Escolar dos bairros ribeirinhos de Jipovura, Momuna, Jairê e outras regiões em Iguape

Jipovura, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 104 e 105**

A pesca artesanal da manjuba Célio Roberto Ferreira e Wellington Cesar Malho Filho

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 106 — no alto**

Geração de pescadores. Vivem da pesca artesanal

Célio Roberto Ferreira e

Wellington Cesar Malho Filho

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 106 — inferior**

Manjuba

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 108**

A pesca rendeu pouco Luis Carlos Martins

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 109**

Puxando a rede em atividade de pesca artesanal

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 110**

*Chef* de cozinha

Silvana Cristina de Aguiar Souza Empreendedora

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 111**

Cientista

Camila Krumier Damosio

Bióloga marinha

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky



**Páginas 112 e 113**

Pescadores atletas na corrida de canoa caíçara

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 114 — no alto**

O fandango

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 114 — inferior**

O fandango

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 115 — no alto**

O fandango

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 115 — inferior**

O fandango

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 116**

As mãos da última artesã que ainda confecciona as tradicionais panelas pretas de cerâmica do Jairê

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 117**

Vanete Muniz Ferreira Campos, a última artesã que ainda confecciona as tradicionais panelas pretas de cerâmica do Jairê

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 118**

Casa de um pescador

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 119**

Graziella M. de Souza Ferreira e seu filho Samuel Henrique de Souza Ferreira

Família de pescadores com raízes indígenas

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 120 e 121**

O poeta e professor Júlio Cesar da Costa, ao lado do músico Antonio de Lara Mendes, o Lara Cantador do Vale, entoando suas canções ao lado das águas do Ribeira

Jairê, Iguape (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 122 e 123**

O cacique Renato Verá Mirim em meio às matas preservadas da reserva indígena

Aldeia Tekoa Pindoty, Cananeia,

Iguape e Pariquera-Açu (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 124**

Casas na Aldeia Tekoa Pindoty, Cananeia, Iguape e Pariquera-Açu (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 125**

Crianças da etnia Guarani Mbyá Aldeia Tekoa Pindoty, Cananeia, Iguape e Pariquera-Açu (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 126 e 127**

Exemplares de palmeira-juçara na mata preservada da Aldeia Tekoa Pindoty, Cananeia, Iguape e Pariquera-Açu (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 128 — no alto**

Rio Jacupiranga próximo ao ponto onde deságua no Rio Ribeira

Pariquera-Açu (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 128 — inferior**

Criação de búfalos às margens do Rio Ribeira, entre as barras dos Rios Pariquera-Açu e Jacupiranga Pariquera-Açu (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 129 — no alto**

Pescaria na barra do Rio Jacupiranga

Pariquera-Açu (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 129 — inferior**

Curral de criação de gado às margens do Rio Ribeira, na barra do Rio Jacupiranga Pariquera-Açu (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 130 e 131**

Casarão dos tempos de grandes fazendas

Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 132**

Eduardo Pinto Junior, na região de planície onde o Ribeira muda constantemente de curso formando lagoas e alagadiços temporários

Boiadeiro

Margem do Rio Km 21, Lagoa Nova, Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 133**

Eduardo Pinto Junior

Boiadeiro

Manejo de gado às margens do Rio Ribeira

Margem do Rio Km 21, Lagoa Nova, Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 134**

Pato (Levi Fernandes)

Pescador

Jurumirim, Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 135**

Extração de areia e barro para olarias e construção

Região de Jurumirim, Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 136 e 137**

O monumento Torii, inaugurado em 1993 para celebrar os 80 anos da formação da colônia japonesa. Ao fundo, a ponte da rodovia BR-101 cruza o Rio Ribeira

Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 140**

Estrada de ferro sobre o Rio Ribeira  
Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 141**

Pista de skate  
Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 142 e 143**

Prédio da K. K. K. K., a Companhia de Colonização Ultramarina S/A, fundada em 1913 para organizar a imigração japonesa. Hoje esta edificação é o marco da colonização japonesa no Brasil

Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 144 e 145**

Antigo casarão japonês  
Rubens Shimzu  
Engenheiro agrônomo  
Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 146**

Construção tradicional japonesa da época da imigração, casa que foi desmontada, transportada e remontada em outro bairro  
Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 147**

Construção tradicional japonesa da época da imigração  
Sr. Nelson Katsuo Okiyama  
Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 148 e 149**

Ume Shimada, aos 98 anos, foi responsável por recuperar a produção de chá artesanal, colhendo com suas próprias mãos a produção da família  
Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 150 e 151**

Kazutoshi Yamamaru cuidando do chazal plantado em sistema de agrofloresta, em cultura orgânica Raposa, Sete Barras (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 152**

Danças tradicionais na cerimônia do Tooro Nagashi

Sr. Tsutomu Yamaguchi

Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 153**

Danças tradicionais na cerimônia do Tooro Nagashi

Meninos do Tambor

Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 154 e 155**

Centenas de velas flutuando nos *tooros* são soltas na correnteza para celebrar os falecidos antepassados. Para não gerar poluição, são recolhidas com uma rede de pesca alguns quilômetros a jusante de Registro

Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 156 e 157**

Crianças em roupas tradicionais são parte da cerimônia religiosa do Tooro Nagashi mãe

Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 158**

O junco, introduzido no Brasil pelos imigrantes japoneses na época da colonização, seca ao sol após a colheita, para posteriormente ser transformado em fibras para tecelagem artesanal

Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 159**

Jorge Hiroshi Yoshimura, industrial, descendente da família que trouxe o junco para o Brasil, entre medalhas e diplomas recebidos dos governos do Brasil e do Japão pelos feitos referentes a culturas tradicionais

Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 160 e 161**

Jorge Hiroshi Yoshimura, industrial, em sua indústria de produtos de junco, feitos com máquinas de tecer fibras antigas, da época da imigração, em plena operação

Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 163 — no alto**

Casa Watanabe: vende de tudo. O pequeno comércio da família há mais de 70 anos

Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 163 — inferior**

Conceição Watanabe e Tsuneo Watanabe dividem a vida e o balcão do comércio há mais de seis décadas

Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 164**

A mão do pescador

Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 165**

O pescador Anazil Pedroso produz e usa o “covo”, ao fundo na foto, para suas pescarias.

Armadilha de pesca tradicional da região do Baixo Ribeira

Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 166 e 167**

Helio da Veiga, lavrador, na lida diária com a banana, um dos principais produtos agrícolas do Baixo Ribeira

Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 168 — no alto**

Edson José da Rocha na lida com a banana. Todas as pencas devem ser ensacadas em bolsas plásticas para proteger a fruta

Registro (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 168 — inferior**

Antônio dos Santos Oliveira em meio à colheita na cooperativa Lavrador

Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 170**

Vista da barra do Rio Juquiá

Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 171**

Ruínas de uma igreja católica na região da barra do Rio Juquiá

Registro (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 172 e 173**

Vista do Ribeira na região de Sete Barras (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 174 — no alto**

Derrubadas nas margens do Ribeira

Sete Barras (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 174 — inferior**

Ponte sobre o Ribeira Sete Barras (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 175 — no alto**

Casarão colonial Sete Barras (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 175 — inferior**

Manifesto da Cultura Racional Sete Barras (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 176**

João de Santo Rosa

Lavrador e artesão

Quilombo Sapatu, Eldorado (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 177**

Esperança Ramos (*in memoriam*)

Artesã

Quilombo Sapatu, Eldorado (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 178**

Ditão (Benedito Alves da Silva)

Líder quilombola, agricultor e monitor ambiental

Quilombo Ivaporunduva, Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 180 e 181**

Aspecto do cotidiano

Quilombo Ivaporunduva, Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 182 e 183**

Bananal às margens do Ribeira, com a igreja de São João do Quilombo Ivaporunduva se destacando ao fundo

Quilombo Ivaporunduva, Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 184 e 185**

Aparício Marinho e Cacilda da Silva Marinho

Lavradores

Quilombo Ivaporunduva, Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 186 e 187**

Jovita de França, quilombola

Quilombo Galvão, Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 191**

Mata Atlântica, sertão do médio Ribeira, próximo a Eldorado.

**Autor:** Ricardo Martinelli.

**Páginas 192 e 193**

Os gêmeos Ana Clara Morato

Dias e Ariel Morato Dias

Quilombo São Pedro, Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 194 e 195**

Casas de taipa, construção tradicional no interior do Vale do Ribeira, sede do Quilombo Piririca

Quilombo Piririca, Iporanga (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 196 e 197**

Reginaldo Dias Ramos e José

Quilombo Piririca, Eldorado (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 198**

Cacique Timóteo Verá Tupã

Popygua

Líder indígena

Aldeia Takuari, Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 199**

Terras da Aldeia Takuari, Eldorado (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 200**

Cacique Timóteo Verá Tupã

Popygua empunhando arco de caça

Líder indígena, escritor e

pesquisador da cosmologia

Guarani

Aldeia Takuari, Eldorado (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 202 e 203**

Paisagem do Rio Ribeira com formação de banco de areia

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 204 — no alto**

Renato Moreira

Artesão

Quilombo André Lopes, região de Eldorado (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 204 — inferior**

Paisagem do Ribeira nas proximidades da Caverna do Diabo

Eldorado (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 206**

Juliane Jamile de Almeida

Monitora Ambiental

Quilombo André Lopes, região de Eldorado (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 207**

Acesso turístico da Caverna do Diabo

Região de Eldorado (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 208 e 209**

Casarão da época dos tropeiros às margens do Rio Ribeira

Região de Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 210**

Ana Beatriz Nestlehner (na foto acima) e Arlete Nestlehner

Arquitetas, Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 211 — no alto**

Coleção de peças históricas na casa de Arlete e Bia Nestlehner

Região de Iporanga (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 211 — inferior**

Móveis de época na casa de

Arlete e Bia Nestlehner, com o

Ribeira ao fundo, através da porta

Região de Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 212 e 213**

Coleção de ferramentas rústicas e antigas na casa de Arlete e Bia

Nestlehner

Região de Iporanga (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 214 e 215**

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 216**

Igreja de Nossa Senhora do

Livramento; e um dos lampiões

trazidos da Bélgica na época em

que Iporanga prosperava com o

comércio dos tropeiros. Uma das

primeiras cidades brasileiras a ter

iluminação pública

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 217**

Fumo de corda

Pedro Dias Peniche (Taiada)

Morador originário do Quilombo

Bombas, no Alto Ribeira

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 218 e 219**

Água e céu, a barra do Iporanga

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 220**

Janayna de Oliveira Franco

Artesã

Iporanga (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 221**

Arte em vidro reciclado da artesã

Janayna de Oliveira Franco

Iporanga (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 222 e 223**

Joana Dias Oliveira

Procissão fluvial de Nossa

Senhora do Livramento

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 224**

Procissão fluvial de Nossa

Senhora do Livramento

Iporanga (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 225**

José Aironildo Magalhães da Silva

A barca que transporta a imagem

de Nossa Senhora do Livramento

durante a procissão

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 226 e 227**

Todos seguem a imagem de

Nossa Senhora do Livramento

durante a procissão, em qualquer

material que flutue

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 228 e 229**

Procissão fluvial de Nossa

Senhora do Livramento

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 230 — no alto**

Ribeira radical: travessia de

tirolesa sobre a calha do rio

Iporanga (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 230 — inferior**

Valdemar Antonio Costa (Dema)

Técnico em Recursos Ambientais

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 231**

Cachoeira na caverna Ouro

Grosso — Petar

Região de Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 232**

Jurandir Aguiar dos Santos

Monitor de espeleoturismo

Iporanga (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 234**

Casa típica de área rural  
Taquaruvira, Iporanga (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 235**

Cachoeira do Taquaruvira  
Iporanga (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 236 e 237**

Nas serras, o Ribeira serpenteia  
entre morros, florestas e  
pastagens  
Iporanga (SP)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 238**

Casas tradicionais da região das  
serras  
Caminho na divisa entre São Paulo  
e Paraná, entre o Rio Ribeira e o  
Rio Pardo  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 239**

Balsa puxada na mão por cordas,  
no caminho para o Quilombo  
João Surá  
Interior do município de  
Adrianópolis, PR  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 240 e 241**

Manada de búfalos nas serras  
Interior do município de  
Adrianópolis, PR  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 242**

Clarinda de Andrade Matos e as  
crianças quilombolas  
Agricultora e líder da comunidade  
quilombola João Surá  
Quilombo João Surá, município  
de Adrianópolis, PR  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 243**

Casas típicas de interior na  
comunidade quilombola João Surá  
Quilombo João Surá, município  
de Adrianópolis, PR  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 244 e 245**

João Martinho de Andrade  
Pereira  
Agricultor e músico  
Vila de Guaracuí, Quilombo João  
Surá, PR  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 246 — no alto**

Sementes de variedade de feijão  
tradicional da região quilombola  
há mais de 200 anos  
Vila de Guaracuí, Quilombo João  
Surá, PR  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 246 — inferior**

Sementes de arroz tradicionais da  
região. O modelo de agroecologia  
do quilombo paranaense é objeto  
de estudo por suas características  
de cooperatividade, eficiência  
energética e produção de  
sementes. O conceito da  
agricultura tradicional é manter  
a comunidade unida e os filhos  
próximos às famílias  
Vila de Guaracuí, Quilombo João  
Surá, PR  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 247 — no alto**

Irani Matos de Cristo, esposa de  
João Martinho: agricultora segura  
com orgulho o milho de variedades  
cultivadas há mais de 200 anos  
em roça tradicional considerada  
agroecologia e patrimônio cultural  
no Quilombo João Surá  
Vila de Guaracuí, Quilombo João  
Surá, PR  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 247 — inferior**

Sementes de milho endêmicas da  
região  
Vila de Guaracuí, Quilombo João  
Surá, PR  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 248**

Casa na vila do Quilombo João  
Surá, PR  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 249**

Do outro lado do Ribeira, fica o  
Quilombo Praia Grande, região  
do interior de Adrianópolis, PR  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 250**

Embarcações tradicionais  
Interior de Adrianópolis, PR  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 251**

Paisagem do Alto Ribeira  
Interior de Adrianópolis (PR)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 252**

Lorival Izidoro. Antigo plantador  
de mamão, cultivo predominante  
em décadas passadas, hoje  
substituído por pinus e eucaliptos  
Porto Novo, Adrianópolis (PR)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 253**

Lorival Izidoro. Antigo plantador  
de mamão, em sua casa  
Porto Novo, Adrianópolis (PR)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 254**

Caminhos das serras  
Interior de Adrianópolis (PR)  
**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 255**

José Maria Rodrigues de  
Andrade  
Balseiro  
Travessia do Ribeira entre  
Paraná e São Paulo  
Itaoca (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 256**

Travessia do Ribeira entre  
Paraná e São Paulo  
Itaoca (SP)  
**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 257**

Teleférico para transporte de minério de calcário pelas serras. Antigos caminhos de tropeiros, hoje elas escoam, por cabos, o minério escavado das montanhas Itaoca (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 258**

Ivan Rufino (Ivan do Carro de Boi) explora artesanalmente a areia das margens do Ribeira, usando apenas sua pá e seu pequeno carro puxado por dois bois — além da alegria e da paz que demonstra ao trabalhar entoando suas próprias canções Areiro, músico e lavrador Itaoca (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 259**

Ivan Rufino (Ivan do Carro de Boi)

Areiro, músico e lavrador Itaoca (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 260 e 261**

Rose (Rosinei Rodrigues de Andrade)

Produtora de farinha artesanal Itaoca (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 262**

O estreito no leito do rio chamado “varadouro”, pois os barqueiros eram obrigados a “varar” a mata carregando o barco devido à forte correnteza formada nesse trecho. Na imagem, o fotógrafo Paulo Jolkesky

Interior de Itaoca (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 263**

As águas turbulentas do “varadouro” no interior de Itaoca (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 264 e 265**

As águas passam rápido pelo “varadouro” no interior de Itaoca (SP).

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 266**

Dito-Bento (Benedito Dias da Silva)

Lavrador

Sítio Varadouro, Itaoca (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 268**

Américo Gonçalves

Líder quilombola e lavrador

Quilombo Porto Velho, região de Itaoca (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 269**

“Santinhos” de políticos queimados no Quilombo Porto Velho Região de Itaoca (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 270 e 271**

O fotógrafo Paulo Jolkesky no interior do antigo túnel da mina de chumbo, operado pela extinta Mineração Plumbum nas serras, até a década de 1960

Vila Motta, interior de

Adrianópolis (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 272**

Rayssa, enquanto seu pai Lauredi nos conta sobre sua relação com a região e o Rio Ribeira. Sua casa construída em madeira fica próxima à barra do Ribeirão Grande, onde se forma um largo no Rio Ribeira

Barra Grande, interior de Adrianópolis (PR).

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 273**

Lauredi Dionísio, operário e pintor, com sua esposa Cristina Isabel Barra Grande, interior de Adrianópolis (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 275 — no alto**

Levi Dias da Silva

Empresário na produção de doces artesanais

Vila Caraça, interior de Itaoca (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 275 — inferior**

O chão que se pisa

Vila Caraça, interior de Itaoca (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 276 e 277**

Luis Dias da Silva e Dijanira

Jacinto da Silva faziam 66 anos de casados nesse dia

Vila Caraça, interior de Itaoca (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 279**

Luis Dias da Silva com o retrato de seu pai, que morava ali, na mesma casa, à beira do Rio Ribeira Vila Caraça, interior de Itaoca (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 280 e 281**

Dijanira Jacinto da Silva

Vila Caraça, interior de Itaoca (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 282**

Milton Dias de Lima

Criador de gado

Vila Caraça, interior de Itaoca (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 283**

Milton Dias de Lima na lida com o leite

Vila Caraça, interior de Itaoca (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 284 e 285**

As luzes da cidade de Ribeira (SP), refletidas nas águas do Ribeira

Ribeira (SP)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 286 — no alto**

Luan Rodrigues da Silva,  
Anderson da Silva Santos e João  
Brendan Bernardi formam a  
banda The Haisers  
Estudantes

Vila Motta, interior de  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 286 — inferior**

Brendan (João Brendan Bernardi)  
Estudante

Vila Motta, interior de  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 288 e 289**

O desenvolvimento de indústria de  
cimento traz empregos e desafios  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 290**

Casa tradicional da região  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 291**

Desenvolvimento e os desafios à  
preservação  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 292 e 293**

Ponte na divisa de estados, entre  
Ribeira (SP) e Adrianópolis (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 294**

Germano Dias Bertioti  
Lavrador

Adrianópolis (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 295**

Caminhonete carregada de cana-  
-de-açúcar do Sr. Germano Dias  
Bertioti

Adrianópolis (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 296 e 297**

Um domingo alegre em  
família em um sítio nas serras  
paranaenses.

Ana Kevilin de Lima Ferreira,  
Ivani Rodrigues de Lima, Samara  
Rodrigues, Sarah Rodrigues e  
Emilyn A. Barbiote de Lima

Ilha Rasa, interior de  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 299**

Dona Levina Coutinho Rodrigues  
de Lima

Agricultora

Ilha Rasa, interior de  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 300 — no alto**

O fotógrafo Ricardo Martinelli  
apresenta imagens do Projeto  
Retratos do Ribeira para a  
família de Dona Levina Coutinho  
Rodrigues de Lima

Ilha Rasa, interior de  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 300 — inferior**

Lucimara Rodrigues de Lima  
com a carta a ser entregue para  
um apresentador de televisão  
Ilha Rasa, interior de  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 301 — no alto**

Ivani Rodrigues de Lima  
cuidando de tudo depois de um  
grande almoço que reuniu toda  
a sua família no sítio de Dona  
Levina, sua mãe

Ilha Rasa, interior de  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 301 — inferior**

Sítio na região serrana, às  
margens do Rio Ribeira de Iguape  
Ilha Rasa, interior de  
Adrianópolis (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 302**

Zé (José Bestel), em frente à  
corredeira batizada com seu nome  
Estrada Ribeira Abaixo, Mato  
Preto (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 303**

A plantação de mandioca de Zé  
Bestel em frente à “Corredeira do  
Zé”, um dos pontos altos para a  
prática de canoagem no Alto Ribeira  
Estrada Ribeira Abaixo, Mato  
Preto (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 304 e 305**

Estrada Ribeira Abaixo,  
acompanhando o leito do  
Ribeira pelos cânions nas serras  
paranaenses  
Mato Preto (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 306 e 307**

Exploração de areia por  
dragagem do leito do Rio  
Ribeira, na região em que corta o  
município de Cerro Azul  
Mato Preto (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 308 — no alto**

Casa às margens do Rio Ribeira  
na região de corredeiras  
Cerro Azul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 308 — inferior**

*Rafting* no Alto Ribeira  
Cerro Azul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 309**

Luiz Augusto Merkle em  
atividade como guia de *rafting*.  
No alto da serra, atividades  
esportivas de canoagem e *rafting*  
são possíveis devido a uma longa  
extensão de corredeiras  
Cerro Azul (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 310 e 311**

Esporte radical nas corredeiras do Alto Ribeira  
Cerro Azul (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 312**

Casa em arquitetura tradicional alemã, oriunda da colonização  
Cerro Azul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 313**

Casa em arquitetura tradicional alemã, oriunda da colonização  
Cerro Azul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 314 e 315**

Fernando Luís de Andrade e Paulo de Andrade  
Lavradores

Pai e filho construindo sua casa de madeira, construção típica do interior do Paraná.

Volta Grande do Ribeira, Cerro Azul (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 316**

Fernando Luís de Andrade  
Lavrador

Volta Grande do Ribeira, Cerro Azul (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 318 e 319**

Zeni N. Martins Coutinho  
Agricultora, preparando um tacho de doce

Região de São Sebastião, Cerro Azul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 320**

Enéas José Coutinho  
Agricultor, com balde de raspa para doces  
Região de São Sebastião, Cerro Azul (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 321**

Formas para a produção de doces artesanais

Região de São Sebastião, Cerro Azul (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Páginas 322 e 323**

Jair Oliveira Coutinho

Agricultor

Região de São Sebastião, Cerro Azul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 324 e 325**

Corredeiras em lajeado no Alto Ribeira

Região da confluência do Rio Ponta Grossa, Cerro Azul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 326 e 327**

Leito pedregoso do Alto Ribeira

Região de Água Branca, Rio Branco do Sul (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 328**

Miguel Schineider

Agricultor

Barra do Jacaré/Água Branca, Rio Branco do Sul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 330**

Francisco Schineider e Maria de Jesus Schineider

Agricultores

Região a jusante da confluência, Rio Branco do Sul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 332 e 333**

Cânion do leito do Rio Ribeirinha a montante da confluência que forma o Rio Ribeira de Iguape

Rio Branco do Sul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 334**

Correntezas na confluência do Rio Ribeirinha a montante da confluência com o Rio Açungui, onde se forma o Rio Ribeira de Iguape

Rio Branco do Sul (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 335**

Cascudo

Ribeirinha, Rio Branco do Sul (PR)

**Autor:** Ricardo Martinelli

**Página 336 — no alto**

Joelma Schineider

Trabalhadora rural

Região da confluência dos Rios

Ribeirinha e Açungui

Rio Branco do Sul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 336 — inferior**

Casa às margens do Rio Açungui, a montante da confluência em que nasce o Ribeira. À porta, Salvador Couto dos Santos.

Região da confluência dos Rios

Ribeirinha e Açungui

Rio Branco do Sul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Páginas 338 e 339**

Alto da Serra

Interior de Cerro Azul (PR)

**Autor:** Paulo Jolkesky

**Página 340**

Vistas de Iguape/Arquivo

Público do Estado de São Paulo

**Autor:** Jorge De Valhery

**Página 355**

Vistas de Iguape/Arquivo

Público do Estado de São Paulo

**Autor:** Jorge De Valhery

**Quarta capa**

Vista da sala

Iporanga (SP)

**Autor:** Paulo Jolkesky





Este livro foi produzido na cidade do Rio de Janeiro pela Fundação Nacional de Artes (Funarte) na fonte Bell MT nos textos principais e impresso na Triunfal Gráfica e Editora, no primeiro semestre de 2022.

“Esse rio aí faz tempo que tá com dó de nós.  
Não tem dado nem uma enchentinha!”  
Jovita, Quilombo Galvão

